



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**ANA LUIZA MEDEIROS**

**A PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO HIGIENISTA NO JORNAL DAS MOÇAS (1926)**

**NATAL, RN  
2012**

**ANA LUIZA MEDEIROS**

**A PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO HIGIENISTA NO JORNAL DAS MOÇAS (1926)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Basílio Novaes Thomaz de Menezes.

**NATAL, RN  
2012**

**UFRN/Biblioteca Central Zila Mamede.  
Catalogação da Publicação na Fonte.**

Medeiros, Ana Luiza Medeiros.

A perspectiva da educação higienista no Jornal das Moças (1926) / Ana Luiza Medeiros.  
Natal, RN, 2012.

107 ; il.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Basílio Novaes Thomaz de Menezes.  
Dissertação (Mestrado) ó Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de  
Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

1. História da Educação ó Rio Grande do Norte ó Dissertação. 2. Imprensa periódica ó  
Caicó, RN ó Dissertação. 3. Higienismo ó Dissertação. 3. Discurso higienista ó Dissertação.  
4. Jornal das Moças (1926) ó Dissertação. I. Menezes, Antônio Basílio Novaes Thomaz de. II.  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

UFRN/BCZM

CDU 37(091)(81)

**ANA LUIZAMEDEIROS**

**PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO HIGIENISTA NO JORNAL DAS MOÇAS (1926)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Antônio Basílio Novaes Thomaz de Menezes - UFRN  
Orientador

---

Profª. Dra. Maria Arisnete Câmara de Morais - UFRN  
Examinador Interno

---

Prof. Dr. Manoel Pereira Rocha Neto - UFP  
Examinador Externo

---

Profª. Dra. Marlúcia Menezes de Paiva - UFRN  
Examinador Suplente

Aprovado em 09 de agosto de 2012.

Pelo apoio amoroso, esta dissertação é dedicada a minha mãe Ruth.  
E ao Guguinha, saudoso amigo que ganhou as asas da liberdade  
neste ano.

## **AGRADECIMENTOS**

**Q**uase terminei a escrita desta dissertação e, antes que se deite a pesada capa sobre o calhamizo de folhas, e descanse do seu labor a pena cansada, acorre-me o ímpeto que me conduz ao começo desta tarefa e me faz relembrar os dizeres de um mestre: ôQuem é sábio? Aquele que encontra sempre algo a aprender com os outros.ô

Por isso, reconheço que o produto do trabalho intelectual, que ora apresento, é a conjugação dos saberes consolidados pelos teóricos aos quais tive o privilégio de me reportar, bem como do que foi construído na coletividade, com meus professores e colegas do Programa de Pós-Graduação em Educação.

Agradeço ao Professor Doutor Antônio Basílio Thomaz Novaes de Menezes, por entender e respeitar a condução do meu raciocínio na complexa fase da escrita desta dissertação. Ter o privilégio da sua orientação significou, para mim, a oportunidade de realizar uma feliz incursão pelos meandros da necessária teoria, há algum tempo submersa no profundo abismo tecnicista.

Aos professores e colegas das bases de pesquisa Fundamentos da Educação e Práticas Culturais e História da Educação, Literatura e Gênero, cujo contato me propiciou um enriquecimento intelectual que levarei para toda a minha vida.

Devo muito às professoras Marlúcia Menezes de Paiva, Maria Arisnete Câmara de Moraes e Marta Maria de Araújo.

Não posso deixar de externar a minha gratidão aos colegas que estiveram comigo em diferentes momentos deste trabalho de pesquisa, pelo apoio recebido, Marta Rodrigues Bezerra, Francinaide de Lima Silva, Maria da Guia Souza, Karoline Louise da Silva Costa, Anderson Tavares, Euclides Teixeira Neto, Flávio José de Oliveira Silva, Sebastião Maia.

Como também:

À querida Professora Ana Zélia Maria Moreira, pelo desvelo com que tem recolhido os elementos alusivos à História Regional do Seridó e socorrido a pesquisa, com seu rico acervo temático.

Ao corpo técnico do Programa de Pós-Graduação em Educação, os sempre prestimosos Milton José Câmara dos Santos, Edenise Kelli de Lima Araújo, Letissandra da Silva e Silva.

Agradeço, ainda, às pessoas que se dedicam a preservar a memória bibliográfica e documental das bibliotecas e arquivos, que consultamos para a constituição desta dissertação, como o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, a Biblioteca

Nacional, que disponibiliza informações preciosas sobre a produção bibliográfica nacional, por meio de seu catálogo, o Laboratório de Documentação Histórica do Centro de Ensino Superior do Seridó, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

Não posso deixar de mencionar os meus colegas de trabalho. Obrigada pelo apoio incondicional.

E, finalmente, agradeço ao Eterno, de quem foram conhecidos todos os meus pensamentos, antes que se tornassem palavras nesta dissertação.

*O desejo diz: ôEu não queria entrar nesta ordem arriscada do discurso; não queria ter de me haver com o que tem de categórico e decisivo; gostaria que fosse ao meu redor como uma transparência calma, profunda, indefinidamente aberta, em que, os outros respondessem à minha expectativa, e de onde as verdades se elevassem, uma a uma; eu não teria senão de me deixar levar, nela e por ela, como um destroço felizö. E a instituição responde: ôVocê não tem porque temer começar; estamos todos aí para lhe mostrar que o discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida de sua aparição; que lhe foi preparado um lugar que o honra mas o desarma e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele advém.ö*

*Michel Foucault*

## RESUMO

O estudo que ora se apresenta, examina a formação e aparição do discurso da educação higienista no *Jornal das Moças*, em 1926, ano de criação do periódico, na cidade de Caicó. Para tanto, partimos da hipótese de que ele se constituiu em um privilegiado veículo para a intervenção educativa da sociedade caicoense, no período inicial do Regime Republicano, reconhecido pelas intensas movimentações sociais. Para a execução do proposto, optou-se pela base teórica estabelecida pelo paradigma historiográfico instaurado pela Escola dos *Annales*, que permitiu a conjugação entre os pressupostos conceituais de Norbert Elias, Roger Chartier e Michel Foucault, com vistas a abranger um estudo da configuração social em que se formou a prática discursiva disposta no jornal em estudo, tendo como linha investigativa as proposições da história cultural. Quanto à compreensão e tratamento metodológico do discurso, contido como prática materialmente construída, aderiu-se ao enfoque analítico apresentado nas postulações *foucaultianas*, nas quais são considerados os conjuntos das formações enunciativas, esparsas em fontes e documentos que, coligidas, formam grupos de enunciados pertinentes à descrição de um mesmo objeto. A principal fonte de pesquisa foi a coleção dos números do Jornal das Moças, editados, apenas, em 1926, parte dela composta por peças documentais originais, a que tivemos acesso nos locais de pesquisa durante o esforço investigativo, como o Acervo da Biblioteca Central Zila Mamede, o Laboratório de Documentação Histórica do Centro de Ensino Superior do Seridó, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Desse modo, constatou-se que a prática discursiva que se examinou, na constituição desta dissertação, foi um meio para a compreensão das representações advindas do momento histórico e social das primeiras décadas do século XX, quando se tornam evidentes as articulações discursivas de uma prática pedagógica como dispositivos higienistas.

**Palavras-chave:** História da Educação. Higienismo. Discurso. Imprensa periódica. Jornal das Moças (1926).

## ABSTRACT

The study presented here examines the formation and appearance of the hygienist discourse of education in the *Jornal das Moças*, in 1926, year of birth of the journal, in the city of Caicó. The starting point was the hypothesis that the same constituted a privileged vehicle for educational intervention society in the early period of the Republican Regime, recognized by the intense social movements. For the implementation of this recommendation, we opted for the theoretical basis established by the change in paradigm brought by the *Annales* School, which allowed the combination of the conceptual assumptions of Norbert Elias, Roger Chartier and Michel Foucault, in order to cover a study of the social setting in that formed the discursive practice prepared under study in the journal, with the online investigative propositions of cultural history. As for understanding and methodological treatment of speech, contained materially constructed as practice, adhered to the analytical approach presented in Foucault's postulates, which are considered in the training sets of enunciation, sketchy sources and documents, collected from groups of statements pertaining to description of the same object. The main source of research was the collection of numbers from the Journal of Young Women, published only in 1926, part of it consists of original documentary material, we had access to research sites during the investigative effort, as the Central Library Zila Mamede collection, the Laboratory for Historical Documentation Center of Higher Education of the Seridó, Federal University of Rio Grande do Norte. Thus, it was found that the discursive practices that examined the constitution of this work was a means for understanding the representations resulting from the historical and social moment in the early decades of the twentieth century, in which the joints become evident in a discursive pedagogical practice as hygienists devices.

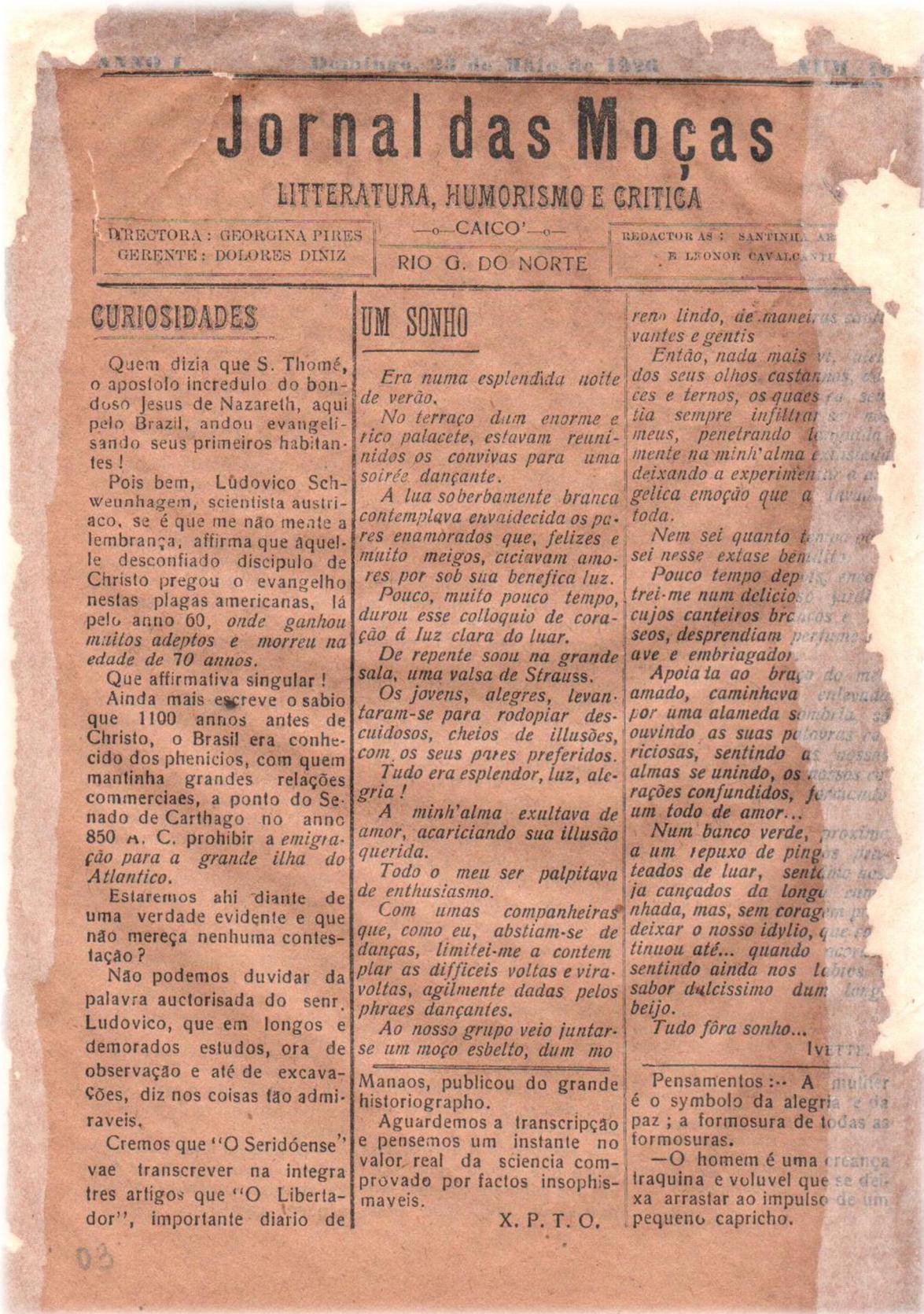
**Keywords:** History of Education. Hygienism. Speech. Periodical Press. *Jornal das Moças* (1926).

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                        |                                                          |    |
|------------------------|----------------------------------------------------------|----|
| <b>Figura 1 -</b>      | Página avulsa do Jornal das Moças                        | 12 |
| <b>Fotografia 1 -</b>  | Ateliê de costura. Década de 1920                        | 47 |
| <b>Fotografia 2 -</b>  | Esperidião Eloy de Medeiros e filhos. Década de 1920     | 48 |
| <b>Fotografia 3 -</b>  | Júlia Medeiros votando, em eleição de 5 de abril de 1928 | 48 |
| <b>Fotografia 4 -</b>  | Grupo de defensores de Caicó                             | 52 |
| <b>Fotografia 5 -</b>  | Inauguração do Hospital do Seridó                        | 57 |
| <b>Fotografia 6 -</b>  | Frederic Lowe Soper (1893-1877)                          | 61 |
| <b>Fotografia 7 -</b>  | Inspetor do Serviço de Febre Amarela nas casas           | 62 |
| <b>Fotografia 8 -</b>  | Antigo mercado público de Caicó                          | 63 |
| <b>Fotografia 9 -</b>  | Cheia do Rio Barra Nova, em 1924                         | 64 |
| <b>Fotografia 10</b>   | Caicó, década de 1920                                    | 68 |
| <b>Fotografia 11 -</b> | Sabonete Aristolino                                      | 71 |
| <b>Fotografia 12 -</b> | Júlia Medeiros                                           | 72 |
| <b>Fotografia 13 -</b> | Antigo prédio da Intendência Municipal de Caicó          | 74 |
| <b>Fotografia 14 -</b> | Grupo Escolar õSenador Guerraö                           | 78 |

# **SUMÁRIO**

|          |                                                                                |           |
|----------|--------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO</b>                                                              | <b>13</b> |
| <b>2</b> | <b>A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA</b>                                                | <b>19</b> |
| <b>3</b> | <b>EDUCAR É A SOLUÇÃO: A PERSPECTIVA HIGIENISTA NO JORNAL DAS MOÇAS (1926)</b> | <b>29</b> |
| <b>4</b> | <b>O DISCURSO DA EDUCAÇÃO HIGIENISTA NO JORNAL DAS MOÇAS (1926)</b>            | <b>40</b> |
| 4.1      | DISCURSO HIGIENISTA DA EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE                                   | 54        |
| 4.2      | DISCURSO HIGIENISTA DA EDUCAÇÃO CIVILIZATÓRIA                                  | 65        |
| <b>5</b> | <b>CONCLUSÃO</b>                                                               | <b>79</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS</b>                                                             | <b>83</b> |
|          | <b>ANEXO</b>                                                                   | <b>92</b> |



**Figura 1 – Jornal das Moças.**  
Fonte: Acervo da Biblioteca Central Zila Mamede/UFRN.

## 1 INTRODUÇÃO

Os documentos não surgem, aqui ou ali, por efeito de não se sabe qual misterioso decreto dos deuses. Sua presença ou ausência em tais arquivos, em tal biblioteca, em tal solo deriva de causas humanas que não escapam de modo algum à análise, e os problemas que sua transmissão coloca, longe de terem apenas o alcance de exercício de técnicos, tocam eles mesmos no mais íntimo da vida do passado, pois o que se encontra assim posto em jogo é nada menos do que a passagem da lembrança através das gerações.

Bloch, 2001.

O Brasil das primeiras décadas do século XX foi marcado pelo movimento da sociedade rumo a sua inserção no projeto de modernização nacional. A intensa produção cultural desse período oportuniza o exame das representações cristalizadas nos discursos que foram veiculados em profusão, nos anos antecedentes à década de 1930.

A presente dissertação procura evidenciar o discurso da educação higienista no *Jornal das Moças*, no ano de 1926, reconhecendo nesse objeto de pesquisa um espaço de veiculação dos anseios de modernização perpetrados pelos ideais e concepções higienistas, na cidade de Caicó.

A escolha do referido jornal, como principal fonte documental desta pesquisa, foi devida ao manuseio de inúmeras fontes históricas que compõem o acervo raro e precioso da Biblioteca Central Zila Mamede (BCZM), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), local onde desenvolvemos nossas atividades laborais concernentes ao cargo de Bibliotecária Documentalista.

O conhecimento técnico do tratamento das coleções bibliográficas, aliado ao estudo da análise bibliológica dos itens, tem sido fomentado desde que aderimos ao centenário curso de Bacharelado em Biblioteconomia e Documentação, da Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO), criado nos porões da Biblioteca Nacional, em 1911, lugar onde nos foi possibilitado adentrar, na condição de estagiária, e que vivenciamos o pleno exercício da prática na Divisão de Obras Raras daquela casa, mãe de todas as outras instituições nacionais de preservação da memória bibliográfica.

Já nos limites da BCZM, preponderante foi a leitura bibliológica do universo documental a que nos referimos, considerando, para tanto, o reconhecimento dos itens documentários e a sucessiva formação de conjuntos ou *corpus* documentais, a partir dos quais, potenciais investigações poderiam ser propostas.

Foi nessa conjuntura que voltamos nossa atenção para o Jornal das Moças. A leitura da crônica ingênua e pulsante sobre o quotidiano de uma cidade situada para as bandas do sertão nordestino, cuja interlocução, mediada pelas falas femininas, representou os acontecimentos que marcaram aquele período; não demorou a revelar sentidos menos superficiais dos escritos ali dispersos. Em razão disso, houve um crescente interesse pelo Jornal das Moças, da sua concepção e seus idealizadores, à conjuntura histórica e social em que se deu a sua criação, como também, pelas pesquisas que se lançaram ao seu aporte documental.

Mesmo assim, desconhecemos as circunstâncias em que o conjunto de exemplares do Jornal das Moças, editados no ano de 1926, foi agregado às outras fontes históricas que se somam e se completam na referida coleção, reconhecida pelo seu valor histórico e cultural. Mas, entendemos que, graças ao interesse de algum colecionador em perpetuar uma memória ou pelo simples zelo de guardar, foi-nos possibilitada a escolha, ou a crítica do periódico, dentre os outros documentos daquela rica coleção, como uma evidente fonte histórica para esta pesquisa.

O levantamento bibliográfico sobre o cenário da pesquisa em História da Educação, no âmbito do Rio Grande do Norte, revelou a consolidação daquele jornal como uma precípua fonte para a reconstituição histórica dos movimentos sociais e estudos centrados nas décadas iniciais do Século XX, quando a imprensa periódica surge como um importante agente de

transformação social. Com efeito, na intenção de formar opinião e engendrar mentalidades em seu público leitor, mediante seus escritos, o Jornal das Moças harmonizou-se com o pensamento educacional de seu tempo.

Dessa forma, propomos ao Programa de Pós-Graduação em Educação, por meio da linha de pesquisa *História da Educação, Práticas Sócio-Educativas e Usos da Linguagem*, trazer à evidência o aspecto educativo do Jornal das Moças.

Nesse sentido, o Jornal das Moças, foi arrolado como fonte para as produções do Núcleo "Nísia Floresta" de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher e Relações Sociais de Gênero (NEPAM), bem como em relevantes trabalhos acadêmicos provenientes de bases de pesquisas nas áreas das Ciências Humanas, por projetar-se, essencialmente, como meio documental para as investigações sobre gênero e os anseios de modernidade e civilização, propalados nas décadas iniciais do século XX.

Portanto, no levantamento dessa produção, destacamos os seguintes títulos:

*Jornal das Moças (1926-1932): educadoras em manchete*, trabalho dissertativo apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio do Norte (UFRN), em que Rocha Neto (2002) analisa as práticas de escritas das fundadoras do jornal, considerando para o estudo os aspectos educacionais e os estudos de gênero com base na investigação do quadro de relações de poder estabelecido no jornal e, portanto, constituído em torno dos principais anseios da sociedade, na década de 1920.

*Lendo o masculino pelo feminino*, de Medeiros (2003), monografia apresentada ao Departamento de História, do Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES/UFRN), na qual Oliveira (2003), à luz das abordagens sobre gênero, analisa a contribuição do corpo de colaboradores do sexo masculino junto ao Jornal das Moças, órgão eminentemente dirigido por mulheres e voltado para o público feminino da Caicó dos anos 1920.

*Caicó: uma cidade entre a recusa e a sedução*, dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da UFRN, em que Andrade (2007) faz estudo histórico e social sobre a formação da espacialidade urbana na cidade de Caicó, objetivando realçar a dialética entre a negação dos modelos cristalizados pelo Antigo Regime e a implantação do paradigma modernista, que se apresentou entre as décadas de 1920 a 1930, do século passado, com base na leitura dos fragmentos de memória, entre os quais, consta o Jornal das Moças.

Os escritos supracitados descrevem o jornal em estudo partindo do meridiano estabelecido para a sua constituição, entretanto, consideramos que, para a compreensão da

natureza do Jornal das Moças e do que se representou para a sociedade, torna-se necessário que nos reportemos à descrição empreendida por Rocha Neto (2002):

[...] uma publicação semanal dedicada ao interesse da mulher. Sua circulação iniciou-se no dia 07 de fevereiro de 1926, na cidade de Caicó, Rio Grande do Norte. Além de editado pela professora Georgina Pires e gerenciado por Dolores Diniz, o periódico contava também com as redatoras Júlia Medeiros, Santinha Araújo, Maria Leonor Cavalcante, Julinda Gurgel, como também várias moças da sociedade caicoense. Esse grupo de mulheres se propunha a escrever sobre literatura, humorismo e críticas com relação à condição da mulher na sociedade norte-rio-grandense. Colaboravam também para o jornal os senhores Renato Dantas, Janúncio Bezerra da Nóbrega e José Gurgel de Araújo. A folha enquadrava-se nos padrões dos grandes jornais da época no estado, no que se refere às técnicas gráficas [...]. Fato inédito para um jornal feminino no Rio Grande do Norte, visto que os jornais editados por mulheres, em sua grande maioria, eram manuscritos. Ao passo que o tablóide de Caicó já utilizava técnicas jornalísticas, como a diagramação, formato de três colunas, distribuição nas bancas da cidade como também as assinaturas de seus exemplares. (ROCHA NETO, 2002, p. 14-15).

Como também, ao artigo constante do próprio jornal, assinado por P.S. (1926), em que se refere nestes termos:

Porém já foi um marco que ficou plantado nos Annaes do nosso intelectualismo feminino. E isto deve ser a nossa única recompensa. Portanto, vós, fundadoras do Jornal das Moças, sois portadoras por todos os títulos, com golpes de esforço e tenacidade, de um gesto de grandeza e patriotismo. (P.S., dez. 1926).

Sobressai-nos a consciência das redatoras no tocante à necessária inserção feminina na imprensa periódica local, de modo a suprir a carência de meios que atingissem o público feminino, cumprindo a tarefa de formar consciências e educar pessoas. A despeito disso, o subtítulo do Jornal das Moças, *Literatura, Humorismo e Crítica*, enseja a existência de um discurso que se eleva para além das causas feministas em ampla discussão, na época, tendo em vista as conquistas realizadas nesse campo como, por exemplo, o direito ao sufrágio feminino que, no Brasil, aconteceu na cidade de Mossoró, RN, dois anos após a criação do jornal. Ademais, a presença do elemento masculino no seu conjunto de colaboradores, ainda que sob o estratagema do uso de pseudônimos femininos, revela ao seu leitor uma força argumentativa que se sobreponha aos fatos do cotidiano social e às trovas de amor, receitas femininas ou notícias comprometidas com o dia a dia das moças, filhas das famílias pertencentes à sociedade local. De fato, esses assuntos estão presentes nos escritos, mas constam nas páginas do jornal a entusiasmada notícia sobre a modernidade que se

implantava nos grandes centros do Brasil Republicano e o desejo vanguardista de sua chegada ao sertão.

Assim, o conhecimento das ações modernizantes impulsionadas pelas grandes mudanças políticas e sociais ocorridas no país, ao alcançarem a cidade de Caicó, não passavam despercebidas pelo grupo de redatores do Jornal das Moças. Fossem os artigos noticiosos ou reivindicatórios, eles se faziam chegar aos olhos dos sertanejos, por meio do periódico, conclamando-os a pensar de forma crítica e educando-os com vistas à adesão dos hábitos próprios do processo civilizador, peculiares ao movimento higienista, que teve sua difusão no Brasil em fins do século XIX para o início do XX. Um movimento que, respaldado pelas elites, preconizou a ordem social através das ações de controle, nos aspectos urbanos, médico-sanitário ou educacional, a fim de subsidiar o plano de modernidade que veio a se espalhar pelo mundo Ocidental, por meio de um conjunto de manifestações políticas, artísticas e literárias. Especificamente, no Brasil, os movimentos pela modernização significaram o empenho civil em romper com as heranças do Velho Regime e a superação do sentimento em que predominava o país em relação ao modelo europeu.

Essa breve contextualização justifica a opção pelo o recorte temporal do Jornal das Moças, o ano de 1926, como propício para análise das recorrentes referências ao ideário modernizador educativo-higienista, enunciados naquele meio de comunicação.

Baseou-se esta pesquisa na hipótese de que o Jornal das Moças constituiu-se em um importante veículo para uma elite letrada pertencente à cidade de Caicó, responsável por difundir, através de sua discursividade, difundir os ideais relativos à erradicação da miséria e do atraso, tendo, como principais argumentos, a defesa do controle sanitário e de educação do povo.

O estudo da emergência das falas higienistas é imanente à reconstrução histórica das condições políticas e sociais e possibilitou a veiculação dos discursos que ampararam os ideais de modernização. Considerando que o Jornal das Moças não representava um órgão oficial, por meio do qual os governantes se utilizavam para dar ciência dos seus atos à sociedade, entendemos que a sua utilidade principal esteve centrada na capacidade do seu potencial poder discursivo, reconhecido e exercido por um grupo de intelectuais articuladores da aproximação entre o processo de modernização por que passava o país e a sociedade caicoense, naquele período.

Após a apresentação do tema da pesquisa, da descrição do objeto de nossa investigação e como se deu a nossa aproximação com o mesmo, passamos à descrição analítica que comprehende quatro partes.

Em *“A construção da pesquisa”* apresentamos o referencial teórico-metodológico que respalda a nossa análise. Partimos da perspectiva instaurada pela Historiografia Francesa para dar concatenação aos modelos propostos pelos três autores em que nos apoiamos: Norbert Elias, por meio do qual nos apropriamos das noções de configuração de poder, e como elas se estruturam na sociedade visando à compreensão dos processos evolutivos e, em especial, dos modelos civilizatórios em épocas distintas, que foram o reflexo de mudanças configuracionais na sociedade; Roger Chartier, para nos reportarmos às suas contribuições teóricas elaboradas para a descrição da História Cultural, condizentes ao entendimento do jornal como uma prática cultural carregada de intencionalidade que, por sua vez, refere-se à representação da conjuntura social em que está inserido; e, Michel Foucault, tendo em vista suas abordagens sobre a percepção e análise dos discursos aplicados ao estudo de investigação histórica.

Com *“Educar é a solução: a perspectiva da educação higienista no Jornal das Moças (1926)”*, delineamos o perfil intelectual do Jornal das Moças como é feito em Missionários do progresso (KROPF; HERSCHEMANN; NUNES, 1996), considerando os agentes fundamentais no processo da construção da ordem social, composto por homens e mulheres pertencentes a campos de formação e interesse diversificado. Para tanto, levamos em consideração a composição do grupo de redatores e o que pretendiam dizer, enquanto expressão de uma ideologia a ser estabelecida.

Por meio de *“O discurso da educação higienista no jornal das Moças (1926)”*, tratamos do solo apriorístico em que prevaleceu o quadro histórico, social e político que deu condições de emergência para a formação do discurso condizente com o ideário da educação higienista, defendido e disseminado por meio do periódico em estudo.

Com base nessa percepção dos enunciados, referidos a um único objeto, a educação higienista, bifurcamos a nossa análise por duas grandes categorias de apreensão discursiva: *“Discurso da higienista da educação para a saúde”* e *“Discurso higienista da educação civilizatória”*.

Em *“Considerações finais”*, arrematamos o trabalho fortalecendo o pensamento que deu sustentação e organizou o raciocínio lógico das premissas ali dispostas. Portanto, a síntese dos elementos analisados, ao longo da pesquisa, permite, nessa fase, a abertura para novas e futuras reelaborações.

## 2 A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

Certamente não existem considerações, por mais gerais que sejam, nem leituras, por mais longe que as estendamos, capazes de apagar a particularidade do lugar de onde eu falo e do domínio por onde conduzo uma investigação.

Certeau, 2010.

**P**roêmio da escrita desta seção, os dizeres de Certeau (2010, p. 65) para a escritura da História nos conduzem à percepção da ideia que, quando gestada no ímpeto das õdeambulações do pensamento erudito de um pesquisador, para que seja substantivada no âmbito da pesquisa e perante a sociedade, faz-se necessária a seleção do caminho ou domínio, pelo qual serão mediadas as intervenções teóricas e metodológicas que, por fim, darão à investigação o seu lugar na pesquisa. Acercamo-nos desse saber e justificamos a escrita deste capítulo.

Assim, inserimos nossa tarefa nos moldes da relação entre a prática e a teoria da pesquisa historiográfica, com vistas a propiciar ao construto final desta dissertação, não apenas um produto retórico, mas também tratamento epistemológico da assertiva proposta para a realização da pesquisa, qual seja, a existência do discurso educativo, de cunho higienista, no Jornal das Moças (1926), em pauta.

Julgamos que o seguimento desta pesquisa está inserido no diálogo entre os campos do saber Educação, da História e da Sociologia da Saúde, e que a construção de um caminho teórico e metodológico e se constitui, portanto, em diálogo interdisciplinar, como tem sido apresentado nas produções intelectuais advindas após o marco teórico instaurado a partir da

Nova História. Notadamente, esta última, tomada como uma renovação paradigmática do fazer historiográfico em subsidiando as pesquisas realizadas no campo da História da Educação, do qual a linha de pesquisa a que vinculamos nosso trabalho, *História da Educação, Práticas Socioeducativas e Usos da Linguagem*, tem voltado seus estudos e aportado o constructo do saber gerado pelas suas investigações.

Ao buscarmos os aportes para a nossa pesquisa, procuramos nos manter no caminho em que é possível o diálogo entre os teóricos Norbert Elias, Roger Chartier e Michel Foucault e percebemos em seus trabalhos a ênfase investigativa direcionada aos problemas da investigação historiográfica, cada um em seu tempo e em sua linha de pensamento. Com isso, foi possível a compreensão das intervenções epistemológicas desses autores e proceder à justaposição teórica que respaldou a nossa tarefa. Ademais, a temática higienista, abordada nesta dissertação, conforme observamos na literatura que versa sobre o assunto, não tem sido tratada de forma monolítica, isolada.

Ao contrário, o trato histórico do referido ideário comprehende a visão dos níveis por quais se deu a sua disseminação, nos campos econômicos, sociais, culturais, políticas e da educação. Por esse fator, aproximamos nossa forma investigativa do paradigma dos *Annales*, que dá permissão ao diálogo interdisciplinar para as tarefas investigativas de cunho historiográfico. A significativa contribuição deste aporte teórico foi mais bem compreendida a partir da leitura das sistematizações construídas por Burke (2010) para o movimento que caracterizou a Escola dos *Annales*; com isso, foi-nos possível, também, justificar a vinculação intelectual da escrita desta dissertação.

O novo encaminhamento foi produto das discussões do grupo de intelectuais liderado por Lucien Febvre e Marc Bloch, no segundo decênio do século XX, tendo, na fundação da Revista *Annales*, o marco inicial das movimentações e produções intelectuais advindas daquele movimento. As reflexões do grupo permitiram a expansão das fronteiras de investigação por meio do empréstimo teórico das ciências vizinhas e, com isso, a ampliação das frentes de problematizações dos fenômenos sociais, enquanto forças ou estruturas que incidem nas movimentações da História. Nessa perspectiva paradigmática, viabilizou-se uma ampliação em relação às investigações sobre as instituições, práticas, e representações educacionais que, de forma contínua, têm sido somadas aos elementos passíveis à reconstituição da memória e da história da Educação Brasileira.

Por essa via, procuramos justificar, também, a inserção de Michel Foucault entre os referenciais que subsidiam esta pesquisa. Conforme ressaltado em Burke (2010), ele foi, de forma decisiva, influenciado pelos trabalhos dos *Annales*. Foucault, enquanto estudioso da formação das mentalidades na França foi contemporâneo da produção intelectual que preconizou a renovação por que passou a História, no Século XX. Figuram as suas contribuições de forma paralela às da terceira geração do movimento historiográfico a que nos reportamos, percebida a partir dos anos seguintes a 1968, quando foi atribuída maior ênfase ao escrutínio da história sociocultural.

Com efeito, Burke (2010) ressalta que, apesar das críticas, o pensamento *foucaltiano* é reconhecido por seu contributo para a compreensão dos laços da história do corpo e do poder. Ressalta, ainda, que as relações do filósofo com o movimento dos *Annales* é de aproximação, quando suas abordagens são direcionadas para as longas durações históricas; e de distanciamento, ao considerar excessiva a ênfase nas continuidades históricas, nas quais, o sujeito seja capaz de absorver ou vivenciar os momentos históricos de forma coesa, homogênea, inerte, linear e universal. Dessa forma, a crítica feita por Foucault à historiografia reside, com maior ênfase, nas rupturas epistemológicas, conforme analisa Burke (2010).

Diante do exposto, voltamo-nos para a aferição histórica das representações condizentes com a educação higienista na cidade de Caicó, enunciadas no Jornal das Moças (1926), objeto desta dissertação, tendo em vista a inserção deste particular, no conjunto de interpretações históricas dos ideários higienistas, amplamente propalados nos primórdios do Brasil republicano, cuja implantação contou com o forte apoio da imprensa periódica, enquanto veículo de privilegiado alcance para a divulgação das representações sociais.

Essa proposição norteou, de forma lógica, os eixos teóricos e metodológicos, o estabelecimento de categorias de análise e os procedimentos de pesquisa documental pelos que pautam nossa dissertação. Nesse contexto, após o exame, tanto do objeto de pesquisa eleito, quanto dos aportes teóricos, foram considerados os tópicos referentes à configuração histórica, às práticas e às representações associadas ao discurso.

Na interpretação histórica, a análise das representações coletivas está relacionada ao poder que se atribui às imagens do passado, capazes de descrever configurações sociais que nos são ausentes, como se fossem peças-chave para a reconstituição histórica das relações de interdependência dos indivíduos e instituição das práticas. Nessa compreensão, aproximamo-nos das análises de Norbert Elias (1970; 1987; 1994), expressas em três obras sócio

históricas de grande consenso epistêmico, quais sejam, *Introdução à Sociologia, A Sociedade da Corte e O Processo Civilizador, volume 1*, principalmente, no que concerne às noções de configuração de poder, como elas se estruturam na sociedade de forma a compreender os processos evolutivos e, em especial, dos modelos civilizatórios em épocas distintas, que foram o reflexo de mudanças configuracionais. Quanto às relações desse autor com os *Annales*, ainda que não tenhamos localizado menção aos seus escritos na crítica e sistematização de Burke (2010) para o movimento, arriscamo-nos em afirmar que a leitura do sociólogo aponta para um instrumental de pesquisa que vem contribuir para o estudo das mentalidades, inclusive, com a articulação de campos do saber como a Sociologia, a História, a Economia e a Política, exercício preconizado pelo modelo advindo daquele círculo intelectual que se instaurou na historiografia.

Dessa forma, tomamos de empréstimo daquele autor o que enunciou sobre o conceito de configurações, um instrumento conceitual que se distancia da compreensão histórica das pessoas como indivíduos e se aproxima da visão das pessoas como sociedades, partícipes do todo, inferindo e, ao mesmo tempo, sofrendo a ação do corpo social. Em analogia às exemplificações de Elias (1970) sobre como pode se desenhar uma configuração social, por meio das imagens de pessoas reunidas em torno de um jogo de cartas ou, mesmo, como acontece no futebol, e das necessárias ações de interdependências que visam a um resultado, assim podemos analisar o entrançado de intenções interdependentes daquele grupo de intelectuais que se reuniu para criar um jornal feminino, o Jornal das Moças, com o intuito de trazer à tona os variados discursos que refletiam as preocupações advindas com os ideais arrolados pela implantação republicana, a começar pelo dinamismo modernista que veio a modificar, de forma definitiva, a vida cotidiana, cujo intenso fluxo de mudanças alcançou todas as esferas da sociedade, desde os anos finais do século XIX até as primeiras décadas do XX. Novamente, recorrendo a Elias (1987), podemos compreender em que estrutura se formaram as relações de interdependência desse jornal, tido como um elemento simbólico das representações sociais, resultantes das teias da configuração de poder, e que se consubstancia, perante a sociedade, elaborado por meio das práticas discursivas.

Tendo em vista uma melhor compreensão da prática discursiva como uma realidade social, reportamo-nos às contribuições teóricas elaboradas por Chartier (1988) para a descrição da História Cultural, em que a investigação de um dado fenômeno social está pressuposta a compreensão da conjuntura em que foi elaborada e dada ao conhecimento. Esse pensamento aproxima-se do que teoriza Elias (1970) sobre as configurações sociais, conforme

anteriormente pontuado. Ambos os pensadores recorrem à tarefa de reconstituir uma determinada realidade social partindo-se da eleição de categorias ou variáveis apreendidas no mundo social, produzidas pelas trocas, ou interdependências, que são próprias dos grupos a que se referem.

Conforme Chartier (1988), a história cultural pode ser contada mediante o exame das práticas culturais, enquanto essas forem consideradas categorias sociais, produzidas pelos homens e, portanto, passíveis de traduzir e descrever suas intenções, as representações. Assim, em nosso trabalho, a leitura e categorização do que se enuncia no Jornal das Moças e que se refere às práticas e representações educativas, sob os liames do higienismo, amplamente propaladas nos primeiros anos da República, estão voltadas para a identificação simbólica ou mediadora das [...] representações coletivas graças aos quais os grupos fornecem uma organização conceitual ao mundo social [...]. (CHARTIER, 1988, p.19).

Cabe acrescentar que, no exame crítico da revolução da historiografia precipitada pelos *Annales*, Burke (2010) destaca e atribui a definição da História Cultural como o ápice da produção de Roger Chartier, quanto torna explícito que uma estrutura objetiva deve ser reconhecida como culturalmente constituída e consideradas representações coletivas da sociedade.

Para avançarmos na tarefa que examina o discurso, como instância que se materializa por meio de uma prática cultural, tendo em vista à alusão de um momento histórico, sentimos a necessidade de estabelecer um paradigma para a apreensão da concepção de discurso.

Para tanto, partimos das abordagens *foucaultianas*, em que o discurso é examinado como o conjunto de enunciados que provém de um mesmo sistema de formação; assim se poderia falar de discurso clínico, discurso econômico, discurso da história natural [...] ao que nós acrescentamos, discurso educativo-higienista. (FOUCAULT, 2009a, p. 114).

Essa linha de abordagem, aplicada às Ciências Sociais, de acordo com Veiga-Neto (2007) tem referenciado variadas pesquisas em que se articulam, no campo dos estudos culturais as práticas e representações, bem como os mecanismos próprios da Pedagogia, com o campo de estudos culturais.

Trata-se, ainda conforme Veiga-Neto (2007) de uma perspectiva de análise que não pretender fazer uso das regras próprias das análises do discurso, propostas e orientadas pela Linguística. Por sua vez, toma de empréstimo a terminologia dessa disciplina para dar

nomenclatura aos componentes do fenômeno discursivo, enquanto unidade de representação do social, e sua condição de emergência, tendo em vista o reconhecimento do seu *a priori* histórico e cenário cultural. Nesse contexto, ressaltamos a nossa pretensão em inquirir a aparição do discurso higienista no Jornal das Moças, de forma a nos restringir à sua leitura enquanto elemento que sustentou uma prática educativa e encontrou aporte favorável na imprensa periódica, mas também entendê-lo como uma representação do mundo social.

No processo de estabelecimento da linha metodológica, e, visando prosseguir o tratamento do nosso objeto de pesquisa, deixamos claro que, ao recorrermos às teorizações *foucautianas* para a análise do discurso, consideramos, entretanto, que a compreensão e a aplicação dos estatutos postos nas obras pertencentes ao filósofo, *As palavras e as coisas* (2007), *Arqueologia do saber* (2009a), bem como *A ordem do discurso* (2009b) mostraram-se bastante complexas. Quanto a esse aspecto, a leitura de críticos do seu trabalho foi primordial para dirimirmos dúvidas e, principalmente, delimitar em que nível seria aplicado o pensamento de Michel Foucault. Entre os principais críticos, tivemos acesso aos trabalhos de Muchail (2004), comentadora daquele pensador, que nos levou a conhecer a sistemática da sua trajetória intelectual<sup>1</sup>. Veiga Neto (2007) ao avaliar as pesquisas no campo de estudos culturais, em especial, aquelas que examinam as práticas, as representações e os artefatos em Educação, constata ampla liberdade na aplicação das teorizações *foucautianas*, fato que não chega a considerar de todo mau, de vez que afirma ter sido essa a intensão do pensador. Nesse sentido, compreendemos que são de grande valia as intervenções de Veiga Neto (2007), quando este recomenda aos pesquisadores que se lançam às teorizações, considerar desnecessárias as condutas intelectuais inadequadas tomando como base Michel Foucault. Acrescenta, ainda, não haver sentido em alguém se dizer *foucautiano*, uma vez que a

---

<sup>1</sup>Conforme Muchail (2004, p. 9-10), a trajetória intelectual de Michel Foucault (1926-1984) pode ser inscrita entre 1961, quando saiu seu primeiro grande livro, e 1984, com suas últimas publicações. São identificados no conjunto de seus trabalhos, tanto pelos seus estudiosos quanto por ele próprio, três grandes momentos: o primeiro, reconhecido como o período da ãarqueologiaö, é voltado para as questões relativas à constituição dos saberes, e inclui as obras: *História da loucura* (1961), *O nascimento da clínica* (1963), *As palavras e as coisas* (1966) e *A arqueologia do saber* (1969). O segundo momento, o da ãogenealogiaö, é centrado sobre questões relativas aos mecanismos do poder e inclui os principais livros da década de 1970, dos quais têm destaque *Vigar e punir* (1975) e o volume 1 da coleção intitulada *História da Sexualidade*, a obra *A vontade do saber* (1976). Finalmente, o terceiro momento, trata das questões relativas ao sujeito ético e inclui os volumes 2 e 3 da referida coleção, cujos títulos são, respectivamente, *O uso dos prazeres* e *O cuidado de si* (1984).

aplicação de seus escritos significa ultrapassá-los, sem exigências de fidedignidade. Já Fairclough (2001), ao formalizar uma crítica da análise do discurso proposta por Foucault, ressalta o caráter abstrato desta em comparação à análise do discurso, textualmente orientada pela linguística, de cujos estatutos e terminologias se apropriou com o intento de conduzir a pesquisa em Ciências Sociais por meio do enfoque das práticas discursivas.

Na tentativa de promover um ajuste teórico entre Norbert Elias, Roger Chartier e Michel Foucault, encontramos na compreensão das configurações sociais, da realidade social e das condições de emergência, por meio do exame das práticas culturais em uma dada época, em uma determinada sociedade o ponto de convergência entre eles.

Após optarmos por essa perspectiva teórico-metodológica, passamos à coleta de informações históricas que deram lastro ao exame do discurso higienista no Jornal das Moças (1926), entre um vasto conjunto de obras que apontam para o solo histórico em que estão constituídas as formações discursivas do ideário e que dão conta das configurações daquele saber no espaço educativo defendido pelas publicações periódicas. Essa etapa revelou-nos uma rica produção intelectual que nos possibilitou o reconhecimento e confluência entre os saberes produzidos sobre a história da região Seridó<sup>2</sup>, no Estado do Rio Grande Norte, e as práticas higienistas. Isso permitiu o reconhecimento das formações discursivas presentes no periódico em estudo.

Neste trabalho, nossa principal interlocução foi com a fonte documental eleita, o jornal, que, conforme categorização de Araújo (2005), para os principais substratos empíricos de pesquisa histórica no campo da educação, encontra-se entre os diversos ou não verbais, figurando ao lado conferências, romances, fotografias, falas de entrevistados, revistas almanaque e boletins informativos. Ao percorrermos o estado da arte referente às pesquisas que se utilizaram de publicações advindas da imprensa periódica especializada ou não, para interpretar o passado educacional brasileiro, percebemos a valorização crescente dessa fonte de pesquisa. Nesse sentido, em nosso programa de pós-graduação em Educação, para as

---

<sup>2</sup>O Seridó é um vasto trecho do território do Rio Grande do Norte, [e da Paraíba] atravessado e cortado pelo rio do mesmo nome. Destacou-se economicamente pela produção do algodão mocó, de fibra longa, sedosa, o melhor do Brasil. A povoação da região começou no fim do século XVII, quando da Guerra dos Bárbaros, luta que durou muitos anos e, durante a qual, o homem civilizado exterminou os selvagens. (MEDEIROS, 1980, p.15, acréscimos nossos).

investigações da História da Educação, foram relevantes as contribuições dos pesquisadores, Gomes (1999) e Rocha Neto (2002; 2005).

No tocante ao reconhecimento da potencial contribuição do jornal, como o objeto deste estudo, para a interpretação do passado, novamente, dialogamos com o paradigma historiográfico instaurado pelos fundadores dos *Annales*, e nos reportamos ao alargamento da concepção de documento reconhecida por Le Goff (2003) no discurso de Febvre (1959) que beira à poesia, em favor da sempre possível investigação documental:

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar seu mel, na falta de flores habituais. Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas. Com as formas do campo e das ervas daninhas. Com o eclipse da lua e a atrelagem dos cavalos de tiro. Com os exames das pedras feitos pelos geólogos e com as análises dos metais feitas pelos químicos. Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve ao homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e a maneira de ser do homem. (FEBVRE, 1945, p. 418 apud LE GOFF, 2003, p.530).

Graças ao acervo histórico da coleção das obras raras que se encontram sob a salvaguarda da Biblioteca Central ZilaMemede (BCZM), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, tivemos acesso à parte considerável de números originais do Jornal das Moças, editados em 1926. Contudo, motivados pelo desejo de uma maior completude dos números, reportamo-nos ao repertório documental do Laboratório de Documentação Histórica do Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES/LABORDOC). Naquele local, tivemos acesso a uma coleção de fotocópias do referido jornal, do mesmo ano, condicionada sem o necessário ordenamento, em uma pasta, o que dificultou a identificação cronológica dos textos publicados. Creditamos este fato ao manuseio constante de pesquisadores que reconhecem naquela fonte documental um importante registro para a História Regional.

Verificamos, no recorte temporal eleito para a análise dos escritos do referido jornal, uma periodicidade semanal e contínua. Esse fator foi passível de verificação na coleção pertencente à BCZM que é formada pelas primeiras páginas onde constam a data e número de publicação. Quanto ao conjunto disponibilizado pelo LABORDOC, em função da situação da coleção, a datação foi atribuída por nossa pesquisa, por meio do teor da leitura, bem como das datas veiculadas nas contribuições enviadas por leitores, que foram publicadas no jornal.

A partir disso, avançamos na metodologia que nos possibilitou conjugar a problemática deste trabalho ao citado *corpus* documental, de maneira a dar forma ao resultado de nossas análises. A rotina metodológica adotada permitiu-nos, portanto, o questionamento e compreensão do documento, procurando “[...] definir no próprio tecido documental, unidades, conjuntos, séries, relações.” (FOUCAULT, 2009a, p.7), que são colocadas na proposta analítica de *Arqueologia do Saber* (2009a), e em que encontramos respaldo para procedermos à sistematização das representações identificadas na leitura do Jornal das Moças que, com referência enunciativa dos ideais higienistas, permitiram traçar nossa compreensão sobre a função educativo-higienista daquele jornal. A identificação delas permitiu reunir enunciados significativos que,

[...] diferentes em sua forma, dispersos no tempo, formam um conjunto quando se referem a um mesmo objeto [...], a um mesmo corpus de conhecimentos que supunham uma mesma visão das coisas, um mesmo esquadriamento do campo perceptivo [...]. (FOUCAULT, 2009a, p. 36 e 38).

Nesse parâmetro, para a apresentação das representações da educação higienista, por meio das unidades discursivas ou categorias, tivemos como base o modelo apresentado na tese de doutoramento de Buitoni (1980) que ao versar sobre as representações femininas na imprensa periódica brasileira, analisa um conjunto de discursos que exprimem a configuração histórica e social de cada década do século XX, visando apresentar a relação contexto/texto/análise.

Ademais, serviu-nos de inspiração o artigo de Oliveira (2010) em que a autora, por meio tópicos, detalha as representações modernistas na vida urbana carioca do século XX, presentes no discurso iconográfico da imprensa periódica.

Outrossim, para esta dissertação, configuramos nosso modelo de apresentação a partir das unidades discursivas que apreendemos na leitura dos artigos presentes no Jornal das Moças (1926) e que consideramos significativos para apreensão de sentido do diversificado campo epistêmico higienista. Nessa conjuntura discursiva, não deixamos de incluir a necessária contribuição imagética, mediante fotografias, com vistas a reconstituir com maior aproximação as configurações da sociedade caicoense das primeiras décadas do século vinte. Após buscas por arquivos institucionais e particulares, identificamos a frequente ocorrência autoral das imagens fotográficas do caicoense José Ezelino da Costa (1889-1952) entre as selecionadas. Em função dessa constatação, tratando-se de imagens da cidade de

Caicó, demos preferência à valiosa contribuição para escritura da história dos sertões do Seridó, por meio das lentes do fotógrafo. Quanto a este fotógrafo, acrescentamos que sua biografia e o patrimônio iconográfico foram o tema de pesquisa da tese apresentada por Eugênia Maria Dantas, em 2003, ao Programa de Pós-Graduação em Educação e demais produções advindas da citada pesquisa.

Assim constituído o nosso quadro teórico e metodológico, retomamos aos pontos debatidos neste capítulo, com a perspectiva da historiografia francesa dos *Annales*, com os historiadores da terceira geração e os contemporâneos desta, nos quais procuramos apoiar nossa pesquisa; ao entrosamento do arcabouço historiográfico seridoense, da Educação e do ideário higienista concebido nas décadas iniciais do século XX à leitura interpretativa do Jornal das Moças (1926), candidatamos nosso trabalho dissertativo nos próximos inventários da produção em História da Educação, como realizado por Araújo (2005) que, ao fazer o mapeamento do estado do conhecimento da produção acadêmica advinda da pesquisa em História da Educação, nas Regiões Norte e Nordeste do Brasil, aponta para a relevância das teses e dissertações com direção teórica e metodológica ancorada na escola eleita esta dissertação.

A seguir, apresentamos o construto de nossas análises elaboradas, tendo com base as representações da educação higienista percebidas na leitura analítica da massa documental composta pelo Jornal das Moças, em 1926, ano de sua criação e, portanto, recorte temporal considerado relevante para a investigação histórica da intenção que trouxe ao lume o referido título. Para isso, percorremos os discursos referentes à enunciação da matéria higienista por meio das categorias de análise estabelecidas, seguindo o pensamento *foucautiano* para ordenação dos grupos de formações discursivas e observamos que, com mais frequência, os enunciados se apresentavam sobre educação, relações de gênero, política, costumes, hábitos de higiene, saúde pública e campanhas sanitárias e vida social. Os trabalhos de Herschmann e Pereira (1994);Herschman, Kropf e Nunes (1996);Boarini (2003), bem como de Hochman (2006) foram primordiais para o reconhecimento e delimitação dessas categorias, que se reagruparam para construir as duas linhas de percepção do discurso higienista no jornal em estudo, ôDiscurso Higienista da Educação para a Saúdeô e ôDiscurso Higienista da Educação Civilizatóriaô,notadamente, campos por que se articulou com extensa difusão o ideário higienista, dentro da esfera político-social, enfatizado nos anos iniciais do Brasil Republicano, tendo como meta a realização do processo modernizador da sociedade.

### **3 EDUCAR É A SOLUÇÃO: A PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO HIGIENISTA NO JORNAL DAS MOÇAS (1926)**

A educação do povo é o nosso primeiro problema nacional, porque o mais urgente; primeiro, porque, o mais urgente; primeiro, porque solve todos os outros; primeiro, porque, resolvido, collocará o Brasil a par das nações mais cultas, dando-lhe proventos e honrarias e lhe afiançando a prosperidade e a segurança; e, se assim faz-se primeiro, na verdade se torna o único.

Miguel Couto, 1927.

**A**cidade de Caicó, senhora de tradições culturalmente reconhecidas, é notória no Seridó, microrregião onde está localizada, no Estado do Rio Grande do Norte, mas também mundo a fora por meio da literatura produzida por filhos ilustres e locutores regionalistas que cristalizam a sua história, a gênese de seu povo, seus costumes e suas instituições. Nela, ganham destaque as descrições de duas importantes instituições: a instrução pública e a imprensa periódica, que se irmanam por terem sido gestadas no brilhantismo de um mesmo homem, filho adotivo da cidade, caicoense por convicção: o Padre Francisco de Brito Guerra (1777-1845).

Pouquíssimos anos após a Lei Imperial de 15 de outubro de 1827, por meio da qual foram criadas dezoito escolas de primeiras letras no Estado, na cidade até então denominada Vila do Príncipe, fundava-se a Cadeira de Gramática Latina, emblema de instrução e cultura

quando se fala da formação intelectual daquela longínqua sociedade seridoense. A sua criação deu-se por força do Decreto aprovado em 7 de agosto de 1832, de autoria do padre, no exercício de seu mandado como deputado provincial, conforme os relatos de Medeiros Filho (1988).

Assim como acontece com a educação caicoense, a imprensa norte-rio-grandense tributa o seu nascimento ao pioneirismo do Padre Brito Guerra, com a criação do jornal *O Natalense*, na cidade de Natal, em 1832. Cinco décadas após esse ocorrido, no ardor da defesa dos ideais democráticos e republicanos, a imprensa periódica instaurou-se em Caicó com o aparecimento do jornal *O Povo*, em março de 1889, sob a direção dos acadêmicos e intelectuais Olegário Vale e Diógenes da Nóbrega.

Medeiros Filho (1988) nos conduz a perceber a esfera ideológica do jornalismo que se encampava naquela cidade, por meio de *O Povo*:

Nesta época de demência política em que os partidos monárquicos se retalham, se perseguem, se abatem, se baralham, se confundem na faina desenfreada de galgar poder por todos os meios com descrédito de seus programas, com renegação de seus ideais, com desbarato dos dinheiros públicos, com violação das leis, com menoscabo dos interesses nacionais, em todo delírio do mal que invade o organismo social do Estado, da província e do município é oportuno e justificado nosso aparecimento, como um pálido esforço, como um sinal de vida agonizante no meio da anemia profunda que extenua o corpo social. (NÓBREGA, 1889 apud MEDEIROS FILHO, 1988, p. 11-13).

No afã desse interesse, forjado no dínamo republicano e transformacionista enlevado pelo fervor positivista que se estendeu por todo o país nas décadas finais do século XIX e iniciais do XX, em Caicó, a imprensa periódica não se amofinou em lançar à sociedade novos títulos que atualizassem a crônica e a notícia diária. Alguns nasceram engajados com a luta partidária, ora cívicos defensores da bandeira da Pátria, formadores de consciências, ora propiciadores de entretenimento, trazendo a crônica social e, sobretudo, o desejo de contribuir para o processo educativo dos cidadãos. Nessa conjuntura, a exemplo de *O Povo*, seguiram-se *O Seridó* (1900-1901), *O Eco Sertanejo* (1907-1908), *Correio do Seridó* (1909-1915), *O Seridoense* (1909-1921), *O Cinema* (1915-1915), *O Binóculo* (1916-1918, reaparecendo em 1938), *O Juvenil* (1917-1918), *A Escola* (1917), até chegar ao *Jornal das Moças* (1926-1932),

segundo-se de outras publicações, conforme a descrição e levantamento de dados sobre a imprensa caicoense realizados por Cirne (2004), Melo (1987) e Monteiro (1999).

Dessa forma, o Jornal das Moças é assim descrito:

A 7 de fevereiro de 1926 apareceu o primeiro número do JORNAL DAS MOÇAS dirigido por Georgina Pires, auxiliada por Dolores Diniz, contando-se entre as colaboradoras Santinha Araújo, Leonor Cavalcanti, Julinda Gurgel, Júlia Medeiros e mais outras moças das sociedades de Caicó. Quando esta circulação suspendeu, as dirigentes deram um balanço no Caixa e encontraram um saldo de 120 mil reis que foi assim distribuído: 100 mil réis para os pobres de S. Vicente e 20 mil réis para o tipógrafo do jornal, Manuel Rodrigues Filho. (MONTEIRO, 1999, p. 83).

Literatura, humorístico e crítica. O primeiro deste jornal circulou no dia 7 de fevereiro de 1926. Tinha como diretora, Georgina Pires; gerente Dolores Diniz, e redatoras, Santinha Araújo e Leonor Cavalcanti. Tinha oficinas à praça da liberdade. Cobrava por assinatura: ano 10\$000; semestre 8\$000; trimestre 4\$500; número avulso \$200. Colaboravam neste jornal: Hermengarda, Marinetti, Leilar, Potiguara, O Pereira, Flôr de Liz, Violeta, Júlia Medeiros, Renato Dantas, Helenita, Sertaneja, Cornélia, além de outras. [...] Era semanário. (MELO, 1987, p. 28).

Diante do que é narrado acima, interessa-nos destacar o perfil do corpo editorial e dos colaboradores, com a intenção de caracterizar o jornal em estudo pelo seu veio educativo, ainda que de forma implícita, considerando em que medida exprimiu, por meio de seus escritos, a crônica dos acontecimentos em torno das instituições de educação, servindo, não raras vezes, de veículo informativo para os assuntos educacionais da cidade, inclusive, alistando-se na ação educativa mediante seus escritos. O Jornal das Moças, por seu turno, epigrafou-se pela *Literatura, Humorismo e Crítica*, tópicos que o fez se estender, com propriedade, aos assuntos que tanto repercutiram naquela época de fervor modernista, muitas vezes, abordando ideias e acontecimentos polêmicos e considerados pela sociedade dos anos 1920, verdadeiros tabus.

Assim, acreditamos que a formação do perfil vanguardista do Jornal das Moças foi reflexo do alargamento das relações sociais e econômicas mantidas na Região Seridó com as cidades de Olinda e Recife, no Estado do Pernambuco, tidos, à época, como polos comerciais de maior desenvolvimento e cuja equidistância favorecia como uma relação bilateral em que se dava exportação do produto da cotonicultura seridoense pelo porto de Recife e da aquisição de produtos diferenciados em relação ao gosto da moda e vestimenta, que melhor adequasse

os cidadãos mais abastados e de destaque social ao modelo de representação do ser civilizado em relação ou em paralelismo aos moldes europeus em vigência, em detrimento do rústico homem sertanejo. Nessa dialética, são cabíveis as colocações de Elias (1994) sobre a conceituação de civilização, nos domínios que expressam a consciência ocidental do nível de tecnologia, aos costumes e maneiras adotadas por uma sociedade, ao desenvolvimento do conhecimento científico, às ideias religiosas e, enfim, a uma grande variedade de fatos. Ao organizar a miscelânea a que se pode atribuir o conceito de civilização, o autor faz a distinção do termo dentro da acepção francesa e da inglesa, em relação da alemã, onde as primeiras atrelam-se ao ser civilizado em relação ao outro, e a segunda, em relação a si mesmo, ao seu lugar.

Então, motivados pelo sentimento que conduz, de forma natural, o homem às etapas civilizatórias, que levam à posse dos artigos de luxo e requinte, como relaciona Araújo (1995, p. 32), a õseda da China, o linho e a casimira inglesa, calçados de verniz, chapéus, gravatas, xales, joiasö, apetrechos domésticos e mobílias requintadas, ingredientes culinários sofisticados em relação à produção local, como vinhos, azeitonas, azeite de oliva, entre outros, a elite caicoense também foi em busca da formação intelectual de seus filhos, em Olinda, para os estudos de formação eclesiástica; e Recife, para o bacharelado em Direito. Com efeito, esses foram centros formadores da elite intelectual e política seridoense e de onde emanariam os saberes que deram base para a elaboração do discurso científico que permeou os debates dos recém-acadêmicos e, conforme Macedo (2005, p.138-138), õ[...] orbitava em torno do evolucionismo, do positivismo, do naturalismo e do republicanismoö Ali, a formação da elite intelectual garantia o acesso a uma nova camada social que se formava na sociedade caicoense, a dos bacharéis e doutores.

Quanto à formação dessa geração de intelectuais, Azevedo (1958) relata que esse foi um fenômeno ocorrido na segunda metade do século XIX, denominado *geração de 1870*, em que se evidenciou a contestação dos valores e instituições mantidas pela Monarquia, e que precipitou a busca pela ascensão intelectual dos brasileiros de forma a distanciar estes dos tradicionais centros de estudos europeus, para onde, até então, com muitas dificuldades, eram enviados os jovens filhos da elite brasileira, que intencionava o acesso, emúltima instância, õsenão à nobreza, ao menos aos chamados cargos nobres, criando uma nova aristocracia, - a dos bacharéis e a dos doutores.ö (AZEVEDO, 1958, p.47). Com isso, ficou fortalecido o sentimento nacionalista que reivindicou a criação e fortalecimento das escolas de ensino superior no território nacional, valorizando a formação oferecida pelos bacharelados em Direito, Engenharia, Medicina-Cirúrgica, entre outros.

Animados que estavam por esse elã cultural, retornavam os bacharéis às suas cidades de origem com grande distinção de classe, ansiosos em dar continuidade, em seu meio, da mesma ambiência e ebuição intelectual cultural em que viveram durante o seu período de formação. Participavam de movimentações políticas, reivindicavam para o seu *locus* os avanços observados e vivenciados nos grandes centros onde, até pouco tempo, estiveram. Solicitavam dos seus conterrâneos o ímpeto pela busca da formação primordial para a remodelação dos antigos costumes que remetiam a um recente passado colonial, para inseri-los em um novo paradigma que se instaurava. Consideravam que, sem distinção e por todas as classes sociais, a modernidade republicana haveria de se instaurar pela prática educativa.

Com efeito, a gerênciça do Jornal das Moças, bem como o corpo formado pelos colaboradores perfaziam esse perfil, representando um seleto círculo de intelectuais de ambos os gêneros, que gozavam de destaque social. Nesse sentido, o grupo fundador do jornal, liderado por mulheres educadoras, vanguardistas, defensoras das causas femininas, também desejavam sua inserção na cruzada transformacionista por que passou a sociedade dos primeiros decênios do século XX, quando se viu transformada a vida doméstica com o descontinuamento dos novos horizontes oferecidos no espaço público onde passaram a atuar e, por outra via, a exigir igualdades de direitos, como a ascensão à educação e ao mercado de trabalho. A respeito desse fenômeno, Almeida (1998, p. 28) coloca que “O movimento feminista no Brasil, na virada do século, foi liderado por uma elite feminina letrada, culta e de maior poder econômico que, a exemplo de suas iguais europeias e norte-americanas não queriam ficar ausente do processo histórico.”

Assim, configurou-se o caráter do grupo que liderou o Jornal das Moças, descrito amiúde por Rocha Neto (2002) no qual se destaca o perfil de algumas das componentes como, Júlia Augusta de Medeiros, que sobressaiu na sociedade caicoense pelo seu senso apurado de independência, tendo sido professora diplomada pela Escola Normal de Natal, em 1926. Leonor Cavalcanti, companheira de Júlia na viagem para estudos na capital do Estado, na formação pedagógica, e na admissão ao Grupo Escolar “Senador Guerra”, onde lecionou e foi diretora. Dolores Diniz, gerente do jornal, alfabetizada em seu ambiente familiar, seguindo o tratamento educacional diferenciado em relação às mulheres, como era comum nas famílias seridoenses, dedicou-se ao ensino ministrando aulas particulares em sua própria residência, sendo redatora do citado jornal *A Escola*, opúsculo manuscrito que se referia à educação infantil caicoense. Georgina Pires, a fundadora do Jornal das Moças, de reconhecida inteligência, fora enviada pelo pai, o paraibano José da Silva Pires Ferreira, para estudar em João Pessoa, de onde retornou a Caicó, já professora diplomada e passou a exercer seu ofício

no Colégio Santa Terezinha do Menino Jesus. Quanto a esse fato, de acordo com a pesquisa apresentada por Rocha Neto (2002), a permanência da professora naquela instituição,durou por pouco tempo, em virtude de não aceitar o modelo pedagógico tradicional com que se deparou ali, em relação aos ideais escolanovistas apreendidos em sua formação pedagógicae que se firmava no campo educacional do país, nas décadas de 1920.

Afora os colaboradores que se apresentavam sob os pseudônimos Hermengarda, Marinetti, Leilar, Potiguara, O Pereira, Flôr de Liz, Violeta, Sertaneja,entre outros, destacamos as vozes masculinas pronunciadas no jornal, dentre elas realçamos a efetiva contribuição dos intelectuais, Renato Dantas, Janúncio Bezerra da Nóbrega, José Gurgel de Araújo.

Nessa conjuntura, formou-se o quadro intelectual e ideológico do Jornal das Moças, e algumas das principais vozes da pedagogia exercida na cidade de Caicó se fizeram ouvir, tendo, naquele periódico, um privilegiado meio para levar à sociedade a Educação. Com isso, por meio dos discursos perpetrados no jornal, foi-nos possível a identificação das noções higienistas, levadas à sociedade por meio da sua tônica educativa, de maneira a se constituírem, sob nosso ponto de vista, de enunciados que trazem à tona os aspectos da política, das preocupações com a saúde pública, e do comportamento social, pelos quais se estendeu o ideário higienista. Foram discursos, segundo Herschmann, Kropf e Nunes (1996) que tiveram forte divulgação, devido à intenção e empenho no trabalho dos articuladores dos saberes em pauta para a efetivação do processo modernizador por que passou o país, do final do século XIX para as primeiras décadas do XX, e por isso, facilmente identificáveis nas produções literárias e científicas daquela época, se analisados.

Ainda no entender de Herschmann, Kropf e Nunes (1996), esses discursos refletiam, antes de tudo, o afã que tomou conta do nasciturno Brasil Republicano, do qual fora imbuída a intelectualidade para dar voz aos ideais de progresso e civilização, tendo na premissa da regeneração dos males que assolavam o país, reconhecidamente, como indicadores do atraso e da inércia do antigo regime. À consecução dessa nova ordem social, foi primordial o engajamento de um saber especializado, que tinha sua base firmada em campos como a Medicina, normatizando o corpo, a Educação, conformando as mentalidades, e a Engenharia, organizando os espaços, de acordo comHerschmann e Pereira (1994), para cumprir o que se vislumbrou em termos de adiantamento cultural e civilização para a nação brasileira, de maneira a elevá-la à condição de õnação cultaö. Desta expressão, Couto (1927) se utilizou dar nome à condiçãoque o país assumiria após sua redenção na batalha travada em favor da erradicação dos males acarretados pela ignorância e pela falta de instrução pública.

Com o propósito de caracterizarmos a natureza dos discursos que se proliferaram, conotativos da convocatória de toda a sociedade para o salvamento do Brasil, registramos um trecho da conferência proferida na Associação Brasileira de Educação, no dia 2 de julho de 1927, pelo médico Miguel Couto (1865-1934), pesquisador da área de saúde pública, político e presidente honorário da citada associação, no qual fica evidente o entrosamento entre os enunciados próprios de dois campos distintos do saber, a Educação e a Medicina. Naquele momento histórico, apoiaram-se para dar forma ao que se constituiria o discurso educativo-higienista, como a seguir:

A ignorancia é uma calamidade pública como a guerra, a peste, os cataclysmos, e não só uma calamidade, como a maior de todas, porque as outras devastam e passam, como tempestades seguidas de céo bonança; mas a ignorancia é qual o cancer, que tem a volupia da tortura no corroer cellula a cellula, fibra por fibra, inexoravelmente o organismo; dos cataclysmos, das pestes e das guerras se erguem os povos para as bêncas da paz e do trabalho; na ignorancia se afundam cada vez mais para a subalternidade e degenerescênci. [...] Por que pois a passividade ante as tremendas consequências da ignorancia? [...] Situações destas não comportam o ramerrão das couastriviaes, nem o tratamento de cataplasmas e mezinhas, - exige o ferro em braza, ao que o pai da medicina mandava recorrer quando o medicamento não mais sanava. (COUTO, 1927, p. 9-10).

Ao falarmos da relação de entrosamento entre os campos da Saúde e da Educação, em nossa pesquisa, é oportuno voltamos atenção para um dos mais profícuos colaboradores do Jornal das Moças, o farmacêutico e professor José Gurgel de Araújo (1892-1966) diplomado pela Faculdade de Farmácia do Recife, em 1923, com especialização em Farmacêutico Químico Industrial, o qual, ao retornar a Caicó, sua cidade natal, manteve uma farmácia e, ao mesmo tempoem que assumiu a carreira pedagógica, ministrou aulas no Ginásio Diocesano de Caicó e no Colégio Santa Teresinha. Instalou o primeiro Posto de Profilaxia da cidade, segundo Oliveira (2002). Ressaltamos, em sua biografia, que o seu engajamento pedagógico foi determinante para assumir a Associação Educadora de Caicó, como constatamos no trecho a seguir:

Como determina o art. 26 dos nossos estatutos: ôAs sessões ordinárias serão trimestraes: realizar-se-ão no último domingo de cada trimestre, estando presente pelo menos cinco sóciosö ficam convidados todos os sócios desta ôAssociaçãoö para a reunião ultimo do anno. Diante da grande necessidade que há de tratar-se de assumpto importante, exige-se o comparecimento de

todos os interessados pela boa continuação dos trabalhos da nossa utilíssima e benemérita öEducadoraö. O Secretário. José Gurgel de Araújo. Caicó, 3 de Dezembro de 1926. (ARAÚJO, 1926).

Ao falarmos do apoio mútuo entre os campos do saber pertencentes à Medicina e à Educação, percebemos a necessidade de apresentar, de forma sintética, a nossa compreensão sobre a natureza epistemológica em que se formulou o discurso de cunho educativo-higienista, propalado no início dos novecentos, para imprimir forma à ação intervencionista que tinha como meta a inserção da sociedade brasileira em um *modus vivendi* elaborado pelo capitalismo e em função do desenvolvimento industrial e urbano, com vistas a promover a correção das deformidades no corpo social que se apresentavam contrárias aos ideais de modernidade.

Nesse sentido, vemos que a base do discurso educativo-higienista é cumulativa dos processos econômicos e científicos que se sucederam a partir do século XVIII, tendo comoreator do seu movimento social a dinâmica da Revolução Industrial e do conjunto de acontecimentos que sucederam no campo científico, e que se denominou como Segunda Revolução Industrial, também conhecida com a Revolução Científico-Tecnológica, plenamente configurada em meados de 1870. Um período em que a aplicação das descobertas científicas aos processos produtivos deu origem a novos campos de exploração industrial, o que resultou no desenvolvimento da indústria química, e no nascimento das áreas como a microbiologia, a bacteriologia e a farmacologia que, como relata Sevicenko (1998, p.9), promoveram mudanças na atuação da ö[...] farmacologia, medicina, higiene e profilaxia, com um impacto decisivo sobre o controle das moléstias, a natalidade e o prolongamento da vida.ö O incremento por que passou a ciência, a partir desse momento histórico, pode ser entendido como a constante busca pela resolução dos problemas que assolavam o corpo social, que iam desde a necessidade de meio de transporte mais eficientes, do desenvolvimento de máquinas que dessem conta de novas demandas de consumo resultantes do processo de industrialização, ao controle epidemiológico das causas e fatores das doenças que sobrevinham às populações. Ressaltamos que o arcabouço que se formou, nesse saber científico, deu legitimidade ao poder constituído, construindo argumento e concedendo meios de ação para levar adiante a resolução dos problemas, tidos como verdadeiros aleijões, considerados como empecilhos para a intenção de desmonte das estruturas arcaicas e, destarte, contrárias à nova ordem social que, a todo custo, se instaurava.

Para dar seguimento à nossa investigação de como a publicação do Jornal das Moças, em 1926, veio a se constituir um elemento, por meio do qual foi possível a um grupo de homens e mulheres ilustrados produzirem discursos que conduzissem a sociedade caicoense à adoção de práticas concretas, defendidas nos moldes da educação higienista, inferimos que isso foi facultado diante da rara existência de um meio de comunicação especializado, à época, como os jornais e revistas da publicados pela imprensa pedagógica, no Rio Grande do Norte, a exemplo dos seguintes títulos:

*A Escola* (1916-1917), opúsculo caicoense, editado em manuscrito pela futura gerente do Jornal das Moças, Dolores Diniz que, contava, então, com apenas quinze anos de idade, conforme apontam Rocha Neto (2002) e Cirne (2004).

*A Educação: órgam do Grêmio Normalista*, publicado em Natal, RN, tendo o seu primeiro número publicado em 1918, de acordo com os registros encontrados no catálogo de periódicos da Biblioteca Nacional (A EDUCAÇÃO..., 2003) e com Menezes (2009).

*Pedagogium: revista official da õAssociação de professoresö*, também da capital do Estado, como órgão informativo da Associação de Professores do Rio Grande do Norte, cujo primeiro impresso data de julho de 1921, publicado pela *Empreza Typográphica Natalense*, sete meses após a criação da referida associação, como consta na pesquisa de Ribeiro (2003).

Quanto aos órgãos de divulgação dos discursos e práticas da educação higienista, erguidos no modelo das publicações oficiais advindas de instituições criadas para fins de divulgação e intervenção social, como foram os títulos *Archivos Brasileiros de Hygiene Mental*, *Archivos Paulistas de Hygiene Mental*, *Archivos de Hygiene*, *Archivos de Higiene e Saúde Pública*, *Archivos Brasileiros de Medicina*, *Bahia Médica*, *Revista Saúde*, entre outros que foram produzidos nos grande centros do país, levantados por Mai (2003), não temos notícias da existência desses no Rio Grande do Norte. Fazemos referência, no âmbito do Rio Grande do Norte, ao que é possível verificar nas veiculações de escritos de teor higienista, seja por meio da imprensa periódica, de discursos proferidos em solenidades, de Regimentos Escolares, ou da produção intelectual de professores e médicos do Estado, nos anos 1920, entre os quais, podemos ressaltar os trabalhos de Nestor dos Santos Lima (1887-1959),

[...] bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Recife, professor da Escola Normal de Natal, no período de 1911 a 1923, e diretor do Departamento de Educação do Estado do Rio Grande do Norte, de 1924 a 1928 [...]. (MENEZES, 2009, p. 11).

E de seu irmão, Luiz Antônio Ferreira dos Santos Lima, professor egresso da primeira turma da Escola Normal de Natal, em 1910, mesmo ano em quem tomou posse da cadeira masculina no magistério do Grupo Escolar Augusto Severo. Em 1919, foi diplomado pela Faculdade de Farmácia, no Recife, PE, indo, pouco tempo depois, para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde se titulou como médico, em 1926, e defendeu, um ano após, sua tese de doutoramento, intitulada *Hygiene Mental e Educação* (1927). Tomamos como base o trabalho de Costa e Moraes (2010) para compor os traços biográficos do referido médico.

Assim sendo, referindo-se às discussões dos ideais higienistas expressos na *Revista Pedagogium*, Ribeiro (2003) deixa claro que esses foram partícipes da concepção de implantação do projeto de reformulação educacional instalado no Rio Grande do Norte, envolvendo a construção e fortalecimento dos grupos escolares, como também, da sua organização, por meio da adoção de normas disciplinares e higiênicas, com vistas à legitimação de um saber pedagógico modernizador, no qual a Educação era entendida um elemento chave para a remodelação da sociedade.

Fica claro que, diante do escasso número de títulos da imprensa escrita especializada, as publicações dirigidas ao público, em geral, foram um prestigiado espaço de debate público sobre educação, saúde, política e comportamento, dentro do espectro higienista dos anos 1920. Nesse sentido, por meio de pequenas notas, crônicas e artigos de cunho científico, os articuladores do progresso, utilizando-se desses meios, veicularam seus escritos, visando alcançar os lares de famílias residentes nos mais longínquos sertões onde, por acaso, alguma publicação chegasse às suas mãos, tornando-se, dessa feita, um objeto de leitura e discussão.

Abaixo, o escrito que intitulado como “Carta da Roça”, recebido pelo Jornal das Moças, exemplifica o que defendemos sobre a possibilidade de alcance do jornal. O trecho expressa o poder transformador do jornal, quando relata a adoção de uma postura socialmente diferenciada frente à condição feminina que se delineava naquele início de século. Nessa compreensão, a publicação em estudo era considerada um meio apropriado para a realização da reivindicação feminina em participar do debate intelectual sobre as questões em pauta naquele momento histórico de importantes conquistas para a mulher:

Caras redactoras  
Saudações,

Peço-lhes um cantinho no seu querido jornalzinho para as minhas despretensiosas cartas. Vivo distante dessa cidade, habitando as “overdes selvas” onde a passarada faz as delícias ao romper do dia com os seus gorjeios admiráveis e encantadores. Leio e releio esse sympathico jornal, que

felizmente veio preencher uma grande falta nesse recanto de terra de ilustrados filhos. Vivemos numa época em que a mulher pode expandir suas ideias, o que há poucos anos era uma falta o fazer! [...] Termine esta, pedindo também aos leitores muita indulgência para com a primeira missiva da amiga. Roceira. Terra da Saudade, 1º/6/926. (ROCEIRA, 1926).

Com o intuito de comprovar a utilização do jornal em pauta como um objeto de poder, reportamo-nos à resposta da redação a uma missiva com o pedido de notícias sobre o Colégio Santa Terezinha. A leitura do artigo nos levou a especular sobre areal existência da referida missiva. Teria a mesma sido criada como mecanismo utilizado para levar ao conhecimento das moças que não detinham as condições necessárias para estudar no colégio e, até mesmo, daquelas que residiam na zona rural do município, a notícia sobre o sarau ocorrido no colégio, como se ilustra a seguir:

Pediste que te desse notícias detalhadas dos triunfos obtidos, pelo Collegio, com o seu primeiro encerramento do ano lectivo. O que te posso assegurar é que assisti uma festa encantadora em que as alumnas se salientaram, tocando trechos de música e fazendo lindas declamações, quer em nossa bela língua, quer em idiomas estrangeiros [...]. Acredito que estas ligeiras notas que te envio, hão de satisfazer a tua curiosidade, podendo mais ainda afirmar o teu valioso conceito a respeito da obra que vem realizando o õColégio de Santa Therezinhaõ que é incontestavelmente um santuário de luz, um estuário manso onde devem ancorar os barquinhos intellectuaes da moça seridoense. (JORNAL DAS MOÇAS, [19 dez.] 1926).

Com isso, a compreensão do Jornal das Moças (1926), como um órgão possível para a veiculação de um discurso capaz de influenciar o modo de pensar da sociedade sobre as condições de vida, leva-nos a deduzir, apoiados em Boarini (2003), que a educação higiênica ou higienista era vista pela burguesia como a ação redentora da situação funesta vivida pelas classes menos favorecidas da sociedade e que a sua ação representava verdadeiras cruzadas higienistas, nas escolas, nos lares, nos cuidados da puericultura, na cidade, na educação física, na higiene mental, na educação sanitária e no comportamento social. Nessa conjuntura, há que se reconhecer que esta ação educativa foi o meio necessário para formar consciências, por meio da utilização do jornal pelas camadas mais privilegiadas da sociedade caicoense, em especial de um grupo de indivíduos letRADOS, configurados em defesa do paradigma modernizante e reformador republicano.

## 4 O DISCURSO DA EDUCAÇÃO HIGIENISTA NO JORNAL DAS MOÇAS (1926)

O alto retângulo monótono que ocupa toda a parte esquerda do quadro real e que figura o verso da tela representada reconstitui, sob as espécies de uma superfície, a invisibilidade em profundidade daquilo que o artista contempla: este espaço em que nós estamos. Dos olhos do pintor até aquilo que ele olha, está traçada uma linha misteriosa que nós, os que olhamos, não poderíamos evitar: ela atravessa o quadro real e alcança, à frente de sua superfície, o lugar de onde vemos o pintor que nos observa; esse pontilhado nos atinge infalivelmente e nos liga à representação do quadro.

Foucault, 2007.

**O** fragmento que epigrafa esta parte de nossa dissertação, extraído da análise do quadro *As Meninas*, do pintor sevilhano Velasquez(1599-1660), elaborada por Foucault (2007) para encetar a escrita da sua obra, *As palavras e as coisas*, é parte de um dos esforços interpretativos feitos por estudiosos de diversas áreas do conhecimento, que se lançam a buscar uma leitura fidedigna da imagem que se forma diante dos olhos do observador sobre os detalhes daquela pintura. Em sua leitura, o filósofo chama a atenção para a existência de uma linha imaginária, traçada entre o quadro e nós, que contemplamos a imagem formada. Tal alegoria é criada para compreendermos que é a partir do lugar de onde observamos, que se revitalizam as sucessivas leituras interpretativas, sob diferenciados pontos de vista sobre as

imagens que os materiais de memória são capazes de formar diante do olhar que perscruta a história das mentalidades.

Portanto, é do nosso lado da linha imaginária que podemos realizar a tarefa proposta por Bloch (2001), a de interrogar os documentos que, por si só, não falam. É sob um recorte particular que ancoramos o nosso foco de leitura do Jornal das Moças (1926), a presença do discurso da educação higienista de forma a concebê-lo como peça importante para a compreensão da configuração social e cultural dos anos iniciais do século XX. Nessa tarefa, a partir da temática que desvelamos, é mister submeter o nosso objeto de pesquisa a uma rigorosa crítica, visto que está situado em um momento histórico de transição quando ainda é muito perceptível, nas feições brasileiras, a tradição colonial e imperial. Foi um período histórico em que se viu efetivar, no solo nacional, mudanças radicais em todos os setores da sociedade, precipitadas pelo intenso processo de industrialização que tomou lugar no país, até então, marcado pelo modo de produção agrário; da explosão do crescimento urbano; da busca por melhorias no aparelho educacional com vistas a minorar os índices de analfabetismo; e, das tentativas de desenvolver e modernizar o país. Costa (2010), ao analisar as origens do ideal republicano, no Brasil, e de como esta se instalou, refere-se a um momento crítico quando se vê, nos primeiros anos de implantação do regime político, a tensa convivência entre os ditames desta última e os moldes monárquicos, em que se proliferavam as opiniões contrárias, ora em defesa da Monarquia, enunciada por aqueles que se colocavam como desiludidos com o novo sistema, elaborada na visão pessimista com que observavam aquele momento presente, ora esposando as ideias anunciadas pelo Manifesto Republicano, de 1890, em que a implantação do novo regime significava levar a efeito uma aspiração nacional de descentralização do poder exercido pela monarquia.

Reservamos para outra oportunidade a revisão dos discursos produzidos nesse momento histórico, fortemente marcados pela interposição de opiniões, no debate que configurou a crise da transição, e mantemos nosso ponto de observação dos períodos iniciais do Brasil Republicano em conformidade com o que é defendido por Prado Júnior (1992): *“Em nenhum momento ou fase do passado o país tivera diante de si, neste sentido, perspectivas mais amplas.”*, em que se constata um forte engajamento da elite em defesa da ações de ordenamento social defendidas pelos articuladores da implantação do progresso.

Nesse sentido, para o entendimento do que significaram essas ações e o reconhecimento dos campos em que foram empreendidas, em favor da ordem e do progresso

republicano, julgamos pertinente, no exame do vasto conjunto das representações produzidas naquele momento histórico, enfatizar o importante veículo de informação que se constituiu o jornal naquele momento.

Ao abordarmos um título de jornal, entre os muitos produzidos pela imprensa periódica, situada na República Velha, consideramos necessário tecer breves comentários sobre a ambiência jornalística que impregnou a imprensa, desde a sua criação no Brasil, em 13 de maio de 1808. Conforme Sodré (1983), a Imprensa Régia fez parte do conjunto de instituições fundadas no país, a partir da transferência e permanência da família real para a maior das colônias portuguesas. Logo no mês seguinte à oficialização dos serviços tipográficos, foi estabelecida a censura prévia, que se estendeu até o ano de 1821. Com essa interdição, não demorou que se lançassem ao público as publicações oficiosas, inaugurando no plano discursivo do país a tendência pela imprensa marcada pelas agitações políticas no auge daquele momento de interstício entre a Monarquia e a República. Isso se fez sentir por meio da crítica acirrada, levada ao conhecimento do público em forma de artigos, na crônica diária, escrita com os contornos críticos e, muitas vezes, chistosos, enriquecidos pela arte do desenho das caricaturas feitas por famosos artistas, daquele período, como Ângelo Agostini. Foi, portanto, nesse período de ebulação política e cultural por que passou o país, que semuplicaram os pasquins e surgiram nomes importantes para o jornalismo brasileiro, como Gonçalves Lêdo e Evaristo da Veiga, este último, criador do jornal *A Aurora Fluminense: jornal político e litterário*(1827), no Rio de Janeiro; Líbero Badaró, jornalista assassinado por espancamento e criador do *O Observador Constitucional*(1829), em São Paulo; Manuel Clemente do Rêgo Cavalcante, do *A Gazeta Pernambucana*(1822), em Pernambuco; e o já citado, no âmbito potiguar, Padre Francisco de Brito Guerra, com *O Natalense*(1832), conforme Sodré (1983) e informações coletadas no Catálogo de Periódicos Raros da Fundação Biblioteca Nacional (2000).

Não demoraram, nesse período pré-republicano, a surgir os títulos dirigidos ao público feminino. Conforme pesquisa de Buitoni (1980), esse tipo de imprensa, realizada no país, chegou aos olhos da sociedade, provavelmente, com *O Espelho Diamantino: periódico de política, litteratura, bellas artes, theatro e modas, dedicado às Senhoras Brasileiras*, em 1827, na cidade do Rio de Janeiro. Este jornal, segundo a pesquisadora, objetivou manter uma interlocução feminina, entretanto a sua produção esteve ao cargo da escrita masculina, que se revelava às suas leitoras por meio da assinatura pseudônima. Em função disto, considera-se que o *Jornal das Senhoras: moda, litteratura, theatro e crítica*, de 1852, tenha

sido o primeiro a ser criado e dirigido por uma mulher, a feminista argentina, Juana Manso (OLIVEIRA, 2009).

Contudo, Buitoni (1980) considera que foi, nas duas décadas iniciais do efervescente século XIX, que a sociedade brasileira assistiu a instauração da escrita e do diálogo periódico tendo no gênero feminino o seu público alvo. Caracterizava-se pelo modo de produção artesanal, sendo que, na maioria das vezes, os jornais tinham curta periodicidade, estendendo-se o seu caderno impresso, a quatro folhas, no máximo. Obviamente, que seguia a tradição dos primeiros anos da imprensa brasileira: dava preferência ao estilo crítico e combativo, prestando-se muito mais à discussão de ideias, do que se ocupando da tarefa noticiosa.

Consideramos que foi de grande valia o seu aparecimento, por se somar à grande imprensa como mais um veículo facilitador para alcançar significativas parcelas da sociedade, formada pelas senhoras, esposas, mães de família e pelas moças, muitas delas, ainda em idade de formação escolar, em uma época quando a mulher ainda não era reconhecida como produtora cultural.

Sobre a participação da mulher na imprensa periódica, desde o seu surgimento, até as primeiras décadas do século XX, Nunes (2011) pontua que a sua inserção foi conquistada em um contexto intelectual, predominantemente, dominado pelo masculino, marcado pela prática da escrita pública e exercício intelectual como um paralelo das profissões exercidas por homens, como faziam os advogados, os médicos e os engenheiros.

As mulheres, para ascenderem ao reconhecimento como autoras de produtos intelectuais, estiveram sujeitas aos preconceitos impostos ao trabalho feminino, na sociedade patriarcal em que nasceram e foram educadas, a mesma em que pretendiam lançar às manifestações públicas por meio da escrita. Nunes (2001) acrescenta que a opção pelo magistério forneceu condições para a concretização do vislumbrado sonho da inserção feminina no mundo do trabalho e, consequentemente, a terem reconhecimento discursivo.

O magistério possibilitou à mulher a autoafirmação como educadora, por natureza, tanto no espaço público quanto no privado, e a ciência feminina dessa dimensão constituiu-se em fator importante para a inserção do seu discurso e da sua valorização na imprensa periódica. Presumia-se, com isso, a ampliação do seu instinto maternal, que se estenderia para além do espaço doméstico e particular, dando seguimento à necessária função social e política a que se destinavam as mulheres, formar novos cidadãos. Nesse sentido, Nunes (2011)

esclarece que a ampliação do espaço doméstico para o social foi decorrente da concepção do desempenho do magistério como dimensão das tarefas do lar, uma vez que,

[...] como educadoras, cuidavam tanto do lar quanto da escola, principalmente da transmissão de valores e normas de condutas. Essas concepções apareceram nos discursos oficiais, nos livros de educadores e mesmo em periódicos femininos e feministas que endossaram os discursos masculinos sobre a função educadora da mulher. (2011, p.167)

Nessa compreensão, a valorização dos discursos femininos na imprensa periódica foi permitida pelo seu reconhecimento como veículo ímpar a ser utilizado em favor da ação pedagógica civilizatória inerente ao processo de afirmação do Estado Republicano, que tinha, no modelo europeu, a forma para as transformações sociais. Cabe acrescentar que Chartier (1995), ao escrever sua nota crítica sobre as diferenças entre os sexos e a dominação simbólica que ocorre na relação entre os sexos, reporta-se à Idade Moderna como o período de maior tensão, tomando, como foco de análise a relação das mulheres com a escrita, da qual elenca traços indicadores de como esta foi sendo constituída entre os séculos XVII ao XIX: o recurso frequente ao anonimato ou ao pseudônimo que dissimula a identidade verdadeira do autor; a distância em relação à edição, a destinação das obras em relação a um público restrito, próximo, cúmplice fatores que, segundo o historiador,

[...] singularizam uma escrita feminina contida e dominada, privada de propriedade que, majoritariamente, qualificam a escrita masculina: o nome próprio, a difusão impressa, a busca de um público grande anônimo e longínquo. (CHARTIER, 1995, p. 37-38).

Entretanto, a reversão desse modelo é oportunamente permitida quando se passa a reconhecer, no discurso feminino, um veículo facilitador para a disseminação dos ideais condizentes com a reorganização social proposta pela elite brasileira que encontrou, no acúmulo do saber científico, condições apropriadas de intervenção social, tendo em vista as dificuldades impostas por uma sociedade eminentemente patriarcal e a maneira de recepção desta, atrelada ao modo de vida colonial. Aliado a esse saber estava o reconhecimento da necessária veiculação da ação educativa e pedagógica para propagação dos princípios modernizadores, haja vista a implantação de novas condutas sociais.

O conjunto de valores que se pretendia incorporar como referência para a sociedade brasileira, conforme Herschmann e Pereira (1994), foram advindos do modelo europeu, puritano e ascético, colocados em prática pela remodelação sanitária, pedagógica e urbana. Os autores ressaltam que a incorporação das formulações aglutinadas com a grande revolução dos saberes técnico-científicos, por que passou a sociedade, deram efeito a intenção moralizadora e normatizadora dos cidadãos. Ao se alinhar com os valores europeus, cujo ápice se deu no segundo quartel da época citada, o Brasil tomava ares de civilização.

A partir disso, vemos o médico, o jurista, o engenheiro apoiarem-se na conotação maternal e educadora do discurso feminino, e realizarem alterações nos papéis de gênero, observados por Chartier (1995), inserindo-se nessa escrita, tendo, no recurso do pseudônimo feminino, uma forma de se colocar, também, como educador. É nessa inversão de papéis, que vemos o masculino assumir, de forma conveniente o discurso feminino que lançamos compreensão sobre o surgimento do Jornal das Moças, em 1926, e da sua utilização para a veiculação dos ideais educativo-higienistas.

A esse propósito, Soihet (2000) adverte que qualquer pretensão de alteração dos papéis entre os gêneros encontraria forte resistência, considerando que a sociedade sempre entendeu as instâncias masculina e feminina de maneira isolada e contrária. Entretanto, no processo de agitação cultural observado, na virada do século, a redefinição dos papéis femininos, forçosamente, afetou o masculino, sendo perceptível nas excessivas reações diante das reivindicações das mulheres, como constatamos no artigo a seguir, de autoria de um dos redatores do Jornal das Moças, o farmacêutico José Gurgel de Araújo, que ao assinar o seu escrito por Flor de Liz, utiliza-se da voz feminina para anunciar o contrato feito com a redação do jornal *O Seridoense*, para apoio editorial do periódico:

Precisávamos de maior espaço pra atender ao escolhido corpo de colaboradoras que nos auxilia nesta espinhosa peregrinação da imprensa o que ora nos faculta a vantajosa convenção feita com nosso collega já mencionado, muito embora este novo augumento [sic] nos custe muito trabalho e sérias dificuldades econômicas. Portanto, o Jornal das Moças espera encontrar o mesmo apoio, a mesma solidariedade, a mesma confiança na sociedade da nossa terra que jamais negou a sua valiosa adhesão aossurtos do progresso, a sua activa cooperação aos meios empregados pela defesa das suas tradições gloriosas [...]. (FLOR DE LIZ, 16 maio 1926).

Portanto, a década em que se contempla a efetiva circulação do Jornal das Moças, coincide com a época em que se consolidam os ideais feministas e as movimentações das mulheres em busca das conquistas sociais, desde o protesto de Nísia Floresta, em 1830, à cientista Bertha Lutz (1894-1976), zoóloga brasileira com estudos em Ciências Naturais na renomada Universidade de Paris, em Sorbonne, e segunda mulher a adentrar ao serviço público brasileiro por meio de concurso, assumindo a função de secretária e, posteriormente, passando para o quadro científico do Museu Nacional. Sua admissão e efetiva participação dos trabalhos de pesquisa, envidados naquela instituição, renderam críticas elaboradas por intelectuais, como o escritor Lima Barreto, que se dirigiu, em artigo de jornal, ao médico Bruno Alves da Silva Lobo, então diretor do museu e em cuja gestão Bertha foi admitida, como ilustramos abaixo, por meio de Lopes (2008, p.80):

Conheci-te ainda estudante quando não tinhas a honra e glória de escrever a famosa brochura sobre A Escritura do Cilindo-Eixo. Como tu tinhas fartas relações com jornalistas e aderentes, a tua brochura tão especial teve grande repercussão, graças a reclameö que aqueles te fizeram. Arvorando ora em histologista, olhador de microscópio, sabichão em história natural, em arqueologia egípcia, em antiguidades americanas, ora em crítico de arte e pontífice em pintura, escultura, gravura, arquitetura etc.º extrapolando suas competências, Bruno Lobo será o responsável pela emancipação feminina: Feito diretor do museu, tu, meu caro Bruno, arvorando-te em Congresso Nacional, emancipaste a mulher e nomeaste a inefável Bertha Lutz secretária do referido museuº (BARRETO, 1919 apud LOPES, 2008, p.80).

Com o intuito de elucidar melhor as interdições impostas à inserção feminina às esferas sociais, antes reservadas à ocupação e frequência masculina, trazemos outro escrito de Lima Barreto que, em tom jocoso, se refere às moças de então:

Agora temos a faladora Bertha Lutz que foi aos Estados Unidos, em Baltimore, creio, dizer que as moças do Brazil se dedicam a educar crianças. Grande novidade! Uma cousa, porém não disse é que as moças do Brazil se fizeram arautos do feminismo burocrático. O que elas querem, é ser escriturárias, mediante concursos duvidosos. Isto é feminismo à Bruno Lobo, quando não é à Carlos Chagas, esse descobridor do mel em ninho de pau de coruja, que nos impingiu umas õamericanasö, mais ou menos alouradas, a fim de nos ensinar a dar lavagens e clisteres, obedecendo a métodos científicos, como se elas, apesar de louras, e de seus olhos azuis, tivessem alguma idéia do que seja ciência, mesmo aquela esbodegada que tem referido o Chagas. (BARRETO, 1922 apud LOPES, 2008, p.80-81).

É importante ressaltar que, ao remontarmos à vida da cientista Bertha Lutz, pretendemos dar expressão à difícil recepção do discurso feminino. Rocha Neto (2005) relata sobre as relações de admiração e amizade que foram firmadas entre a cientista e uma das redatoras do Jornal das Moças, Júlia Medeiros, ambas entusiastas da luta pelo sufrágio feminino, havendo, entre ela, a troca de cartas. Com isso, fica claro que a ascensão feminina às esferas do trabalho, marcadamente, no contexto da educação, e a conquista do ideal democrático do sufrágio feminino, deram início a sua participação pública na vida política.

Quando frisamos sobre o engajamento feminino nas movimentações políticas, a partir das citadas conquistas, de modo algum, deixamos de ter em pauta a sua participação, praticada no espaço privado, do lar, onde as primeiras lições de formação do caráter civil são ministradas ao indivíduo, desde a sua mais tenra idade, por zelosas mães e irmãs mais velhas; o cuidado com a apresentação pública do marido, e a administração do lar asseguram a autoimagem masculina diante da sociedade. Dessa forma, por meio de imagens, demonstramos que as esferas restritas aos gêneros são transformadas, em conformidade com a promoção equânime dos direitos de participação social:

**Fotografia 1 - Ateliê de costura.**



Fonte: Rocha Neto (2002, p.78).

**Fotografia 2 - Esperidião Eloy de Medeiros e filhos.**



Fonte: Acervo de Ana Zélia Moreira.

**Fotografia 3 ó Júlia Medeiros votando, em eleição de 05 de abril de 1928.**



Fonte: Rocha Neto (2005, p. 33).

Diante da irreversível posição alcançada pelas mulheres e dos percursos e lutas travadas em favor da sua ascensão, o médico eugenista Renato Kehl opina sobre o processo de que é testemunha, em seu tempo:

Não é de hoje, porém, que a mulher se esforça para conseguir a completa emancipação da tutela varonil. De longa data ella vem lutando afim de nivelar os seus direitos na vida social e política. Os frutos do esforço feminino já se estão fazendo sentir. Ultimamente a mulher começou a abrir novos e vastos horizontes nas suas pretensões. Já domina no lar, vence na rua, atinge nas fábricas e academias, situações eguaes as dos homens. [...] Mas não podemos inferir, com exemplos, com estatísticas que a mulher seja mentalmente inferior ao homem. O psychismo de ambos se equivale, se bem que um tanto diversos. Circunstâncias especiais tornam a mulher inferior, como outras podem tornal-aintellectuamenteegual ao homem ou mesmo superior. (KEHL, 1922, p. 231-232, 242).

Logo, o discurso feminino veio a se tornar de grande valia para a prática do que Herschmann, Kropf e Nunes (1996, p.[9]) denominaram de ōpedagogia civilizatóriaö, ao descreverem o esforço empreendido para persuadir o conjunto da sociedade a adotar, com legitimidade, os princípios tidos como fundamentais para a implantação do paradigma moderno. Essa ação pedagógica, por seu turno, função tão feminina, ao ser reconhecida pelo seu trabalho formativo, passara, então, a possibilitar a instrução dos indivíduos, visando à aquisição de novas formas de perceber e implantar realidades em seu meio social, referentes à adoção de novos comportamentos e atitudes relativos ao ideário higienista, os quais, a nosso ponto de vista, foram, historicamente, constituídos no cenário político republicano, como passaremos a discorrer, tendo como *locus* de observação o movimento social que caracterizou as práticas higienistas, a cidade de Caicó.

Nesse sentido, no ano de 1926, quando da criação do Jornal das Moças, o Estado do Rio Grande do Norte estava sob o Governo do Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros (1884-1971), eleito para o mandato de 1924 a 1925, contando para tal, com o forte apoio do então presidente Arthur Bernardes. Conforme Souza (2008), o seu governo foi marcado pela pacificação e deu início a uma nova fase política estadual, em que o poder político, antes dominado pela oligarquia Maranhão, cujo polo de fortalecimento econômico residia nas regiões Agreste e Litorânea, passou às plagas seridoenses, de onde brotou com profusão o algodão mocó, ouro branco de extraordinária produção. O próprio José Augusto, entusiasta daquela produção, assim descreveu aquele algodão, em tom de quase metáfora do caráter da gente seridoense que ascendia ao poder, naquela época:

Mas estava escrito que o algodão seria, com o decorrer dos tempos, a dominante economia do Seridó. Para isso, concorreu decisivamente a qualidade da fibra do algodão perfeitamente ali cultivado, melhor do que a

de qualquer outro tipo brasileiro, e rival dos melhores do mundo, prestando-se admiravelmente para a confecção de tecidos finos. [...] Ao contrário das outras variedades, o algodão do Seridó é perene, é arbório e resistente às mais longas estiagens. (MEDEIROS, 1980, p.27).

Mas, o sucesso do algodão, descrito por Macêdo (2005) como as ôPlumas Pagãsô cultivadas com tanto no solo sertanejo quanto no discurso político do republicanismo José Augusto, já havia se prenunciado na movimentação oligárquica que marcaria a movimentação política a partir das últimas décadas do século XIX.

Suas origens interioranas não lhe podaram o vislumbrar para o Rio Grande do Norte um período marcado por forte senso democrático, dando conta de um governo liberalista e, portanto, defensor dos princípios fortalecedores do Regime Republicano, do qual era seu representante maior no seu período de governo. Souza (2008) afirma que, embora não se reconheça em José Augusto um exímio administrador, destacando-se mais como um paladino da Educação, muitos foram os seus feitos em favor da melhoria de condições de vida da sociedade, abrindo as portas de sua administração para as fimbrias do progresso.

Dessa forma, o citado autor nos apresenta e analisa um significativo conjunto de ações materializadas naquela gestão, tais como: no campo político, a revisão da Constituição Estadual, visando promover o seu alinhamento com a nova Carta Federal, plena de ideias renovadas e liberalistas; deu apoio às organizações de classes trabalhadoras e às lutas feministas, antecipando-se à Constituição Federal de 1932 no reconhecimento do direito ao sufrágio feminino, ao por meio do Artigo nº 77, da Lei nº 660, de 25 de outubro de 1927, reguladora do Serviço Eleitoral do Estado. Na Educação, criou considerável número de escolas rudimentares, grupos escolares e subvencionou as particulares; criou o Conselho de Educação, logo após tomar posse do governo, em 1924; por meio da criação da Universidade Popular, e com o apoio da Igreja Católica, foi possível levar a instrução às classes operárias. No campo da saúde pública, criou a Comissão de Saneamento de Natal; promoveu melhorias no abastecimento de águas do Baldo, Ribeira e Petrópolis, bairros da cidade de Natal; fortaleceu o Serviço de Saneamento Rural criando novos postos de controle profilático da sífilis, lepra, tuberculose e febre amarela. Além disso, promoveu melhorias nos serviços de transportes públicos, com aumento no quantitativo de bondes e ampliação de linhas férreas, bem como, equipou a Usina do Oitizeiro, com o intuito de melhorar a qualidade da iluminação urbana de Natal. Em seu governo, foi exponencial o aumento das 100 linhas telefônicas do Estado. Criou o Serviço Estadual do algodão.

Mediante os escritos do Jornal das Moças, verificamos a adesão do periódico a esse Governo que voltou sua atenção para a região, considerando que um fator preponderante foi o sentimento de pertença para com a gente e a terra seridoense. José Augusto, nascido em Caicó, descendia dos primeiros colonizadores que chegaram à Ribeira do Seridó, vindos de Viana do Castelo, no Norte de Portugal, e da Ilha de São Miguel, nos Açores, portanto, os Araújo Pereira, Lopes Galvão, Bezerra, Dantas Correa e Medeiros Rocha, dos quais descendia, também, a maioria dos redatores do Jornal das Moças, dado ser a endogamia praticada comum entre os habitantes daquelas terras. (MEDEIROS, 1940; MEDEIROS FILHO, 1981).

Essa adesão foi à resposta a forma popular com que se colocou o político, diante das massas, mostrando-se igual a ela, conforme Souza (2008, p.339): *“No poder, [...] conduziu-se como um homem simples, e acessível a todos que lhe procuravam. Confundia-se com o povo, andando de bonde pelas ruas da Cidade.”* Isso pôde ter-se entendido como uma conlamação à participação e adesão popular ao governo. Temos como prova imagética do apoio das camadas populares, a participação desta na defesa do território potiguar da ordem pública contra a Coluna Prestes que rumava sertões adentro, conformese ilustra a seguir:

**Fotografia 4** - Grupo de defensores de Caicó. Denominado õBatalhão Treme-tremeö, organizado pelo então Deputado Juvenal Lamartine, em 1926, diante da ameaça de invasão do Seridó, pela Coluna Prestes. Anotação manuscrita: õPhotografia dos 300 patriotas que pegaram nas armas para defender a importante cidade do Caicó, no Rio Grande do Norte, ameaçada pela columna rebelde do Tenente Siqueira Campos. À frente do grupo estão: 1º o deputado J. Lamartine, 2, 3 e 4 os Coronéis Joel Damasceno, Celso Dantas e Camboim, membros do Diretório Político do Município, 5 o tenente Genésio Gomes, ajudante de ordem do Deputado J. Lamartine. õ Autoria de José Ezelino da Costa.



Fonte: Arquivo Público Mineiro (2011).

A proposta de promover melhorias no campo educacional com vistas a combater a falta de instrução pública e o implemento de políticas de saúde publica que sanassem a insalubridade que permeavam a sociedade, e se atrelavam ao atraso social, foram a bandeira política do referido governador, e o Jornal das Moças, com empatia, não deixou de relatar as realizações daquela gestão:

A larga messe de benefícios que o Dr. José Augusto tem trazido ao Rio Grande do Norte, havemos de destacar jubilosos, porque é o próprio feitio espiritual do jovem estadista que dirige os nossos destinos, os serviços de assistência nas suas variadas expressões. [...] Não tem havido no seu governo

iniciativa que venha enriquecer o nosso patrimônio moral e material que não tenha desde o início o apoio do seu idealismo sadio e constructor. Estradas, pontes, grupos escolares, collegios, toda expressão de actividades que se agita no nosso torrão tem tudo, quase exclusivamente, para se tornar sensível e palpável, a sua capacidade realizadora. As promessas de uma largaadministração, dentro dos mais rígidos princípios democráticos se vão realizando dia a dia. As esperanças que a nossa imaginação de patriotas anteviu na completa personalidade política deste querido filho de Caicó se vão confirmando nas maneiras mais evidentes. O Hospital do Seridó que hoje se inaugura nas pompas de nossa alegria é fructo dessa ambição desmedida de fazer o bem, que caracteriza o governo do Dr. José Augusto. Exultemos, pois, com o Grupo Escolar -Senador Guerraç com o collégio Sta. Therezinha, e agora com este Hospital do Seridó, empreendimentos de uma administração que tem o dom super-humano de penetrar no futuro. (JORNAL DAS MOÇAS, 07 ago. 1926).

No extrato acima, a referência ao Grupo Escolar Senador Guerra, fundado em 29 de abril de 1908, no governo de Alberto Maranhão, que funcionou, desde a sua inauguração, no salão da Prefeitura Municipal, passando a prédio próprio na gestão do Dr. José Augusto; enquanto que o Collégio Santa Therezinha foi criado no dia 11 de outubro de 1925, sob a direção de religiosas pertencentes à Órdem das Filhas do Amor Divino, procedentes do Rio Grande do Sul, em atendimento dos pedidos da demanda educacional, encaminhados pelos representantes da cidade ao então Governador e ao Bispo de Natal, D. José Pereira Alves, para a criação de uma instituição de educação feminina.

A literatura sobre o momento histórico que tratamos, realça os feitos da oligarquia algodoeira-pecuarista, em que destacam homens familiarizados com esse tipo de economia, mas, também é expressiva a abertura de um período de discussões tecno-científicas, tanto em relação àquele tipo de produção, quanto à Educação e à Saúde, segundo os políticos daquela fase, as representações de seus antepassados que buscaram na formação acadêmica o respaldo necessário para dar expressividade às ações políticas, conforme Spinelli (2010) e Araújo (1995). Com isso, é perceptível a ênfase no fortalecimento de duas instituições, a Escola e o Hospital, como representações dos campos de ação política e intelectual.

O Jornal das Moças (1926), igualmente aos jornais da época, era concebido como um agente utilizado em favor da civilização, onde a orientação pedagógica era clara ao pautar seu discurso na defesa do progresso a ser implantado pela elite intelectual, de forma a dar novos moldes à sociedade, conforme Andrade (2007; 2011). Nesse entendimento, a apreensão dos discursos dispersos, no periódico em estudo, revelou um quadro de variadas frentes de formações discursivas, em que são expostas ideias que, se analisadas em relação ao que

enunciam, perceberemos que estão agrupadas segundo uma ordem coerente, sendo possível identificar entre elas uma regularidade que diz respeito a um sistema comum para sua formação, que é dado pelo *a priori* histórico e social de que foram enunciadas, como é posto por Foucault (2009a).

Ao reagruparmos essas formações discursivas, tendo como categoria de análise o entrelaçamento da Educação com a Saúde, com vistas a identificar o discurso educativo-higienista no jornal que analisamos, sobressaltam o Discurso da Educação Higienista para a Saúde e o Discurso da Educação Higienista Civilizatória. Com base nesses dois eixos estabelecidos para a análise discursiva do Jornal das Moças (1926), passamos discorrer, de maneira a alinhar seus escritos com a aplicação dos ideais de higiene como a solução para a manutenção da saúde física e coletiva, visando a resolução de problemas de ordem político-social.

#### **4.1 O DISCURSO HIGIENISTA DA EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE**

Nas décadas iniciais do Regime Republicano, a literatura apresentava o quadro social do interior do país pelas vozes de Monteiro Lobato, que o descreveu por meio da imagem do Jeca Tatu, homem rural, tipo mestiço e preguiçoso, e de Euclides da Cunha, correspondente de guerra do Jornal *O Estado de São Paulo*, que publicou sua obra *Os Sertões (Campanha de Canudos)*, em 1902, pela tipografia dos pioneiros irmãos Laemmert, como resultante de suas anotações sobre a Revolta de Canudos, ocorrida no interior da Bahia, entre 1893 a 1897. Entre o cientificismo e a literatura, descreve a paisagem física e humana e procura fazer uma análise dos laços entre a região e o homem ali residente, incisivo em afirmar a influência do clima e da formação racial no caráter do sertanejo.

A relatar sobre a passagem do correspondente pelos sertões nordestinos, Löwe (2006) ressalta, no escritor, a afiliação ideológica positivista e, portanto, ferrenho defensor dos ideais republicanos, como também, alguém fascinado pelas teorias sociológicas e antropológicas,

que permitirão desenvolver no *Os Sertões*(1902), a tensão entre a visão dos õselvagensõ e õdegeneradosõ com a tenacidade e a coragem percebida no caráter daquela gente.

Nesse cenário histórico e literário,presenciamos o discurso higienista deslocar-se dos grandes centros e tomar lugar nas plagas mais longínquas e adentradas do extenso Brasil, firmando, assim, o caráter nacionalista do movimento sanitarista, no início do século XX, com a entusiasmada e efetiva participação de médicos, engenheiro e educadores nos projetos de modernização nacional.

Nas cidades do interior nordestino, também a paisagem se modificou, como discorre Medeiros (1973), haja vista a extinção da escravidão, o aumento demográfico, o implemento dos meios de comunicação e da pequena indústria, bem como o desenvolvimento do pequeno comércio. Essas foram causas pelas quais afluíram contingentes humanos fazendo com que distantes municípios, como Caicó, tivessem destaque entre outras localidades do Estado do Rio Grande do Norte. Em 1916, a Inspetoria de Obras Contra a Seca entra em cena, abrindo barragens e açudes, permitindo com isso, a manutenção da vida e permanência do sertanejo no seu solo. Ao exemplo do ocorrido em outras cidades, junto ao crescimento econômico e populacional, aproximam-se as políticas de controle social.

Prova disso, foi a Revolta da Vacina que, após o seu ocorrido em 1904, no Rio de Janeiro, e do triunfo contra a febre amarela naquela cidade, a medicalização da nação passa a ser um elemento central para o progresso e do fortalecimento do movimento sanitarista na década de 1910 a 1920, quando foram criados O Serviço de Profilaxia Rural (1919) e do Departamento de Saúde Pública (1920), conforme Löwe (2006). A partir de 1912, o médico Belizário Pena, funcionário da Diretoria Geral de Saúde Pública, juntamente com Arthur Neiva, do Instituto Oswaldo Cruz, adentra aos sertões, indo do sul do Piauí ao estado de Goiás, atendendo às solicitações de visitação do Serviço da Seca, para estudar as condições sanitárias e iniciar o combate às doenças existentes naquela região. A cavalo, tomam apontamentos do que viram, por relatórios e imagens fotográficas, cujos registros vão se somar como peças importantes para a constituição dos discursos que deram sustentação à reforma sanitária e à elaboração de políticas públicas para a saúde. A educação higienista ou sanitária foi defendida por Belisário Penna como alternativa para sanar a condição de enfermidade que se encontravam os sertões, região por ele reconhecidamente abandonada pelas autoridades. Para Oliveira (2011), o trabalho de Penna em favor da educação para a saúde, mirava o objetivo de pedagogizar pessoas, sociedades, promovendo necessárias

intervenções modeladoras de novos hábitos. Nesse sentido, educar, no entendimento daquele médico significava produzir praticantes, fazer crer, encarnar no outro os discursos da pedagogia [...] (OLIVEIRA, 2011, p.365).

O plano de ação do governo do Estado, na pessoa do Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros, cujo sucesso administrativo foi veementemente defendido e reconhecido pelos dizeres do Jornal das Moças (12 set. 1926), nos termos de impor cada vez mais ao conceito do povo do R. Grande do Norte pela sua administração intelligente, consta no que foi dito anos depois de seu mandato, na parte do seu livro *Seridó*, sobre os problemas sanitários da região homônima:

Fortalecido o homem pela instrução, pela educação econômica principalmente, teremos de nos voltar para os problemas sanitários, dando aos habitantes daquela zona, o fortalecimento físico de que têm necessidade para enfrentar a rude luta com a natureza, que é inclemente. Quanto a esse aspecto, o Seridó apresenta algumas condições favorabilíssimas. Basta dizer que, por ser uma região seca, ali não há nem a verminose nem o paludismo. Recordo-me de que, certa vez, levando a visitar aquelas paragens um grande sanitarista brasileiro, o Doutor Belizário Pena, que tinha como lema na sua atividade funcional o combate à verminose e ao paludismo, ficou ele espantado de haver encontrado no Brasil uma região em que não existiam as duas endemias. (MEDEIROS, 1980, p.20).

Entretanto, o político se refere a outras doenças que grassavam na região seridoense, eafirma que o marco do seu trabalho, para o combate dos males que afetavam a saúde da população, havia sido a instalação do Hospital do Seridó, em sua gestão. Esse acontecimento contou com grande repercussão no noticiário periódico da época.

Por meio do produto do Centro de Pesquisas Juvenal Lamartine, subvencionada pela Fundação José Augusto, chegamos às informações históricas sobre o referido hospital, que teve a sua origem com a iniciativa do médico sergipano Dr. Aderbal Figueiredo, que esteve na cidade por algum tempo.

Com a iniciativa do médico sergipano, Dr. Aderbal Figueiredo, radicado em Caicó, o Hospital do Seridó foi fundado em 7 de agosto de 1926, com a presença do Presidente da República eleito naquele mesmo ano, Washington Luiz que, em visita pelo Nordeste, esteve presente na delegação de inauguração do mesmo que, só começou a funcionar, de forma efetiva, em 1929. Para a inauguração, a comitiva encabeçada pelo governador que, segundo noticia o Jornal das Moças, publicado no dia 7 de agosto de 1927, chegara de véspera à cidade

para receber os ilustres representantes que, além do presidente recem eleito, contava com os Desembargadores Felipe Guerra, Dionísio Filgueira, Hemetério Fernandes, do então bispo de Natal, Dom José Pereira Alves, Dr. Nestor dos Santos Lima, diretor do Departamento de Educação, Dr. Waldemar Antunes, do chefe de Profilaxia Rural, Oscar Wanderley, representante do jornal *O Diário de Natal*, Luiz da Câmara Cascudo, do *A Imprensa* e Lélio Câmara, do órgão oficial do Estado, *A República*.

**Fotografia 5** - Inauguração do Hospital do Serido, com a presença do Presidente Washington e do Governador José Augusto de Medeiros, 1926.



Fonte: Acervo de Ana Zélia Moreira.

A inauguração do referido hospital foi, para a cidade de Caicó, um marco das relações de interdependências próprias da coletivização das ações políticas, como explica Elias (1970, p.15), em torno das quais são criadas estruturas exteriores aos indivíduos e, por meio das quais, se constituem as relações de interdependência ou configurações conforme exemplificações do autor, ou seja, instâncias como família, escola, cidade, estratos sociais, e instituições. Dessa forma, ao reconhecermos o Jornal das Moças como uma dessas instâncias, evidenciaremos na iniciativa da sua criação a regulação do Estado sobre os efeitos negativos das doenças e epidemias que assolavam os indivíduos, por exemplo. Nessa compreensão, Hochman (2006) refere-se que a partir do paradigma da interdependência, estabelecido por Elias (1970), poderemos compreender os males que achacaram a saúde dos brasileiros, na virada do século, e que eram tidos como nítidos sinais do atraso em que o país

esteve mergulhado, quando ainda pertencia à casa portuguesa. A epidemia ou a doença passa, nessa esfera, a ser compreendida na nova situação político-administrativa que se encampou no Brasil como um mau público.

O engajamento da elite letrada nessa nova fase, como é tomado para ilustração o caso da cidade de Caicó, enxergados pelos escritos do Jornal das Moças (1926), mostra-se muito claro quando este se refere com entusiasmo sobre a inauguração do hospital e a visitação de encarregados da saúde pública, como se constata em crônica onde é noticiado um chá dançante organizado por Júlia Medeiros, uma das redatoras do Jornal das Moças, em benefício do Hospital do Seridó.

Situadas na segunda fase do movimento sanitarista brasileiro, as ações higienistas empreendidas da cidade de Caicó e amplamente divulgadas pelo jornal em estudo, são apoiadas pelo corpo editorial e racional que, insta em levar a sociedade local a cooperar com as referidas ações, de maneira que passa a assumir uma orientação pedagógica e educativa com o intuito de formar, nos indivíduos, o conhecimento e as práticas condizentes com o ideário higienista. No Brasil, a primeira fase das movimentações higienistas está centrada, conforme Hochman (2006) na primeira década do século XX, quando sobressaiu o trabalho do médico sanitarista Oswaldo Cruz à frente dos serviços federais de saúde que esteve mais restrito aos cuidados com a capital do país e às zonas portuárias, onde eram combatidas as epidemias de febre amarela, peste e varíola. Essa tarefa foi importante para impedir os prejuízos no comércio de exportação causados pelas péssimas condições sanitárias da capital e dos portos, por onde eram enviados os produtos da agricultura nacional para outros países. Quanto à segunda fase, compreendida entre as décadas de 1910 a 1930, as políticas sanitárias se deslocam para o ambiente rural, como se constata nas representações desse período, seja na literatura, seja no discurso médico-científico. Nessa fase, combatem-se três endemias, por verminoses, propiciados em ambientes de condições sanitárias deficientes, malária e do mal de Chagas.

Assim, descobertos os sertões, iniciam-se os esforços por incluí-los nos planos de construção da nação, sob o paradigma modernizante em que são deixados de lado os determinismos locais, ditados pelas peculiaridades das regiões, como o clima e raça. Nesse quesito, trazemos a discussão inaugurada no Jornal das Moças (1926), possivelmente escrito por José Gurgel de Araújo. Fato esse que não podemos afirmar, com precisão, em face de não termos tido acesso à sua finalização, que consta em folha não identificada por nós no levantamento da coleção do periódico, que tomou como embasamento para o pensamento

acerca da influência do clima sobre o homem, o médico higienista francês Michel Lévy (1809-1872), biografado por Georgette e Job (2004). Possivelmente, o autor do artigo, quando ainda frequentava os bancos da faculdade de Farmácia, cursada no Recife, teve conhecimento da obra do citado autor, *Traité D'Hygiène Publique et Privée* que, em 1950, contava com a sua décima edição, revista, corrigida e ampliada. Assim, diz a crônica:

#### Pelas árvores

Michel Levy, célebre higienista, estudando a physiologia dos habitantes dos paizes quentes, demonstra de uma maneira assaz, interessante e com fundamentos científicos, a influencia perniciosa do clima equatorial sobre a constituição dos indivíduos. Si tantos e tão convincentes não fossem os argumentos empregados pelo eminentíssimo biólogo na demonstração da these, poderíamos aduzir o fato do nosso clima sertanejo em cuja característica se estampa beneficamente a aspereza do clima, mas cuja complexão physica de [ilegível] resulta em grande parte do calor excessivo que envelhece na adolescência e mais na mocidade o homem apparentemente forte do Nordeste brasileiro. As populações meridionais de nosso paiz, as que habitam justamente a zona mais temperada, gosam mais saúde, envelhecem mais devagar, são mais felizes. Influindo maleficamente no physico, o clima quente influe também desastradamente no espírito. Esses pobres neurasthenicos que nos deparam são vítimas, às mais das vezes, do meio physico, cujas influências, felizmente, porém, podem ser modificadas. Tal modificação deve constituir, aliás, um problema sério para cuja resolução devem colaborar o povo e o governo. No parecer unânime dos hygienistas é por meio de arborização principalmente que este problema se resolve de modo fácil [...]. (JORNAL DAS MOÇAS, 27 jun. 1926).

Excetuamos, no presente estudo, as questões de Eugenia, que permearam, tanto quanto o higienismo, as representações discursivas da República Velha, com vimos no extrato acima, e, novamente, ativemo-nos à imagem que se configura para a análise por meio do Jornal das Moças (1926), no qual se apresentam as preocupações com as campanhas encampadas pelos serviços de saúde. Enquanto pessoas ilustradas, conhecedoras dos principais acontecimentos que se veiculavam nos periódicos da cidade e da capital, os redatores do jornal analisado, passam a convocar a população para a adesão às campanhas sanitárias de erradicação de doenças que dizimavam as significativas parcelas da sociedade brasileira.

Em Caicó, como no Nordeste a malária e a febre amarela foram combatidas com o apoio da Fundação Rockefeller, que iniciou seus trabalhos no Brasil, em 1915, quando chegou a primeira comissão, cujo objetivo principal foi coletar informações sobre as formas

de combate às doenças infecciosas e, com isso, permitir a entrada de médicos sanitários norte-americanos no país, promovendo o estreitamento das relações entre a fundação e o Brasil, estabelecendo parcerias com a elite médica nacional que se mostrava atuante num expressivo campo da pesquisa em Microbiologia e Bacteriologia, desenvolvido nos Institutos de Manguinhos e Butantã, como relata Faria (1995).

Ao chegar ao Brasil, a Fundação Rockefeller precisou adaptar seu plano de ação aos quadros históricos, culturais e sanitários, que destoava da visão diferenciada daquela que aqui encontrou. Diante da grande efervescência política e da crescente sentimento nacionalista que se espalhava pelo Brasil adentro, Faria (1995) questiona sobre os reais interesses e objetivos que deram origem às atividades daquela fundação no país, e aponta três visões obtidas por meio da análise das representações constituídas pelos vastos relatórios produzidos sobre a observação que, de forma contínua, realizaram aqui. A primeira, que constitui de visões científicas de políticas imperialistas norte-americanas, em que é clara a ideia de que o combate às doenças infecciosas extrapolava as razões humanitárias e científicas, residindo a razão da presença, por sua vez, em interesses econômicos. A segunda visão diz respeito à realização de atividades genuinamente filantrópicas. A terceira visão seria a adaptação de pesquisas desenvolvidas em função das peculiaridades dos países encampados pela fundação.

De fato, se atentarmos para a missão da Fundação Rockefeller, criada nos Estados Unidos da América, em 1913, veremos a visão imperialista mesclada no discurso filantrópico:

Promover a civilização e ampliar o bem-estar dos povos dos Estados Unidos da América, de seus territórios e de suas possessões, assim como daqueles dos países estrangeiros, por meio da aquisição e disseminação do saber, da prevenção e do alívio do sofrimento, e a promoção de todos os elementos do progresso humano. (FOSDICK, 1952 apud LÖWY, 2006, p. 123).

Dessa forma, encontramos no Jornal das Moças (1926), a seguinte convocação pública:

Estamos novamente com a grande campanha dos senhores mata-mosquitos, em casa. Vai morrer a última camada das muriçocas que vive importunando a nossa paciência e os nossos ouvidos! Não há de ficar vivo um martelinho dentro dos nossos potes! Mal o camarada nos dá o bom dia, vai logo doido aos nossos potes e aos nossos depósitos arrastados pelo enorme desejo de

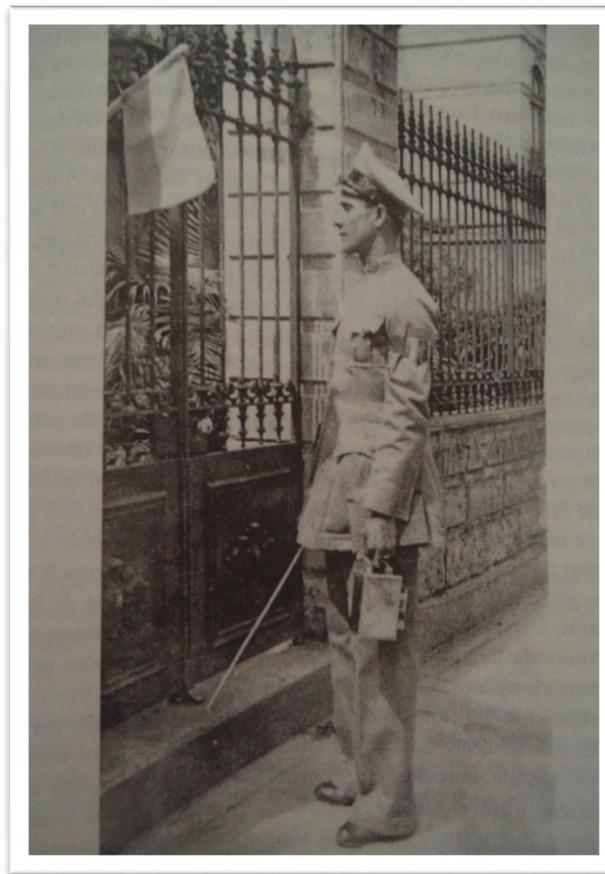
agarrear pelo pescoço o diabinho ser portador das mais terríveis doenças que se criou commosco na doce harmonia dos nossos lares, bem dentro dos nossos potes. Levemos o nosso aplauso a essa campanha admirável pelo nosso bem estar tratado com tanto carinho, com tanto trabalho e com tanto dinheiro! Procuremos amparar com a nossa franca solidadriedade aos encarregados da Fundação Rockefeller que tanto se interessam pelo bem da humanidade. O nosso paiz precisa, antes de tudo, dessa gloriosa campanha de extermínio dos nossos maiores inimigos. Não permitir que os empregado desse abençoadão movimento entre em nossa casa para fazer uma ligeira fiscalisação nas águas, é sustentar um erro, é cometer uma falta, é investir contra o seu próprio futuro. Portanto tenhamos os nossos braços abertos para realizações dessa natureza que nos vem salvar dos maiores perigos, dos maiores suffrimentos e dos maiores dissabores. (FLOR DE LIZ, 26 set. 1926).

**Fotografia 6** - Frederic Lowe Soper (1893-1977) é Epidemiologista americano. A serviço da Fundação Rockefeller.



Fonte: U. S. National Library of Medicine (2011).

**Fotografia 7 - Inspetor do Serviço de Febre Amarela nas casas.**



Fonte: Löwy (2006, p.261)

O empenho em promover melhorias na saúde do sertanejo levou para Caicó, não só os agentes da Fundação Rockefeller, mas também fez comparecer à cidade inspetores de saúde pública como o Dr. Waldemar da Silva Sá Antunes, médico sanitarista pertencente à Comissão Sanitária Federal e estudioso do mosquito disseminador da Febre Amarela, o *Aedes aegypti*, designado para o combate da doença no meio rural (FRANCO, 1969). O jornal em apreciação, para este estudo, apoiou as iniciativas intervencionistas marcadas pelas políticas higienistas e sanitárias de ordem do governo federal e, portanto, centralizadoras, apoiadas pelo governo estadual, como noticia que:

No dia 21 do corrente, à noite, a nossa cidade teve o prazer de hospedar o seu benemérito filho dr. José Augusto, acompanhado do dr. Waldemar Antunes e Sá Antunes. À S. Exc. foi oferecido, no dia seguinte, um lauto almoço, regressando a Natal logo depois, acompanhado de sua comitiva que levou a melhor impressão do nosso novo importante educandário.(JORNAL DAS MOÇAS, 27 jun. 1926).

Identificamos, também, quando falamos do discurso da educação higienista para a formação de atitudes que conduzissem à saúde da sociedade caicoense, dos anos vinte, do século passado, o explícito apoio às ações promovidas na cidade pelos ilustres filhos da elite agrária, típicos representantes republicanos locais que, muito recentemente, requisitaram, para si, o exercício do poder, até então centralizado pelo antigo regime. Referimo-nos ao Coronel Joel Damasceno, décimo quarto prefeito republicano, cujos mandatos foram de 1923 a 1925 e 1926 a 1929. (MONTEIRO, 1999; MONTEIRO, 2007)

Empenhado pelo processo de modernização da cidade, o referido prefeito promove obras que visam retirar do convívio público as velhas mazelas herdadas do poder absolutista, como a construção de um calçadão de pedra e cimento no prédio mercado público municipal, que recebera, no Jornal das Moças (1926) a alcunha de ôvelho pardieiroö.(FLOR DE LIZ, 21 nov. 1926).

**Fotografia 8 -** Antigo mercado público de Caicó, inaugurado em 1918.



Fonte: Acervo de Ana Zélia Moreira.

Dando seguimento ao apoio das iniciativas erguidas na citada gestão, um assunto que consideramos bastante recorrente, nos discursos expressos nas páginas do jornal, é a solicitação do serviço de limpeza dos reservatórios de água. De acordo com Monteiro (1999), a cidade possuía, à época, diversos açudes pequenos, construídos nos limites das fazendas pelos antigos donos de terra. Exceto aqueles, na geografia urbana, constavam dois açudes maiores, o Piranhas, de grande extensão e alcance, cuja nascente se situa nas Serras de Piancó e Teixeira, na Paraíba, chega ao Estado pelo município de Jardim de Piranhas e adentra a Caicó pela localidade denominada de õBarraõ; e o Seridó, que nasce nas Serra da Borborema, também na Paraíba, e alcançar a cidade de Caicó, recebe o nome de Barra Novo. Este último, em tempos de forte inverno, como são chamados os períodos de chuva no sertão, quase sempre transbordou pelas ruas da cidade, como foi na cheia ocorrida em 1924, quando foram registradas em fotografias pelas lentes do historiador imagético, José Ezelino da Costa.

**Fotografia 9** ó Cheia do Rio Barra Nova, em 1924. Autoria de Jose Ezelino da Costa.



Fonte: Acervo de Ana Zélia Moreia.

Nesse sentido, verificamos que as preocupações sanitárias, em que a erradicação das principais doenças que afetavam a população, naquele início de século, atrelava-se a visão da educação dos cidadãos, oportunizada pelas instituições de ensino, bem como pelos meios informais como as publicações periódicas, que possibilitavam levar ao conhecimento de

uma maior parcela da sociedade o alerta sobre a situação de periculosidade e insalubridade em que viviam. A construção indiscriminada de moradias nas áreas circunvizinhas aos açudes levou à publicação da seguinte solicitação à autoridade máxima do município:

Por mais de uma vez tenho escripto sobre a necessidade da Prefeitura mandar fazer o serviço de limpeza e do pequeno remonte do açude da Intendência, no final do anno. [...] O açude que nos serve com real acceitação, requer três reparos, o primeiro fazer a sua limpeza completa o que é muito fácil neste momento porque elle se acha totalmente seco, o segundo fazer na base, lado montante, uma parede de terra especial para impedir a perda enorme de água vertente querrouba quase a metade do agradável e finalmente prohibir como medida de alto alcance que se construam casas nos lados do mesmo açude como está acontecendo deshumanamente. [...]. (FLOR DE LIZ, 28 nov. 1926).

E, em outro artigo, José Gurgel de Araújo, conforme o seu saber acumulado nas áreas médicas e farmacêuticas, sendo ele, um educador, antes de tudo, ainda insiste para a periculosidade da construção das casas à beira do açude, reivindicação que considera de suma importância porque ô[...] porque vem completar a infelicidade de nossa gente boa, progressista e hospitaleira, caso não seja cuidada em tempo pelos poderes municipaes.ô (FLOR DE LIZ, 05 dez. 1926).

No fechamento desta parte, remontamos ao entrelaçamento dos discursos médico ao discurso educativo, elaborado em favor da prática pedagógica que dá moldes, promove a ação ortopédica no corpo social, como foi a educação higienista propalada pelos agentes do progresso por meio dos escritos do Jornal das Moças. Considerando a Educação como imperativa para a conscientização das massas sobre os perigos do contágio das endemias, era possibilitado alcançar o indivíduo e com isso, redimir todo o corpo social de miséria sanitária descrita pelos médicos e cronistas dos decênios iniciais século XX.

#### **4.2 DISCURSO HIGIENISTA DA EDUCAÇÃO CIVILIZATÓRIA**

No amplo projeto de reformas republicanas, a proposta do movimento social que caracterizou a educação higienista, ao atingir o solo nacional, do século XIX para o início do seguinte, residia na implantação da educação e ensino de novos hábitos de saúde valendo-se de reapropriações do campo médico para a intervenção no cotidiano.

Da capital federal, na cidade do Rio de Janeiro, emanava o modelo civilizador das dimensões pública e privada, em torno do qual se alinhavam os cidadãos. Referenciada pela *Belle Époque* parisiense, e pelo programa de transformação promovido pelo Conde de Haussmann, político e administrador francês do Departamento do Sena, onde está situada a Cidade Luz, entre 1853 a 1859, nunca antes a cidade vislumbrou sua malha urbana e social rasgada por novas e iluminadas avenidas, pelo salubre controle habitacional, pelo cuidado com o comportamento dos cidadãos nas esferas do convívio público, indo do seu trajar à reformulação de atitudes não condizentes com o quadro de limpeza e *é*embelezamento social defendido pela nova ordem defendida pelas novas elites, as republicanas. Na execução dessa tarefa, foi premente a colaboração dos meios de difusão e alcance das massas, como os inúmeros jornais e revistas que foram criados à época, em cujas páginas davam-se expressão visual e discursiva do que seria o molde do comportamento civilizado que, para a sua efetivação, apoiava-se nas práticas higienistas como um eficiente caminho para a sua efetivação. (MARINS, 1998).

Por outro lado, o arrivismo com que se tentou projetar, na sociedade brasileira, o conjunto de transformações, não foi recebido sem qualquer resistência. Como observa Sevicenko (1998), em dois episódios da história brasileira, ocorridos em regiões opostas em relação à equidistância, ilustram o quadro tenso compreendido como parte das movimentações que permearam a implantação do Regime Republicano. O primeiro deles, a revolta precipitada por insurretos contra os ditames republicanos, em um povoado do sertão da Bahia, no ano de 1893 e findo por autoridades constituídas em 1897. E, o motim que ficou conhecido como a Revolta da Vacina, no Rio de Janeiro em 1904, no qual os habitantes das áreas centrais da cidade viram-se ameaçados diante da ordem de retirada e despejo, sem indenização das populações residentes em casas, cortiços e barracos em situação de insalubridade, caracterizando-se os revoltosos, para as autoridades, apenas, como temerosos em receberem a vacinação obrigatória contra a Varíola.

Com isso, é possível dar imagem à crise que se levantou com a implantação do novo e do moderno, tendo em vista o que se expressou por meio da elaboração do discurso

higienista dirigido para a educação civilizatória e levado à sociedade caicoense pelas páginas do Jornal das Moças (1926). Nessa conjuntura, o termo moderno, em concordância com o examinado por Le Goff (2003), para a sua compreensão, relaciona-se, de forma diferenciada, com as acepções de novidade e progresso, pois, se, por um lado o termo assinala uma ruptura com o passado; por outro, pode não assumir os diferentes significados que indicam o novo e o progresso. Enquanto o novo quer referir-se a nascimento, progresso representa a dinâmica entre o passado e o presente.

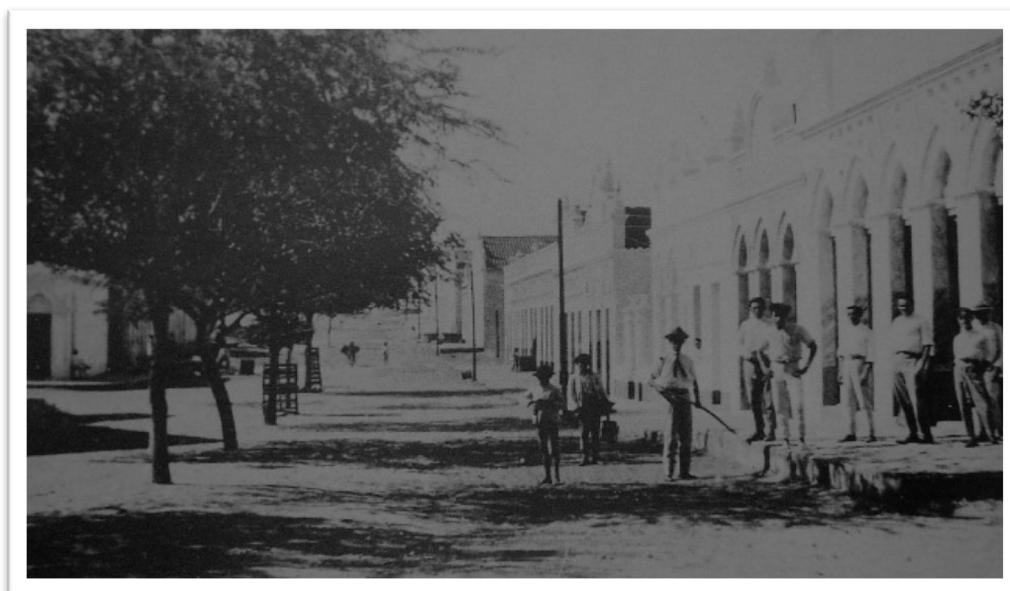
Com essa noção de progresso, verificamos no discurso do educador e farmacêutico José Gurgel de Araújo, pertencente ao corpo redacional do Jornal das Moças, a convocatória da sociedade caicoense em acertarem seus relógios pelo padrão de hora adotado oficialmente, em detrimento do antigo e tradicional carrilhão da igreja matriz da Senhora de Sant'Ana, cujos ponteiros andavam em ritmo atrasado:

Há por toda a cidade natal o vivo desejo de levarmos os nossos relógios para a hora oficial. Ninguém ignora que o carrilhão: da matriz, ao meio dia nos manda as suas dose badaladas, dispersando a hora solar, isto é, com quarenta minutos de diferença. Muitas casas, porém, não regulam o seu relógio pela hora mundialmente aceita e, ouvimos a cada instante dellas, uma queixa injusta, um lamento improcedente, um descontentamento sem razão! O nosso *Senador Guerra* importante templo da educação da infância e da mocidade da nossa terra; o Telegrapho Nacional; a Igreja Matriz; diversas residências familiares e algumas casas commerciaes já adoptaram a hora oficial e por que todos não accertam os seus relógios a fim de termos uma hora certa? Não vai nisto nenhum augumento de despesa, o relógio velho que vem prestando optimo serviço de nos dizer a hora solar, com o mesmo trabalho, com o mesmo prazer, com o mesmo contentamento marcando a hora official, a hora certa. A hora regular do mundo. Procuremos, portanto, dar aos nossos agradáveis companheiros de existência de hoje em diante a verdadeira expressão de sua significação, isto é, marcar as horas com exaptidão determinada por uma comissão especial que estudou o assumpto com a competência scientificamente exigida. (FLOR DE LIZ, 31 out. 1926).

Verificamos, no trabalho dissertativo de Andrade (2007), o estudo sobre a recepção da modernidade na cidade de Caicó, onde se utilizou dos principais jornais editados na referida cidade, nos anos de 1920. A partir disto, a autora cita o mesmo recorte e apresenta o caso das badaladas retardatárias do antigo carrilhão da Matriz, para tipificar a resistência simbólica da sociedade diante do novo momento de profundas transformações que afetavam todos os setores do cotidiano. Apesar dos principais estabelecimentos e instituições oficiais já funcionando de acordo com a hora oficialmente marcada, era clara a resistência por parte

da sociedade em quebrar a tradição arraigada em algumas centúrias, desde a chegada daqueles rústicos habitantes à Ribeira do Seridó.

**Fotografia 10 ó Caicó, década de 1920.**



Fonte: Acervo de Ana Zélia Moreira.

Cabe explicarmos que, em lugar de nos referirmos à toponímia Caicó, evocamos esta cidade, neste momento da escrita, sob a tradicional nomenclatura de Ribeira do Seridó. Ao tocar no aspecto da tradição, com o intuito de elucidar a formada recepção do discurso higienista, que propunha à sociedade a reformulação do seu *modus vivendi*, tendo como ponto de partida para a sua ação a educação civilizatória e, portanto, modificadora de costumes arraigados. Destarte, a Ribeira do Seridó, terra habitada pelos índios Tarairu, antes da chegada do homem branco, corresponde, conforme Macêdo (2007) ao desenho espacial cortado pelo Rio Seridó e situada no limite das Capitanias da Paraíba e Rio Grande do Norte, entre as quais predominou o litígio de terras que, em 1748, foi resolvido com a criação da freguesia da Gloriosa Senhora de Sant'Ana do Seridó.

Naquela região, em qual tecido social estão entrelaçados os fios endogâmicos de famílias que arranjaram a sua sustentação por meio da criação extensiva do gado, e em cuja heráldica sertaneja, de brasão sem cores e cintilações, está representada pelo ferro de marcaro gado, forjada na ô[...] luta sem canseiras para escaparàs secas, à míngua de recurso, rasgando as carnes contra os espinhos da caatinga e a flecha do gentio, naquelas solidões do sem fim.ô (FARIA, 1984, p. 23). Ali, em face da tradição, enxergamos a articulação do projeto modernista que, pelos articuladores do progresso, ao buscar sintonia com o modelo civilizatório ditado pela Europa, esforçou-se para superar os hábitos coloniais e, ao mesmo tempo, perpetuar seu relevo social colocando-se em posição vanguardista, ao solicitar de seus cidadãos novas atitudes frente ao moderno que surgia, instaurando um tempo de aprendizagem, marcado pela prática pedagógica que buscava internalizar modelos de comportamento sadios. Ademais, conforme Herschmann, Kropf e Nunes (1996), acrescentamos que, embora aquele grupo articulador da ação educativa fosse defensor da transformação da nação, o mesmo discurso que veiculava o sentido do novo a ser instaurado, referia-se, muitas vezes, à manutenção de aspectos da ordem tradicional, em que a sociedade caicoense repousava a estrutura de sua sociedade.

Sendo assim, Herschmann e Pereira (1994) ressaltam que essa modalidade de ação, própria da Medicina praticada na *Belle Époque*, aliou-se à estratégia do Estado modernizador, mas, por outra via, encontrou barreira, talvez intransponível, configurada nos hábitos e condutas contínuas da tradição familiar herdada de épocas anteriores, como foi a Colônia e o Império, no Brasil. De forma heterogênea, a sociedade respondeu às inovações e propostas de reformulações dos hábitos, como vemos na seguinte crônica, intitulada *A cura da tristeza*, publicada pelo Jornal das Moças, escrita pelo jornalista Renato Dantas:

Uma das necessidades mais palpítantes do Caicó é a criação de um club dansante. Não se comprehende como numa cidade de mais de dois mil habitantes, com a nossa, com luz electrica, cinema e commercio adiantado, sem diversões elegantes, sem reuniões chics, em fim, sem convivência social. A tristeza ás mais das vezes, é uma doença. Doença, aliás, muito comum nos logares de clima quente, como este. Não é, porém, incurável. O específico da cura está justamente nas diversões, sejam quais forem. Os nossos antepassados tinham as corridas de cavalos, os fandangos, o célebre boi calemba, o brinquedo de prendas, a quadrilha, o entrudo uma vez cada ano. Nós temos o futebol, o maxixe, o fox trot, o carnaval. Há uma diversão comum ao passado e ao presente: o jogo. Este, deletério, de consequências funestas campeia desde a casa modesta do campônio aos ricos palacetes dos senadores e ministros da República [...]. (DANTAS, 18 jul. 1926).

Na crônica, são arroladas modernas formas de diversão em detrimento do jogo, correspondente a uma atividade lúdica que arrastava consigo outros vícios responsáveis pela degenerescência brasileira, considerados deletérios do corpo social. Ao condenar tais práticas, Dantas (1926) define, por meio de seu discurso, o modelo de vida que pretendia adotar, tendo em face sanar a forma de vida doentia do antigo regime.

É nessa conjuntura, que dá ao conhecimento o que foi o clima da *Belle Époque* seridoense que, assim como na capital do Estado, registra-se na sua elite a aquisição de novos hábitos culturais (GURGEL, 2009), da qual Santa Rosa (1974) nos faz reconhecer como ôs sopros de prosperidadeö, ao descrever as minudências da moda feminina que, afora a vestimenta de montaria das moças e senhoras seridoenses, dava-se preferênci à cambraia de linho, ao *laize* e *surat* de seda leve, bem como àcrèpe de Chinepara a confecção de finas roupas talhadas conforme os figurinos de revistas como *Le Mode Chic* e *Au Bon Marchè*, com as quais frequentavam os eventos sociais, e, muitas vezes, eram reservadas para o uso exclusivo do período dos festejos em comemoração ao padroeiro da cidade, como ocorria durante a festa em honra à SantøAna, na cidade de Caicó. Ainda conforme aquele autor, a moda masculina privilegiava o terno de linho branco, devendo todo cavalheiro possuir, pelo menos, um terno de casimira inglesa. Como símbolo de distinção e poder, eram frequentes o uso de joias e perfumes. Este último elemento, apreciado pela sua associação à limpeza e higiene, era, dentre os citados, desde as águas de Colônia até os extratos ô*QuelquerFleurs*, de Houbigant, ou *L'Origan* e *Chyprè*, da Cotyö (SANTA ROSA, 1974, p.100). A título de curiosidade, o autor ainda nomeia os *Tônico Iracema*, para o tingimento dos cabelos, *Tricófero de Barry*, para a limpeza da caspa e, aos indivíduos menos privilegiados, reservava-se o uso do *Sabonete Caboclo* ou do *Sabão Aristolino* para a necessária assepsia e higienização dos corpos, em lugar do sabão caseiro e da raspa do juazeiro para a limpeza bucal.

**Fotografia 11 ó Sabonete Aristolino.**



Fonte: Jornal das Moças (1926).

Nessa concepção do modo de vida social dos primeiros decênios do século passado, é flagrante a preocupação com a higienização dos corpos e demonstrações públicas de hábitos indicadores de práticas de limpeza, como a permuta das roupas pesadas e escuras, em voga na centúria passada, pela leveza e brancura dos trajes de cambraia e de linho branco. Assim, como é visto no jornal que analisamos, a defesa do uso dos cabelos curtos pelas mulheres e da sua exibição em locais público, em contraponto aos cabelos longos e presos em coques que só eram desfeitos na intimidade do lar. Símbolo da liberação política e dos costumes, o cabelo curto, de acordo com Perrot (2008) podia ser entendido como um safismo andrógeno ou como uma reinterpretação de extrema feminilidade. No caso da crônica sobre a referida moda, que vemos se estampar no Jornal das Moças, por meio de redação que assume tons galantes e, ao mesmo tempo, comprehende a mulher, pela sua compleição, um pouco inferior ao gênero masculino, foi posto à apreciação pública a discussão a novidade, tendo, no modelo, uma forma de promoção dos hábitos hygiênico:

Cabelos curtos

A moda dos cabelos curtos continua com grande furor. Explica-se. É na verdade graciosa e hygiênica, e além do mais torna as cabeças das mulheres muito mais leves, o que é deliciosamente encantador e feminino... Não conheço a fundo a complicada philosophia do cabello *à la garçone*. Acho difícil poder um dia conhecê-la, mesmo de maneira superficial, pois

infimamente menor que os cabelos é o cerebrosinho das mulheres e esses poucos milímetros cúbicos de massa encefálica até hoje tem desafiado [ilegível] a analyse dos médicos e os estudo dos phylosoplos. [...] Além de seductora e galante, está perfeitamente de acordo com o progresso e a evolução [...]. (JORNAL DAS MOÇAS, [19] dez. 1926).

Constatamos, no levantamento imagético, uma das redatoras do jornal, a senhorita Júlia Medeiros, em pose onde figura a moda dos cabelos curtos:

**Fotografia 12 - Julia Medeiros.**



Fonte: Rocha Neto(2005).

Ao discutirmos sobre a educação higienista promovida, tanto no ambiente público como no privado, há o exemplo da construção de um saber dirigido às senhoras, com o objetivo de incutir nas consciências das donas de casa a responsabilidade com a formação de seus filhos e a preservação de hábitos saudáveis em seus lares. Assim, tendo em vista a manutenção do bom comportamento e da apresentação dos membros da família em locais de exposição pública, compreendemos a enunciação do Decálogo da Esposa, no Jornal das Moças, como se fosse uma cartilha de aprendizado, no qual

constavam os passos necessários para a educação das futuras esposas, dentre os quais, identificamos o discurso higienista, disposto no quinto do decálogo: ôQue teus filhos sejam sempre bem arranjados e limpos, que tú estejas sempre asseada como elles, que elle, [ilegível] vê-los assim, possa sorrir satisfeito e que essa satisfação o faça sorrir quando se lembrar dos seus, em estando ausente.ô (JORNAL DAS MOÇAS, [05] dez. 1926).

Em outra fala referente à formação educativa da família, sob os estatutos da formação das práticas higiênicas na ambiência privada, tendo no público o alvo do discurso, identificamos o seguinte:

A vida em família é essa convivência doce e affectuosa que gosamos no lar doméstico, uma sacrossanta de nosso primeiro vagido, sanctuário augusto de nossa primeira carícia. A vida em família é muito diferente da vida em sociedade, principalmente pela sociedade atual, onde encontramos mais corrupção do que regeneração. (DORA, [27] jun, 1926).

Como reflexo do discurso higienista na educação civilizatória, aplicado no lar, na compreensão de Costa (1989), viu-se levantar um enclave na vida familiar promíscua, sobre a qual o modelo higienizado fazia-se imperar, não só no trajar higiênico, saudável e cuidadoso, mas nos novos objetos que adentravam na vida cotidiana, como também os novos gestos e atitudes que se explicitavam em praça pública.

Nesse sentido, a referência à praça pública traz à tona uma instância cultural da qual a cidade de Caicó é vanguardista na tradição, o cinema. Cirne (2004) relata que, por ocasião dos festejos de Santa Ana, chegou em 1910, funcionando no salão nobre da antiga Intendência Municipal, como era comum acontecer nas cidades do Seridó. Para termos uma vaga imagem de como se configurou aquela modalidade de diversão pública, em termos tão remotos, fomos aos escritos de Santa Rosa (1974). Segundo esse autor, eram exibidas fitas de comédias, fantasmas e paisagens do norte da Europa, com cinco intervalos nos quais figurantes da banda de música local tocavam, com instrumentos de sopro, dobrados e valsas, como a famosa Royal Cinema, de autoria de Tonheca Dantas. Em 1925, seria inaugurado o Cinema Avenida, em uma sala própria de exibição, pelo Sr. Eunico Monteiro.

**Fotografia 13 ó** Antigo prédio da Intendência Municipal de Caicó.



Fonte: Acervo de Ana Zélia Moreira.

Foi nesse ambiente onde José Gurgel de Araújo teceu críticas sobre o comportamento das pessoas que frequentavam o cinema Avenida, além haver solicitado, por meio do Jornal das Moças, que os assistentes não lessem em voz alta a história da fita exibida. Aproveitou, também, para pedir aos senhores que retirasse os chapéus ao adentrarem na sala de exibição. Mas o discurso da educação higienista assume seu lugar quando passa a criticar o hábito do fumo dentro da sala de exibição, alertando para os prejuízos daquele hábito, se praticado na presença da família. (FLOR DE LIZ, 29 ago. 1926).

No artigo que escreve sob o título de *Recapitulação dos Deveres*, possivelmente, o farmacêutico José Gurgel de Araújo assume a prática discursiva, embasada no saber médico que impôs a higiene física, moral, intelectual e, portanto, civilizatória, e estabelece a cultura e a educação formal como condições necessárias para a regeneração e adequação dos indivíduos aos ditames do modelo de sociedade que se desejava implantar, um estilo europeizado de ser e de se comportar em ambientes, até então, desconhecidos daqueles sertanejos, a quem se dirigiu:

#### Recapitulação de deveres

É sempre nota que depõe contra o grão de cultura de um povo, o modo pelo qual elle se conduz na sociedade. [...] Rapazes há que vão para a missa de alpercatas. Outros que ao penetrar na Igreja de que falar alto e pisar com

força é uma impolidez e uma grande falta de civilidade. (COLOMBO, 22 ago. 1926).

Acostumados à vida na fazenda, os sertanejos de outrora, usavam, no dia a dia, até mesmo quando da lida do campo, quando os homens se encouraçavam na veste do vaqueiro, usavam sapatos raras vezes, exceto quando compareciam às festas da igreja ou em casamentos; o que traziam nos pés eram as alpercatas. Também denominadas de alpergatas ou apragatas, conforme Faria (2006, p. 32). Trata-se de um tipo de chinelo de sola, rudemente feito de couro curtido, com sustentação de duas correias unidas por um cabresto arrematado em nó.

Não menos importante foi é o discurso sobre a intervenção higiênica e disciplinar aplicada à escola. O Jornal das Moças (1926), por meio do seu corpo de redatores, constituído, em sua maioria, por professores cujo saber apreendido para o exercício de sua profissão mostrava-se em dia com o pensamento educacional das primeiras décadas republicanas, no Brasil. Por serem leitores e colaboradores, como foi o caso da redatora Júlia Medeiros, da *Pedagogium*, principal órgão de divulgação da Associação de Professores do Rio Grande do Norte, acompanhavam as principais discussões no campo educacional do Estado. No quesito do envolvimento com ações pedagógicas, o farmacêutico José Gurgel de Araújo era um paladino, tendo assumido, em 1926, a secretaria da Associação Educadora de Caicó.

O Jornal das Moças se refere, com frequência, ao Dr. Nestor Lima dos Santos, diretor do Departamento de Educação, seja em menção à sua presença na comitiva do Governador do Estado, para a inauguração do Grupo Escolar Senador Guerra, em 1925, seja na troca de mensagens, como o cartão recebido, em 12 de outubro de 1926, pela redação do jornal, em que o Diretor agradece, penhoradamente, o envio do número trinta e cinco, desejando prosperidade a todos.

Com o intuito de alinhar o pensamento educacional da cidade de Caicó com os trabalhos executados pelo Departamento de Educação, instância que surge em substituição da Diretoria de InSTRUÇÃO PÚBLICA, no Rio Grande do Norte, com a tarefa de sistematizar, superintender e coordenar o ensino nas esferas públicas e particulares, conforme Menezes (2009), o Jornal das Moças elaborou seu discurso em torno das ações da educação, considerando os mecanismos pedagógicos próprios desta disciplina como um meio de incutir nos indivíduos a cultura da ordem moral e higiênica. Atentos à proposta educacional defendida pelo governo de José Augusto, o grupo dos redatores esteve atualizado ao que se

difundiu no campo educacional, dos anos 1920, em que as ideias *escolanovistas*, passam a ser disseminadas pelas publicações especializadas.

Destarte, o periódico em estudo, mais uma vez, esteve em consonância com a defesa do ensino popular, defendido pelo então governador do Estado, de quem surge a proposição da instrução pública sob a responsabilidade do Estado, como esclarece Araújo (1995),

Dessa forma, ao defender o uso do uniforme escolar para o Grupo Escolar Senador Guerra, o Jornal das Moças pretendeu promover a normatização e controle dos alunos, dando relevo à padronização dos indivíduos, com a aquisição de novos hábitos de higiene, desde que aquele tipo de vestimenta fosse entendido como uma representação da ordem e da limpeza social, como no seguinte escrito:

Nas cidades adiantadas, todas as escolas adoptam certo uniforme para os seus alumnos. Não só offerecem um gosto apreciável como fazem distinguir entre si as classes ou annos a que pertencem os seus frequentadores com pequenos pedaços de galão. É antes de tudo um distintivo bello e bem popular, porque faz esquecer quem tenha mais recursos ou fortuna numa casa que é frequentada, por dezenas de meninos de todas as categorias, isto é, posições. [...] Organizemos, portanto, o nosso Grupo Escolar -Senador Guerraø com o seu vestuário conveniente para os que o frequentam, e desde já lembramos para as meninas vestido de fazendo marrom barato e blusa branca e para os meninos calça e blusa das mesmas fazendas e todos assim apresentarão o mesmo aspecto, a mesma igualdade de fortuna. (FLOR DE LIZ, 22 ago. 1926).

Nesse sentido, o modelo escolar que se delineava por meio das práticas discursivas e institucionais, dizia respeito à disciplinarização das pessoas, onde a escola, por conseguinte, era tida como uma instituição necessariamente disciplinar. Quanto a esse aspecto, Carvalho (1997) ressalta que a prática pedagógica que tomou corpo naquele período, apresentada à sociedade sob a designação de Pedagogia da Escola Nova, legitimou a escola como um ambiente apropriado para a aplicação dos saberes baseados em uma matriz discursiva moderna, científica e experimental. Ao entendermos esses saberes como dispositivos necessários para a base em que estão formadas as estratégias de poder, verificamos na obrigatoriedade do uso do uniforme escolar, um dos variados elementos aos quais está atrelado o ideário higienista, que se apresentou à sociedade com a proposta de normalização social e ordenamento moral. Nessa esfera de compreensão, ao lado do uniforme escolar, Menezes (2011, p.9) elenca uma rede de elementos heterogêneos, quanto à sua apresentação e

aplicação, como discursos, organizações arquitetônicas, regulamentos, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas e morais.

Cabe ressaltar que, ao levantarmos o assunto sobre a defesa do vestuário escolar, em pauta no Jornal das Moças (1926), aludimos a uma prática culturalmente construída e, em nossa visão, bem compreendida pela história cultural da educação, cuja função principal é identificar como realidades sociais são construídas e dadas a serem lidas, em contextos diferentes da sociedade, conforme preconiza Chartier (1988). Nessa compreensão, a adoção do uniforme escolar poderia ser vista como um exemplo da forma dedisseminação do ideário higienista, que deu sustentação à educação civilizatória aplicada nas instituições, no lar ou nos ambientes urbanos.

Portanto, a partir do panorama histórico do uso do uniforme escolar apresentado por Silva (2006), abstraímos que ele foi criado como estratégia de comunicação não verbal das ideologias identificadas entre a imagem da disciplina do fardamento no estilo militar, adotado em ambientes fora das tropas armadas, como as instituições médicas e escolares, no século XV, e o traje marinheiro, azul e branco, cujas cores denotam a padronização azul e a alvura da limpeza e higiene que se fez adotar nas escolas da Europa Ocidental e América, no século XVIII.

No Brasil, o uniforme escolar passa a se estabelecer entre as décadas de 1920 e 1930, sendo obrigatório o seu uso a partir da década de 1940, como tática de conformação de mentalidades ao sentimento nacionalista e civilizado nascido com a república.

De forma objetiva, o fardamento escolar, se analisado sob os ditames da educação higienista, pode ser compreendido como elemento semiótico que narrava sobre a vida doméstica do aluno, e alcançava as condições de saúde e higiene do seu lar. A partir do rigoroso exame desta vestimenta, tinha-se a matéria crítica para o molde das condutas flagrantes no espectro familiar e a eliminação de rústicos e antigos hábitos insalubres, com a fixação de uma educação sanitária formada na ordem republicana.

Como podemos observar, a imagem de uma festividade no pátio externo do Grupo Escolar Senador Guerra, assim como os elementos cristalizados no momento da fotografia, ilustram bem a ordem que se pretendeu implantar com o discurso higienista da educação civilizatória, no avorecer republicano do Brasil.

**Fotografia 14 ó Grupo Escolar ôSenador Guerraö.**



Fonte: Acervo de Ana Zélia Moreira.

## 5 CONCLUSÃO

Gostaria de perceber que no momento de falar, uma voz sem nome me precedia há muito tempo: bastaria, então, que eu encadeasse, prosseguisse a frase, me alojasse, sem ser percebido, em seus interstícios...

Foucault, 2009b.

Examinar o discurso da educação higienista disposto no Jornal das Moças, tendo o ano de sua criação, 1926, como o recorte temporal, foi o ponto de partida para a elaboração de um estudo que possibilitou a compreensão do quadro histórico e social no qual foram produzidas as representações higienistas, na cidade de Caicó.

Para tanto, a escolha do objeto de estudo, uma antiga e fragmentada coleção dispersa em possíveis acervos de salvaguarda, desvelou uma das etapas mais difíceis para a constituição deste trabalho. Por sua vez, identificar e reuni-los com o intuito de perseguir uma possível completude documental, manejar aquelas páginas fragilizadas pelo tempo, fez-nos compreender-lhos como objeto da ciência e que, na ausência deles, inviabilizaria a tarefa a que nos propomos.

Sendo o gênero humano o elemento final de todo o esforço científico, os documentos, quando captados, são vestígios que apontam para os rastros das ações dos homens, em épocas distintas da nossa. Assim, ao nos lançarmos nesse esforço, somos, também, produtores de sinais. Partindo dessa compreensão, não foi nosso intento nos arrogar como desbravadores daquela massa documental. Pelo contrário, a reservamos nossa atenção historiográfica àquele

objeto, reconhecemos que os estudos elaborados, anteriormente, facilitaram o caminho para a execução do nosso intento.

Dessa maneira, delimitamos o nosso foco de observação e partimos para o tratamento teórico do problema por nós proposto, a constituição do discurso educativo-higienista produzidos pelo corpo de redatores e colaboradores do Jornal das Moças. A compreensão paradigmática dos *Annales*, foi de primordial importância para rever uma problemática que se convergiu por domínios distintos, como Educação, Saúde e Política, e concentrar, desse modo, a nossa atenção para o movimento higienista.

Este último, presente em pesquisas que aferem a História da Educação, em relação aos sistemas de conformação pedagógica, quando examinado pelos rigores da operação historiográfica, mostra-se uma frente ampla, cuja intervenção biológica foi manifestada em variados setores da sociedade, tendo, como meta principal, evoluirno processo de modernização do final do século XIX para o XX.

Com efeito, porvárias frentes foi perpetrada a ação higienista. Adentrou no cotidiano, averiguou e regulou a vida escolar, promoveu a assistência à saúde física e mental, incutiu modas, valores e costumes no espaço urbano e na vida privada. Logo, o conjunto das ações, naquele momento histórico, foi composto de práticas institucionais e discursivas produzidas pelos articuladores do novo molde que se pretendeu dar ao Brasil, entre as quais, foi de grande valia o apoio das publicações periódicas produzidas naquele período de afirmação republicana, como podemos constatar com surgimento o Jornal das Moças (1926).

Dessa forma, ao propormos identificar, naquele periódico, as marcas discursivas da educação higienista, partimos da hipótese de que o mesmo se constituiu em um veículo importante para a intervenção educativa da sociedade caicoense, dos anos 1920, reconhecendo, no perfil dos leitores a que se destinava o jornal, um facilitador para uma cooptação, cada vez maior, de divulgadores da educação higienista, uma vez que o discurso feminino, notadamente vinculado ao exercício das práticas pedagógicas, emerge no lar e se espalha na vida social.

Nesse sentido, a abordagem do discurso como instância materialmente construída, lançou mão da abordagem conceitual compreendida como a fase arqueológica da produção *foucaultiana*, em que é passado em revisão não o discurso, apenas como entidade

linguisticamente formulada, mas também como prática, visando permitir o reconhecimento das variáveis que facultaram o seu aparecimento.

Logo, a leitura do discurso produzido no jornal, tendo como base as formações enunciativas, engendrou, neste estudo, a compreensão de um momento político privilegiado pela alternância seridoense no poder. Nesse momento, foi claro o engajamento da elite intelectual e representante das principais famílias, agrárias na sua maioria, e a gênese particular daquela sociedade, que construiu sua cultura e práticas sociais de maneira circunstancial, nas condições adversas da terra sertaneja. Por seu turno, o discurso da educação higienista, constituído nas bases do pensamento médico e científico acumulado desde o instante em que eclodiram as descobertas científicas, do incremento tecnológico e dos avanços das pesquisas biológicas, ao adentrar nos sertões encontraram quadros sociais divergentes do *locus* de sua produção, enquanto saber.

Outrossim, em Caicó, cidade típica do sertão nordestino, a cultura e o modo de viver foram o solo da ação da educação higienista que, diferente dos grandes centros onde aquele tipo de discurso foi produzido, não enfrentou a problemática da aglomeração humana, do controle de grandes epidemias, do crescimento urbano desordenado, mas procurou educar, de forma higiênica, os hábitos arraigados na rusticidade das tradições e comportamentos muito próprios dos sertanejos. Foi, dessa forma, um discurso que, por meio da divulgação periódica do Jornal das Moças (1926), privilegiou convencer a sociedade, pela fala educativa, a aderir às campanhas sanitárias que combateram as principais formas de transmissão dos fatores mórbidos de doenças, do início do século XX, como também propôs-se a intervir no cotidiano de maneira a promover nos cidadãos a aquisição de novos e modernos hábitos, em detrimento da conjuntura formada pelas vicissitudes que se sucederam e condicionaram o comportamento sertanejo.

Nesse sentido, aparição do discurso da educação higienista no Jornal das Moças (1926) foi permitido em consonância com o reconhecimento das representações femininas, no momento em que o discurso da mulher tornou-se apropriado para o alcance de maior parcela da sociedade, tendo em vista a sua vinculação formativa e pedagógica. Circunscrito às determinações históricas em que foi criado, o jornal foi perfilhado como importante meio de transmissão do ideário higienista, alcançando os sujeitos e segmentos sociais da cidade caicoense, como o lar, a escola e a rua, tendo em pauta o engajamento da elite ilustrada, com vistas a dar seguimento ao projeto político de modernização proposto na ordem republicana.

Com esta investigação, identificamos as formas da ação higienista pela promoção da saúde e do efeito civilizatório, tendo em vista o compromisso republicano de expurgar da sociedade brasileira os efeitos do antigo regime que refratavam o quadro de atraso em relação ao modelo progressista e civilizado europeu em que se procurou espelhar.

Depreendemos deste trabalho dissertativo que, desde o levantamento das fontes documentais até a criticidade de seus sinais históricos, seja no campo escrito ou imagético do seu plano discursivo, até a ascensão aos construtos teóricos e metodológicos de que nos acercamos, foi preponderante para imprimir feições razoáveis à nossa forma investigativa.

Temos certeza da existência das eventuais lacunas deixadas pela abrangência do tema, mas elas podem indicar novos horizontes para possíveis frentes de investigação, em que se conste o periódico em estudo, no conjunto de documentos históricos e relevantes para as análises dos primórdios republicanos, na região seridoense.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e Educação:** a paixão pelo possível. São Paulo: Fundação Ed. da UNESP, 1998.

ANDRADE, Juciene Batista Félix. A cidade de Caicó nos periódicos dos anos 1920. In: MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de; ARAÚJO, Marcos Antônio Alves; SANTOS, Rosenilson da Silva (Orgs.). **Seridó Potiguar:** tempos, espaços, movimentos. João Pessoa: Idéia, 2011.

ARAÚJO, Marta Maria. A produção em História da Educação das Regiões Norte e Nordeste: o estado do conhecimento (1982-2003). In: GONDRA, José Gonçalves (Org.). **Pesquisa em História da Educação no Brasil.** Rio de Janeiro: DP&A, 2005. P. 289-311.

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira:** introdução ao estudo da cultura do Brasil. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Melhoramentos, 1958. Tomo segundo: A Cultura.

BLOCH, Marc. **Apologia da Historia, ou, O ofício do historiador.** Edição anotada por Etienne Bloch. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOARINI, Maria Lúcia. **Higiene e raça como projetos.** Maringá: EDUEM, 2003.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales:** 1929-1989: a Revolução Francesa da Historiografia. Tradução: Nilo Odália. 2.ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2010.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História.** Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2010.

CHARTIER, Roger. Diferença entre os sexos e a dominação simbólica (nota crítica). **Cadernos Pagu**, São Paulo, v. 4, p. 37-47, 1995.

\_\_\_\_\_. **A história cultural:** entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

CIRNE, Moacy. **A invenção de Caicó.** Natal, RN: Sebo Vermelho, 2004.

COSTA, Emília Viottida. **Da Monarquia à República:** momentos decisivos. 9.ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2010.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar.** 3.ed. Rio de Janeiro: Gaal, 1989.

COSTA; Karoline Louise; MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. O Professor Luiz Antônio dos Santos Lima e sua prática educativa no cenário norte-rio-grandense (Natal/RN, 1910 a 1930). In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DO CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS, 16. 2010, Natal. RN. **Anais...** Natal, RN, 2010.p. 1-10.

ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia.** Tradução Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1970.

\_\_\_\_\_. **O processo civilizador.** Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. V.1: uma história dos costumes

\_\_\_\_\_. **A sociedade da corte.** Tradução de Ana Maria Alves. Lisboa: Estampa, 1987.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social.** Coordenadora da tradução Izabel Magalhães. Brasília: Editora da UnB, 2001.

FARIA, Juvenal Lamartine de. **Velhos costumes do meu Sertão.** 3.ed. Natal, RN: Sebo Vermelho; Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 2006.

FARIA, Lina Rodrigues de. Os primeiros anos da reforma sanitária no Brasil e a atuação da Fundação Rockefeller (1915-1920). **PHYSIS, Revista de Saúde Coletiva,** Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, 1995.

FARIA, Oswaldo Lamartine de. **Ferro de Ribeiras do Rio Grande do Norte.** Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 1984. Coleção Mossoroense, v.261, série C.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009a.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Rimeida Sampaio. 19. ed. São Paulo: Loyola, 2009b.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas:** uma arqueologia das Ciências Humanas. Tradução Salma Tannus Muchail. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Catálogo de periódicos raros.** Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <[http://catcrd.bn.br/scripts/odwp012k.dll?INDEXLIST=periodicosraros\\_pr:periodicosraros](http://catcrd.bn.br/scripts/odwp012k.dll?INDEXLIST=periodicosraros_pr:periodicosraros)>. Acesso em: 05 jan. 2011.

GEORGETTE, Elegy; JOB, Françoise. Michel Lèvy: medicin-generale. **ArchivesJuives**, v. 37, p.123-127, 2004.

GURGEL, Tarcício. **Belle Époque na esquina:** o que se passou na República das Letras Potiguar. Nata, RN: Edição do Autor, 2009.

HERSCHMANN, Micael M.; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **A invenção do Brasil moderno:** medicina, educação e engenharia nos anos 20-30. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

\_\_\_\_\_; Kropf, Simone; Nunes, Clarice. **Missionários do progresso:** médicos, engenheiros e educadores no Rio de Janeiro, 1870-1937. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996.

HOCHMAN, Gilberto. **A era do saneamento:** as bases da política de Saúde Pública no Brasil. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão. 5.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LOPES, Maria Margaret. Proeminência na mídia, reputação em ciências: a construção de uma feminista paradigmática e cientista normal no Museu Nacional do Rio de Janeiro. **História, Ciências, Saúde ó Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 16, suplemento, p. 73-95, jun. 2008.

LÖWY, Ilana. **Vírus, mosquitos e modernidade**: a febre amarela no Brasil entre ciência e política. Tradução Irene Ernest Dias. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. **A penúltima versão do Seridó**: uma história do regionalismo seridoense. Natal, RN: Sebo Vermelho, 2005.

MARINS, Paulo César Garcez. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: SEVCENKO, Nicolau. (Org.). **História da vida privada no Brasil**: da *Belle Epoque* à Era do Rádio. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 131-214.

MEDEIROS, José Augusto Bezerra de. **Famílias seridoenses**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1940.

\_\_\_\_\_. **Seridó**. Brasília, DF: Gráfica do Senado Federal, 1980.

MEDEIROS, Tarácio. **Aspectos geopolíticos e antropológicos da História do Rio Grande do Norte**. Natal, RN: Imprensa Universitária, 1973.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Caicó, cem anos atrás**. Brasília, DF: Gráfica do Senado Federal, 1988.

\_\_\_\_\_. **Velhas famílias do Seridó**. Brasília, DF: Gráfica do Senado Federal, 1981.

MELO, Manoel Rodrigues de. **Dicionário da Imprensa do Rio Grande no Norte (1909-1987)**. Natal, RN: Fundação José Augusto; São Paulo: Cortez, 1987. Coleção Documentos Potiguares.

MENEZES, Antônio Basílio Novaes Thomaz de. Higiene mental, educação e ordem social: a normalização da criança e a dimensão biopolítica. **Revista Metáfora Educacional**, Feira de Santana, BA, n. 10, jun. 2011.

\_\_\_\_\_.**Nestor dos Santos Lima e a modernidade educacional:** uma história do discurso (1911-1928). Natal, RN: EDUFRN, 2009.

MONTEIRO, Denise Matos. **Introdução à História do Rio Grande do Norte.** 3. ed. rev. ampl. Natal, RN: EDUFRN, 2007.

MONTEIRO, Eymar L&E, Padre. **Caicó:** subsídios para a história completa do Município. Natal, RN: Sebo Vermelho, Nordeste Gráfica, 1999.

MUCHAIL, Salma Tannus. **Foucault, simplesmente:** textos reunidos. São Paulo: Loyola, 2004.

NUNES, Clarice. Letras femininas: missão intelectual de professoras jornalistas na imprensa brasileira. In: LEITE, Juçara Luzia; ALVES, Cláudia (Org.). **Intelectuais e História da Educação no Brasil:** poder, cultura e políticas. Vitória: EDUFES, 2011. Vol. 10, p.163-184.

OLIVEIRA, Cláudia de. A iconografia do moderno: a representação da vida urbana. In: \_\_\_\_\_; VELLOSO, Mônica Pimenta; LINS, Vera. **O moderno em revista:** representações do Rio de Janeiro de 1880 a 1930. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. p.11-266.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. Educando com Penna: a educação sanitária na Primeira República nos escritos de Belisário Penna. In: LEITE, Juçara Luzia; ALVES, Cláudia (Org.). **Intelectuais e História da Educação no Brasil:** poder, cultura e políticas. Vitória: EDUFES, 2011. Vol. 10, p.359-386.

OLIVEIRA, Karine da Rocha. **Josefina Álvares de Azevedo:** a voz feminina no século XIX através das páginas do jornal *A Família*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2009.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** Tradução Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2008.

SANTA ROSA, Jayme da Nóbrega. **Acarí:** fundação, história e desenvolvimento. Rio de Janeiro: Pongetti, 1974.

SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **História da vida privada no Brasil:** da *Belle Epoque* à Era do Rádio. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 7-48.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil.** 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SOIHET, Rachel. A pedagogia da conquista do espaço feminino pelas mulheres e a militância feminina de Bertha Lutz. **Revista Brasileira de Educação**, n. 15, set/dez. 2000.

SOUZA, Itamar de. **A República Velha no Rio Grande do Norte:** 1889-1930. Natal, RN: EDFRN, 2008.

SPINELLI, José Antônio. **Coronéis e Oligarquias no Rio Grande do Norte:** (Primeira República) e outros estudos. Natal, RN: EDUFRN, 2010.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & Educação.** 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

## **DISSERTAÇÕES E TESES**

ANDRADE, Juciene Batista Félix. **Caicó:** uma cidade entre a recusa e a sedução. 2007. 148 f. Dissertação (Mestrado em História) ó Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

ARAÚJO, Marta Maria de. **José Augusto Bezerra de Medeiros:** vida, educação, política. 1995. 196f. Tese (Doutorado em Educação) ó Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

BUITONI, Dulcília Helena. **Mulheres de papel:** a representação da mulher na imprensa feminina. 1980. 222f. Tese (Doutorado em Linguística) ó Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.

DANTAS, Eugênia Maria. **Fotografia e complexidade:** a educação pelo olhar. 2003. Tese (Doutorado em Educação) ó Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2003.

MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. **Rústicos cabedais:** patrimônio e cotidiano familiar nos sertões do Seridó (Séc. XVIII). 254 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Sociais Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, 2007.

OLIVEIRA, Patrícia Cristina. **Lendo o Masculino pelo feminino:** a construção de gênero masculino no ôJornal das Moçasö. Monografia (Graduação em História) ó Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2003.

RIBEIRO, Marli Fernandes. **Revista Pedagogium:** um olhar sobre a Educação no Rio Grande do Norte (Década de 1920). 2003. 147f. Dissertação (Mestrado em Educação) ó Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2003.

ROCHA NETO, Manoel Pereira da. **Jornal das Moças (1926-1932):** educadoras em manchete. 2002. 120 f. Dissertação ( Mestrado em Educação) ó Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2002.

\_\_\_\_\_. **Aeducação da mulher norte-rio-grandense segundo Júlia Medeiros (1920-1930).** 2005. 202 f. Dissertação (Doutorado em Educação) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2005.

SILVA, Katiene Nogueira da.ôCriança calçada, criança sadia!ö: sobre os uniformes escolares no período de expansão da escola pública paulista (1950/1970). 2006. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação) ó Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

## DOCUMENTOS

GRUPO de defensores da cidade de Caicó.AB-05-4-134. Caicó, 1926. Belo Horizonte: Arquivo Público Mineiro, Fundo Arthur Bernardes, 2011. Disponível em: < [www.siaapm.cultura.mg.gov\modules\fotografico\\_docs\photo.php](http://www.siaapm.cultura.mg.gov/modules/fotografico_docs/photo.php)>. Acesso em: 21 out. 2011.

COUTO, Miguel. **No Brasil só há um problema nacional:** a educação do povo. Conferência realizada na Associação Brasileira de Educação no dia 2 de Julho de 1927. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do commercio, de Rodrigues & C., 1927.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões:**(Campanha de Canudos).São Paulo: Laemmert, 1902.

FRANCO, Odair. **História da Febre Amarela no Brasil.** Rio de Janeiro: Ministério da saúde, Departamento Nacional de Endemias Rurais, 1969.

KEHL, Renato. **Melhoremos e prolonguemos a vida:** a valorização eugênica do homem. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1922.

LÈVY, Michel. **Traitéd'HigieènePubliqueetPrivée.** 10. ed. rev. corrig. aum. Paris: J. B. Bailliere, Libraire de L'Académie Nationale de Medicine, 1850

LIMA, Luiz Antônio Ferreira Souto dos Santos. **Hygiene Mental e Educação.** 1927. 178. Tese (Doutorado em Medicina) - Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1927.

U. S. NATIONAL LIBRARY IN MEDICINE. **The Fred L. Soper papers:** learning the ropes: hookworm disease in South America, 1920-1927. Rockville Pike: National Institutes of Health, [2011]. Disponível em: <[profiles.nlm.nih.gov](http://profiles.nlm.nih.gov)>. Acesso em: 10 out. 2011.

## JORNAIS ANTIGOS

A EDUCAÇÃO: Órgam do Grêmio Normalista. Ano 1, n. 1, out. 1918. In: BRASIL. **Biblioteca Nacional. Catálogo: Periódicos.** Rio de janeiro, c.2003. Depósito legal. Disponível em: <[http://catcrd.bn.br/scripts/odwp032k.dll?t=nav&pr=diper3\\_pr&db=diper3\\_db&use=uf&rn=131&disp=card&sort=off&ss=22862827&arg=rn](http://catcrd.bn.br/scripts/odwp032k.dll?t=nav&pr=diper3_pr&db=diper3_db&use=uf&rn=131&disp=card&sort=off&ss=22862827&arg=rn)>. Acesso em: 2 out. 2011.

ARAÚJO, José Gurgel de. Associação Educadora. **Jornal das Moças**, Caicó, RN, Anno1, n. 46, 05 dez. 1926.

COLOMBO. Recapitulação dos deveres. **Jornal das Moças**, Caicó, RN, Anno1, n. 31, 22 ago. 1926.

DANTAS, Renato. A cura da tristeza. **Jornal das Moças**, Caicó, RN, Anno1, n. 24, 18 jul. 1926.

O DECÁLOGO da Esposa. **Jornal das Moças**, Caicó, RN, Anno1, [05] dez. 1926.

DORA, Carmen. A vida em família. **Jornal das Moças**, Caicó, RN, Anno1, jun. 1926.

FLOR DE LIZ. A nota. **Jornal das Moças**, Caicó, RN, Anno1, n. 15, 16 maio. 1926.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Jornal das Moças**, Caicó, RN, Anno1, n. 32, 29 ago. 1926

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Jornal das Moças**, Caicó, RN, Anno1, n. 41, 31 out., 1926.

JORNAL DAS MOÇAS, Caicó Anno1, n. 21, 27 jun. 1926.

\_\_\_\_\_, Caicó Anno 1, n.34, 12 set. 1026.

\_\_\_\_\_, Caicó Anno1, n.44, 21 nov. 1026.

ROCEIRA. Carta da roça. **Jornal das Moças**, Caicó, RN, Anno1 n. [18?], 01 jun. 1926.

REALIZAÇÕES. **Jornal das Moças**, Caicó, RN, Anno1, n. 29, 07 ago. 1926.

**ANEXO**

**ANEXO A** - Páginas do Jornal das Moças (1926) citadas no texto.

## JORNAL DAS MOÇAS

Missiva  
do Jornal das Moças e compaphoirás  
de tanda

Breve sejam hoje as minhas últimas palavras, como breve foi talvez sua elação vencida. Comido, isso só, foi bastante para deixar me plantado n'alma uma forte e indissível saudade! Saudade, paninho de sentimento e recordação! Tu ficarás sempre como a minha saudade compatriota, caminhando paralelamente a saudade e a dor do teu desaparecimento.

Sempre emprestei a ti os melhores traços de minha pena, e mais não emprestei, porque cada um produz apenas a pequena porção que está ao alcance de seu intelectualismo.

A tua criação, importa dizer, que as moças caicoenses deixando não sei se com saudades o seculo que passara, se embrenharam pelo feminismo maravilhosamente, em marcha precipitada e triunfante.

E quando ingressaram foi com com firmeza e sem hesitações.

Sentidamente phenomenos divulgados vieram hoje tofer a sua marcha.

Porem já foi um marco que ficou plantado nos annaes do nosso intelectualismo feminino, e isto deve ser a nossa única recompensa.

Portanto, vós, fundadoras do "Jornal das Moças", sois portadoras por todos os titulos, com golpes de esforço e tenacidade, de um gesto de grandeza e patriotismo.

P. S.

CARTÕES?

SÓ AQUI.

## A NOTA

O corpo redacional resolreu suspender temporariamente a publicação deste semanário.

Não é motivo de alegria para Flor de Lis porque vai deixar de trabalhar, de escrever e de ajudar as filhas de sua terra na tarefa nobre de concorrer para o melhor de seu desenvolvimento intelectual com a publicação do "Jornal das Moças".

Não!

Nós precisamos cooperar na altura dos nossos esforços das nossas capacidades, dos nossos talentos para o progresso de Caicó que tanto amamos e jamais lhe negaremos o nosso insignificante concurso a tudo que se fizer pelo seu adiantamento.

Na expectativa de novas lutas, de novos pleitos e de novas exigências fica o humilde rabiscador destas linhas escriptas com saudade, com tristeza e com descontentamento pela retirada da simpatisada folhinha dos nossos domingos de cheios tédio.

Caicó não voltará a ser abandonada terra de outrora, pois o seu progresso actual é a garantia segura do seu futuro.

FLOR DE LIS.

## NATAL

Alegria por toda parte! Mil vozes que se encontram, que cruzam enchendo o espaço de um rumor festivo...

Os sinos repicam alegremente. Cautam a glória do nascimento de Jesus. É Natal. Festa de sentimento, festa de crença, de extase, de concentração.

As crianças se encontram olham-se reciprocamente

vestidinho novo, e saudam-se com a mão. Encontram-se o rico e o pobre.

A satisfação, a alegria geral empolgou todos os espíritos, apossou-se de todas as almas,

Paire no ar, dansa no espaço uma sensação de agradável e contagiosa alegria. E como é grande o bem-estar que nos possue, como sentimos prazer neste ambiente de paz e de douçura.

Aproxima-se a hora da Missa do Galo. Vôa para longe para bem distante o nosso pensamento. Na mangedoura simples, entre reis pastores o Menino-Deus extende os braços para a Virgem Maria. Sorri. E, o presépe de hoje. As crianças saltam de alegria quando as pequeninas luzes acendem iluminando aquela senea de amor. Depois, dirigindo a mão, se ajoelham, invocam o Deus Menino e exclamam Glória a Deus e paz aos homens. Sub o céu amigável e confortador abriga todos hoje serenamente pais, filhos, irmãos...

Serve-se a ceia animada e alegre. Quantos lares, porém, onde, falta a luz e a ceia é escassal.

Não importa! A satisfação é geral! E este vem para a rua buscar o conforto que não encontrou no seu tuguriio humilde. Vem para fora recebendo melhor o brilho das estrelas e ouvindo de mais perto o alegre repique dos sinos que anunciam, o inicio da Missa do Galo.

E lá dos céus, Christo dirá, ramará sobre nós a benção do seu sorriso a paz confortante do seu perdão.

SANTINHA  
Caicó 14 de Dezembro, 1926.

andado um suspiro uma saudade  
Uma vontade de ver  
A quem vos vé a distância  
Com os olhos do bem querer

The image shows the front page of the newspaper 'Jornal das Moças'. The title is at the top center in large, bold letters. Below it is the subtitle 'LITERATURA, HUMORISMO E CRÍTICA'. The date 'Domingo, 16 de Junho' is at the top right. There are several columns of text with names like 'DIRECTORA: GEORGINA PIRES', 'GERENTE: DOLORES DINIZ', '—CAICO—', 'RIO G. DO NORTE', 'REDACTORAS: SANTINHA ALAUJO', and 'E LRONOR CAVALCANTI'. The main articles are titled 'A NOTA' and 'O ceguinho da guitarra'. The paper has a aged, brownish appearance.



ANNO I

Domingo, 27 de Junho de 1926

NUM 121

# Jornal das Moças

LITERATURA, HUMORISMO E CRÍTICA

DIRECTORA: GEORGINA PIRES  
GERENTE: DOLORES DINIZ

—o—CAICO'—o—

RIO G. DO NORTE

REDACTORAS: SANTINHA ARAÚJO  
E LEONOR CAVALCANTI

**H**oje tenho diante de mim uma flâmulha verde—a esperança que é a ancora feliz da salvação.

Entre as aguas quietas e lodosas do mar Morto, ha tambem a lympha de christal do oceano das ideias que se agita e que se move, de vaga em vaga, na divina apotheose da luta do labor.

A vida é o movimento, a idea, o pensamento! Pensar e idealizar, eis a função do "Jornal das Moças." Tudo se reflete com fidelidade, nas columnas amigas \*

Não perturba a minha existencia, a propaganda indecorosa dos inconoclistas gratuitos, nem a grita inconsciente dos demagogos retrogados. Nasci sob a influencia de um sol tropical esplendido e brilhante!

Não me faltando o apoio moral, a sympathia da sociedade impoluta da terra em que nasci, nada importa o que falte, pois pobremente embora, contentar-me ei escrevendo e phantasias das moças, saudando os arreboes, can-

## Dr. José Augusto

No dia 21 do corrente, á noite, a nossa cidade teve o prazer de hospedar o seu benemerito filho dr. José Augusto, acompanhado dos drs. Waldemar Antunes e Sá Antunes.

A S. Exc. foi oferecido, no dia seguinte, pelo "Collegio Santa Therezinha do Menino Jesus", um lauto almoço, regressando a Natal logo depois, acompanhado de sua comitiva que levou a melhor impressão do nosso novo importante educandario.

tando as alvoradas, dentro da augusta contemplação das verdes serras de Caicó.

## PELAS ARVORES

Michel Levy, celebre hygienista francez, estudando a physiologia dos habitantes dos paizes quentes, demonstra, de uma maneira assaz interessante e com fundamentos scientificos, a influencia perniciosa do clima equatorial sobre a constituição dos individuos.

Si tantos e tão convincentes não fossem os argumentos empregados pelo eminentíssimo biólogo na demonstração da

facto que se dá com o noso sertanejo em cujo carácter se estampa beneficamente a asperza do clima, mas cuja complexão phisica de vencos resulta em grande parte do calor excessivo que envelhece na adolescência e mata na mocidade o homem aparentemente forte do Nordeste brasileiro.

As populações meridianas do nosso paiz, as que habitam justamente a zona mais temperada, gosam mais saúde, envelhecem mais devagar, são mais felizes.

Influindo maleficamente no phisico, o clima quente influe tambem desastradamente no espirito.

Esses pobres neurasthenicos que se nos deparam são vicinas, ás mais das vezes, do meio phisico, cujas influencias, felizmente, porém, podem ser modificadas.

Tal modificação deve constituir aliás um problema sério, para cuja resolução devem collaborar o povo e governo.

No parecer unânime dos hygienistas é por meio da arborisação principalmente que este problema se resolve de modo facil.

O que seja a arvore e quais os seus benefícios são coisas que até as creanças não ignoram. Contudo, deante do acrídido procedimento de certas pessoas que, além de damnificarem a arborisação publica por que tanto se tem queido a nossa Municipalidade, criticam desfavoravel-

ANNO I

Sábado, 26 de Novembro de 1926

# Jornal das Moças

LITTERATURA, HUMORISMO E CRÍTICA

|                          |                 |                                                   |
|--------------------------|-----------------|---------------------------------------------------|
| DIRETORA: GEORGINA PIRES | —O—CAICO'—O—    | REDATORAS: JULIA MEDEIROES<br>E LEONOR CAVALCANTI |
| GERENTE: SANTINHA ARAUJO | RIO G. DO NORTE |                                                   |

## A NOTA

Estamos, novamente com a grande campanha dos senhores mata-mosquitos, em casa.

Vai morrer a ultima camada das moriçocas que vive importunando a nossa paciencia e os nossos ouvidos!

Não ha de ficar vivo um martelinho dentro dos nossos potes!

Mal o camarada nos dá o bom dia, vai logo doido aos nossos potes e aos nossos depositos arrastado pelo enorme desejo de agarrar pelo pescoço o diabinho ser portador das mais terríveis doenças que se criou comosco na doce harmonia dos nossos lares, bem dentro dos nossos potes!

Levemos o nosso aplauso a essa campanha admiravel pelo nosso bem estar tratado com tanto carinho, com tanto trabalho e com tanto dinheiro!

Procuremos a amparar com a nossa franca solidariedade aos encarregados da Fundação Rockefeller que tanto se interessam

pelo bem da humanidade. O nosso paiz precisa, antes de tudo, dessa gloriosa campanha de exterminio dos nossos maiores inimigos.

Não permittir que o empregado desse abençoado movimento entre em nossa casa para fazer uma ligeira fiscalisação nas aguas, é sustentar um erro, é commetter uma falta, é investir contra o seu proprio futuro.

Portanto, tenhamos os nossos braços abertos para realisações dessa natureza que nos vem salvar dos maiores perigos, dos maiores soffrimentos e dos maiores dissabores.

FLOR DE LIS.

## Evocação

De longe, de muito longe, desse recanto tristonho e scismarento, evoco religiosamente a tua amisade, conforto do meu espírito, elo do meu coração.

A brisa fresca da tarde, traz-me nas suas azas puras, o sussurro das tuas palavras meigas. O aroma silvestre dos arbustos em flor remembra uma tarde de festa,

## CEL. ANTONIO CESINO DE MEDEIROS

Repercutiu com profunda tristeza, no dia 23 desse, a noticia do falecimento, em sua fazenda "Umary" do coronel Antonio Cesino de Medeiros, acommettido de pertinaz molestia que zombou de todos os recursos medicos.

O illustre morto era casado com a Exma. Sra. D. Octavia Benigna de Medeiros e deixa numerosa prole que chora inconsolavel a perda de amor, de mocidade, de desejos.

Tudo me fala do meu amor. Contemplo absorvia essa serras muito azues e verdes e fico junto de ti, desejosa de te ver, de conhecer-te mais.

Só minh'alma podra transpor esses montes pyramidaes que são bem os alegros do meu amor, porque ella não quer viver desalentada e triste.

O seu ideal é grande, edizivel e bello; encanta num ouvre doitado, no arredo do teu coração angustioso, está tambem toda a tua vida. Murchará minha esperança, feneçerá minha cultura, se tardares a vir com o perfume do teu carinho, visto. Espero te aqui nesse recanto tristonho e scismarento.

ANO I Domingo, 28 de Novembro de 1926

# Jornal das Moças

LITTERATURA, HUMORISMO E CRÍTICA

DIRETORA: GEORGINA PIRES REDATORA: JULIA MEDEIROS GERENTE: SANTINHA ARAUJO  
CAICO - RIO GRANDE DO NORTE - BRASIL

---

## A NOTA

Por mais de uma vez tenho escripto sobre a necessidade da nossa Prefeitura mandar fazer o serviço da limpeza e do pequeno remonte da parede do açude da Intendencia, no final do anno.

Esse reservatorio que sustenta a cidade durante dez mezes com deliciosa e abundante agua, desta vez merece mais do que nunca uma attenção toda especial, toda urgente e toda particular do sr. coronel Joel Damasceno, ilustre prefeito deste município, a quem se deve pelo seu patriotismo e pelo seu valor administrativo grande somma de importantes melhoramentos como acaba agora de fazer com o calçamento do Mercado Público.

O açude que nos serve com real aceitação, requer tres reparos, o primeiro fazer a sua limpeza completa o que é muito facil neste momento porque elle se acha totalmente secco, o segundo fizer na base, lado montante, uma parede de ter-

### Conferencia no Grupo Escolar Senador Guerra

Caicó, gosando sempre do prestigio de cidade progressista e moderna, vendo de tempos em tempos, theatro de conferencias e festas literarias, cuja aceitação com que são recebidas, diz do alto interesse que nos despertam, os motivos intellectuais.

Antes de hontem, foi

ra especial para impedir a perda enorme da agua vertente que rouba quasi a metade do agradavel liquido e finalmente prohibir como medida de alto alcance que se construam casas nos lados do mesmo açude como está acontecendo deshumanamente.

Aquiifica o nosso appello na confortadora esperança de merecer toda a consideração do nosso dignissimo Prefeito que tem sabido dar á sua administração toda a actividade necessaria, toda a honestidade precisa e todo o prestigio proprio de quella carece.

FLOR DE LIS

poeta Barreto Sobrinho, o proporcionador de oportunas, gratas e suavesemoções, com uma bela conferencia sob o titulo suggestivo: O Coronel José Bezerra de Araújo Galvão—Sua vida e sua morte.

Durante os vinte e cinco minutos de palestra na sua conferencia, o jovem beletrista despertou a mais viva e agradável impressão aos circunstantes, de quando final, rebeu francos aplausos e significativos abraços.

Ao joven intelectual autor de Marmores, bras e Tellas, as felicidades muito justas final das Moças.

### PENSAMENTOS

O riso pode ser raiz do coração, como também symbolo da resignação, bondade e principalmente do bom genio.

O homem sensato jamais ousará lançar mão da ocina para agravar os sentimentos da mulher, limitando-se apenas a apontar os seus erros. O despeito é o motivo mais justificado dos intelectistas.

ANNO I

Domingo, 31 de Outubro de 1926

# Jornal das Moças

LITERATURA, HUMORISMO E CRÍTICA

DIRECTORA: GEORGINA PIRES  
GERENTE: SANTINHA ARAUJO— CAICO —  
RIO G. DO NORTEREDATORAS: JULIA MEDEIROS  
E LEONOR CAVALCANTI

## A NOTA

Ha por toda a cidade natal um vivo desejo de levarmos os nossos relógios para a hora oficial.

Ninguem mais ignora que o "carrilhão" da Matriz, ao meio dia nos manda as suas doze badaladas, despresando a hora solar, isto é, com quarenta minutos de diferença.

Muitas casas, porém, não regulam o seu relógio pela hora mundialmente aceita e, ouvimos a cada instante dellas uma queixa injusta, um lamento improcedente, um descontentamento sem razão !

O nosso "Senador Guerra", importante templo de educação da infância e da mocidade da nossa terra ; o Telegrapho Nacional ; a Igreja Matriz ; diversas residencias familiares e algumas casas commerciaes já adoptaram a hora oficial e por que todos não accertam os seus relógios assim de termos uma hora certa ?

Não vai nisto nenhum aumento de despesa ; o relógio velho que vem

prestando o optimo serviço de nos dizer a hora solar, ficará com o mesmo trabalho, com o mesmo prazer, com o mesmo contentamento marcando a hora oficial, a hora certa, a hora regular do mundo.

Procuremos, portanto, dar aos nossos agradaveis companheiros de existencia de hoje em diante a verdadeira expressão de sua significação, isto é, marcar as horas com a exatidão determinada por uma commissão especial que estudou o assumpto com a competência scientificamente exigida.

FLOR DE LIS.

## Sonho realizado e Amor fenecido

Milton, era um jovem alto, moreno, de compleição robusta e amava loucamente a Geraldina.

Ela de estatura media, morena palida de porte franzino e coração de ouro. Ambos viveram por muitos tempos mergulhados no vasto Oceano de uma illusão querida.

Depois o noivo separou-se d'ella, deixando-a banhada em

lagrimas puramente cristalinas.

Era a primeira vez que elas experimentavam a dor da cruel saudade. A distância que os separavam não lhes permitia uma comunicação favorável e ella muito timida e receiosa sentia uma nuvem espessa invadir-lhe o ser : era a dúvida de que esta longa ausencia viesse um dia toldar o seu santo ideal, trazendo nas azas negras do destino, uma infâsta recusa de seu amado.

Numa manhã brumosa de Maio, ella ao despertar sentiu-se melancólica e disse para suas colleguinhas : "Sei que fui trahida e não terei mais o jubilo de encontrar-me com Milton ; sonhei com elle bastante indiferente e finalmente dava-me uma rival, mas como dizem que os sonhos variam, vou tornar-me alegra e não mais pensarei nisto. Geraldina procurava na doce e feliz convivencia de suas colleguinhas, esquecer aquelle sonho tentador, porém a impressão maldita atormentava sua mente e elle não querendo demonstrar seus sofrimentos, vivia compartilhando o mesmo prazer de suas colleguinhas. Mas em seu semblante tristonho, notava-se a acerba dor que lhe dilacerava a alma.

Decorreram longos dias, elas apesar da grande vassilacção, aguardava com anciada-



## Contemplação

A tarde ia morrendo. O sol despedindo-se cordava com seus últimos raios as elevadas montanhas dando a terra um reflexo avermelhado. Nuvens purpureas brilham em toda a extensão do horizonte.

Nas arvores, os passaros entoavam hymnos de agradecimento ao Creador.

Nessa hora saudosa os encantos da natureza ostentavam-se com raro esplendor.

A magnificencia de um céu sem nuvens harmonisava-se com a beleza da terra e completava um quadro arrebatador.

Nessa hora scismarenta procurei a solidão e deixei o meu pensamento voar livremente, para longe... muito longe... Para um mundo novo... onde... existe... o Amor puro, o Amor sincero onde impera outro pensamento com iguaes intenções e de uma pessoa que o estima, que o ama; deixando por esse espaço de tempo, o meu coração gozar as delícias de prazeres, que nunca sentira, e quando meu pensamento voltou dictou a Hesão mais bella que meu coração podia desejar.

Uma estrella aparecendo fulgurante lá no alto, veio lembrar-me que já era tempo de recolher-me, de interromper minha doce contemplação.

GLYCINIA

10.12.1926.

Caríssima Luiza:

Fiquei por muitos dias, até que me chegasse o teu último postal, sob uma dor atroz, esmagadora.

Não comprehendia por que querias fugir do meu amor, jogar-me ao infor-

tunio, despresar e meu affection.

Foi tão grande a minha surpresa e tão profundo o meu pesar que não encontrei palavras para perdoarte.

Todas as esperanças que existiam em mim, voaram para teu coração de mulher implorando compaixão.

E me attendeste e voltaste para mim. Como agradecer-te?

O ultimo postal que recebi de ti, trazia me o olor santo do teu amor,

VERAS

## Um passeio à beira mar

Que sedução encontrámos neste passeio! O mar estava lindo, apresentando um quadro encantador; no alto na vegava como torvelinho uma caminhada de barquinhos brancos e um vapor que se aproximava lentamente do porto.

Foi n'uma destas tardes de Março, na praia de Petrópolis junto às minhas collegui e duas de nossas boas professores que alegres gosámos esses momentos de prazer. A pezar de todo o encanto da tarde, o mar estava triste e mudo, e arrojava-se em um vago rumor de ondas, que de muito alem vinham quebrar-se nos arrecifes e depois mansamente beijavam as areias alvas da praia. No desdebrar de cada onda transfigurava-me no pensamento um passado que revive nas esperanças mortas de saudade vivas, e posso me explicar assim por que o mar é triste!

Nesta hora o sol declinava vagarosamente e em seus ul-

## Cabellos cortos

A moda dos cabellos curtos continua com grande fúror.

Explica-se. Ela na verdade graciosa e hygienica, é alegre, mais torna as cabeças das mulheres muito mais leves, o que é deliciosamente encantador e feminino...

Não conheço a fundo a complicada philosophia do cabello 'à la garçonne'. Achô difícil poder um dia conhecê-la, mesmo de maneira superficial, pois infinitamente menor que os cabellos é o cerebosinho das mulheres e esses poucos milímetros cúbicos de massa encephalica até hoje tem desafiado triunfante a analyse dos médicos e o estudo dos philosophos.

Comprehendida eu incompreendida, o certo é que a moda dos cabellos curtos é umha e de uma maneira verdadeiramente avassaladora. Ja existe uma infinitade de maneiras elegantes de vestir o pouco vajavil cabelo 'à la garçonne', com o que também lucrada as barbeiras e as laminas 'Gillet'...

Entim, já existe hoje uma notável variedade de cabellos cortados, o que é evidentemente muito mais interessante que a monotonia das perucas brancas, à moda 'rococó'.

Eis uma linda moda que

(Continua)

timos momentos de bicho, naquelle dia saíava a catuza e dormava com sens ultimos reflexos, as azuladas águas. Momentos passados, reunímos deixando o mar imenso, a gemer a aproximação da noite! enquanto andavamos eu trásia do peito a mais doce lembrança dessa separação.

JULIETA NORRÉGA

JACIAN

JORNAL DAS MOÇAS

## O Decalogo da esposa

I—Ama teu esposo acima de tudo, na terra e ama teu proximo da melhor forma que puderem; mas lembra-te de que a tua casa é de teu esposo e não do teu proximo.

II—Trata teu esposo como um precioso amigo; como a um hóspede de grande consideração e nunca como uma amiga a quem se contam as pequenas contrariedades da vida.

III—Espera teu esposo com teu lar sempre em ordem e o semblante risenho, mas não te afflijas excessivamente, se alguma vez ele não reparar nisso.

IV—Não lhe peças o superfluo, para o teu lar: pede-lhe sim, caso possas, uma casa alegre e um pouco de espaço tranquillo para as crianças.

V—Que teus filhos sejam sempre bem arranjados e limpos, que tú estejas sempre alegre como elles, que elle, ao velos assim, possa sorrisse e que essa satisfação o faça sorrir quando lembre dos seus, em esprito ausente.

VI—Lembra-le, sempre de que casaste para partilhar com teu esposo as alegrias e as tristezas da existência. Quando todos o abandonam, fica tú a seu lado e diz-lhe: "Aqui me tens! Sou sempre a mesma."

VII—Si ten esposo possuir a ventura de ter sua mãe viva, sé boa para com ella pensando em todas as noites de afflição que terá passado para protejê-lo na infancia formando o coração que um dia havia de ser teu...

VIII—Não peças á vida o que nunca ella deu a nin-

## Reflexões de um solitário...

(Escolha para o Jornal das Moças)

Neste céo rustico, onde passo mens dias de solitário, a vida deslisa mansa; sum o dynamismo brutal das cidades tentaculares... O tedio, é essa melancolia que jamais me abandona, martyriando me constantemente... Só, no coração da selva, encontro algumas vezes paz para o espírito aformentado... Vou penetrar num bosque lindo, todo florido de aquenias e lírios sylvestres... Em derredor, silencio divino de sillogeu... Apenas azas de passaros bravios crusam, de instante a instante, a solicitude dos campos: Caminho lentamente... O sól ponte fere o flanco das montanhas distantes... As montanhas queridas que velaram meu primeiro vagido e que percorri, tantas vezes, em companhia de amigos... As florzinhas de trilhos osculam-se docemente... Branda aragem passa oscilando, de leve, o velludo da alfombra... Bebo no calice do sonho tudo que de bom e puro anda na paysagem e no céo...

Deus está em mim—porque sinto na alma sua oração. Pensem, antes, que se fores útil poderás ser feliz.

IX—Quando as magras chegares não te acobardes: Luta! Luta e espera na certeza de que os dias de sol voltarão.

X—Si teu esposo se afastar de ti, espera-o. Si tarda em voltar, espera-o; ainda mesmo que te abandone, espere-o; Porque tu não és, somente a sua esposa; és ainda a honra de seu nome.

E quando um dia elle voltar, ha de abençoar-te

ção... O sól vai e fundir seu disco na concha do infinito...

Regresso ao jardim de silêncio—recanto das meditações!... O occaso destilla as ultimas pepitas de sangue... Longe, lavradores regressam das leiras—cantando...

Anoitece.

ANATALAN.

## Bilhete postal

A quem me comprei inde  
Longe bem longe de tua  
imagem que venho, para consolar-me procuro os lugares  
que as azas de minha alma  
possam voar livremente.

Saudade! dor que dilacerá  
o coração de dois entes que  
se acham ausentes pela cruel  
separação.

ALMA SENSIVEL,  
Caicó, 30/11/1926

## Associação Educadora

Como delmina o art. 26 dos nossos estatutos: "As sessões ordinarias serão trimestrais: realizat-se-ão no ultimo domingo de cada trimestre, estando presentes pelo menos 5 sócios", ficam convidados todos os sócios desta "Associação", para a reunião ultima do anno.

Dante da grande necessidade que há de tratar-se de assunto importante, exige-se o comparecimento de todos os interessados pela boa conclusão dos trabalhos da nossa utilissima e benemerita "Educadora".

O secretario:  
JOSE GURGEL DE ARAUJO.  
Caicó, 3 de Dezembro de 1926.

Amor é uma doce e sonora melodia napoles penetrando através as janellas até o nosso intimo que aljofra de lagrimas de saudades de recordações ou de esperanças!

mento os que cuidam de plantar árvores na cidade, cumple nos citar concluindo, num appello aos caicóenses para intensificarem a nossa arborização, as palavras do mais minente hygienista americano: «ha mais saude numa hóspita rodeada de árvores do que num palacio sumptuoso onde se veja plantas».

### A vida em família\*

Preocupa-me seriamente o espírito a resposta que me cumpre dar a uma interrogação que acaba de me ser feita, por minha irmã mais moça. Dotada de uma intelligencia clara e de um espírito perspicaz, apesar de sua pouca idade, é ella ainda muito inexperiente e agora é que sua educação começa a se formar em um Educandario confiado a uma importante ordem religiosa.

E' dentre quatro paredes desse collegio, da convivencia das mestras e collegas, que a sua infantil curiosidade despertou, para entre ingenua e séria, pedir a minha opinião a respeito do que seja — a vida em família.

O assumpto não é dos mais fáceis e me obriga a um pouco de reflexão. Gosto de dar o meu parecer somente quando tenho grande conhecimento do thema. Como se trata, porém, de satisfazer o pedido de uma irmã, cuja idade ha muita diferença da minha, faço um pequeno sacrifício e lhe apresento em lígeiras palavras o meu fraco pensar relativamente à vida em família.

A vida em família é essa convivencia doce e affectuosa que gosamos no lar dó, mestico, urna sacrosanta de

nossa primeiro vagido, sancutario augusto de nossa primeira caricia. A vida em familia é muito diferente da vida em sociedade, principalmente da sociedade actual, onde encontramos mais corrupção do que regeneração.

Reconheço que precisamos da convivencia em sociedade, mas esta está muito longe de se assemelhar a que recebemos no regaço amigo de nossos paes, que são na terra os nossos unicos e verdadeiros amigos.

Segundo a opinião de um grande escriptor a vida é uma serie de combinações e é preciso estudas, segui-as, para chegar a se encontrar em boa posição.

Lendo esse grande conceito, comprehendo que o escriptor faz referencia á vida e a sociedade e, com franqueza, levo palmas ás suas idéas.

A vida em familia differe muito da vida em sociedade e o nosso estudo deve se limitar em fazer do nosso lar o sancutario bemdito da nossa maior dedicação. Só assim encontraremos a felicidade e completa e poderemos compensar o muito que recebemos dos nossos paes.

Carmen Dória.

### O Foot-Ball

E' deveras lamentavel vermos o abandono a que vae sendo entregue o Sport, aqui em nossa terra; por uma parte daquelles que são incumbidos de velar pelo seu incremento

Os nossos campos se reverdecem ao acaricio ameno das chuvas que se foram, deixando suavisado o nosso cli-

ma, as tardes agradáveis e os raios solares menos causticantes. Epoca propria ao cultivo do foot-ball entre nós.

As nossas tardes dominicares, actualmente, são tristes, monotonas, sem aquella vivacidade propria de uma mocidade divertida e esperançosa como a nossa.

Esperamos ver novamente o nosso campo repleto do que a sociedade caicóense tem de mais chic e atraente. Admirar mos a alegria das nossas gentis torcedoras, graciosas e fanaticas, fazendo, com os seus gestos de aplausos, de cada jogador um campeão esforçado.

25—VI—1926.

L. C. M.

### O que S. João não gostou de ver

Tassinho conquistando duas senhorinhas ao mesmo tempo, sem que ficasse, alguma queixosa. Já é ter geito!

— Baronio fazer uma sua pequena chorai de ciúme. Se os gostos não variassem ! !

— Waldivino, alegantar, com a sua presença, duas demoiselles.

— José Pires, exultante, por ser o preferido daquella "princezinha". Santa Threzzinha não abandona os seus devotos . . .

Renato depois de conquistar debaldemente, consolou-se em ser attendido pela "vice-princezinha".

Sempre satisfaz! Peior seria se fosse infeliz, como o Salviano que nada arranjou.

A felicidade immensa de J. Josias, Como é bom ser querido!!!

Baptista.

ANO I

Sábado, 29 de Agosto de 1926

# Jornal das Moças

LITERATURA, HUMORISMO E CRÍTICA

DIRETORA: GEORGINA PIRES  
GERENTE: SANTINHA ARAUJO—o—CAICO—o—  
RIO G. DO NORTEREDATORAS: JULIA MEDEIROS  
E LEONOR CAVALCANTI

## A NOTA

As pessoas, ainda mesmo com a menor dose de cultura, são conhecidas pelo seu tratar, pelo seu modo de viver e pelo seu juizo que fazem das coisas sociaes.

Quer na igreja, no theatro no salão das sociedades dasçantes, literarias e scientificas, finalmente nas reuniões mais humildes dos operarios, pessoa alguma tem o direito de revelar a sua estupidez, a sua ignorancia, a sua má educação.

Em qualquer igreja que tenhamos o prazer de estar, por um instante de santa espiritualidade, não podemos conversar, não devemos rir, não façamos um dedo de comentario sobre o mais inocente assumpto, porque ali reina a santidade, o respeito a Deus, o reconhecimento á verdade.

Assim tambem procedemos nas reuniões de caracter social, pois, muitas vezes ali a humanidade vai buscar as bases de seu progresso, os funda-

mentos de sua riqueza, a auctoridade maxima de suas extraordinarias realizações em todas as espheras do pensamento.

Mas, voltemos ás provas que definem, que realçam, que ennobrecem as pessoas em qualquer parte onde se acharem.

Temos o "Avenida" que aos sabbados e aos domingos faz as delicias da nossa cidade, é muitas vezes frequentado por pessoa de cultura que fica muito a desejar, ora porque conserva o chapéo na cabeça, ora por que ao sentar nos bancos pouco

falta para os deixarem pedaços, ora por que, (o que é peior de tudo!) encomodar os visinhos lendo em voz alta a historia das fitas até mesmo com muito desplante de pronunciar erradamente os nomes dos senhores artistas, das cidades e até mesmo de muitas palavras communs da nossa encantadora lingua.

O que não dirá o nosso hospede que vem repleto

CARTÕES?

SO' AQUI.

das melhores informações do nosso povo!

Não leiamos alto mais o enredo dos films, procuremos corrigir essa falta nossa ainda mesmo deixando de frequentar o querido "Avenida", uma vez por outra, (muito embora com o prejuizo do patriota Enico) assim de corrigir-se de tão grave defeito, de tão peccoso costume, de tão feio hábito como o de fumar ali diante das familias e junto de pessoas que têm verdadeira repugnancia a esse vicio tanto de testa e quanto aborrecido.

Aqui fica o nosso pedido sinceramente feito a paixão, sem odio e magua para ninguem.

FLOR DE LIS

Directora Georgina Pires

gerente Santinha Araujo

Em dias da semana passada viajaram para São José do Seridó, com destino à azienda "Bom Descanso" do major Justino Dantas, e em caracter recreativo as senhoritas Georgina Pires e Santinha Araujo, respectivamente, nossa directora e gerente,

ANNO I

Domingo, 22 de Agosto de 1926

# Jornal das Moças

LITERATURA, HUMORISMO E CRÍTICA

DIRECTORA: GEORGINA PIRES  
GERENTE: SANTINHA ARAUJO— CAICO —  
RIO G. DO NORTEREDATORAS: JULIA MEDEIROS  
E LEONOR CAVALCANTI

## A NOTA

Nas cidades adiantadas, todas as escolas adoptam um certo uniforme para os seus alunos.

Não só oferecem um gosto apreciável como fazem distinguir entre si as classes ou annos - a que pertencem os seus frequentadores com pequenos pedaços de galão. E' antes de tudo um distintivo bello e bem popular, porque faz esquecer quem tenha mais recursos ou fortuna numa casa que é frequentada por dezenas de meninos de todas as categorias, isto é, posições.

Não vai nisto nenhuma coação, nenhuma humilhação, nenhuma submissão aos que tiverem mais dinheiro, pelo contrario, ha uma verdadeira prova da melhor harmonia de vista entre todos que aprendem num mesmo estabelecimento que adopta um só desejo de instruir e de educar a todos.

Os meninos que estudam num grupo escolar devem apresentar a mesma

condição de pobreza, (muito embora, no Brasil ser pobre signifique miséria!) o mesmo uniforme, a mesma apparencia e nada de vestidos caros, blusas bonitas ou qualquer uniforme que venha causar inveja aos mais necessitados.

Organisemos, portanto, o nosso Grupo Escolar "Senador Guerra" com o seu vestuario conveniente para os que o frequentam, e desde já lembremos para as meninas vestido de fazenda marron barato e blusa branca e para os meninos calça e blusa das mesmas fazendas e todos assim apresentarão o mesmo aspecto, a mesma conducta, a mesma igualdade de fortuna.

FLOR DE LIS.

## Recapitulação de deveres

E' sempre uma nota que denõe muito contra o grão de cultura de um povo, o modo pelo qual elle se conduz na sociedade.

Isto, nas ruas, nos bailes, nos salões, no cinema, no teatro ou mesmo na Igreja. Principalmente nesta, a casa de Deus, a casa de oração,

silencio e respeito. Quando penetrarmos n'um templo sacro ou mesmo em qualquer outra reunião cívica, devemos nos revestir de toda compostura moral possível. Assim manda os bons princípios de educação. E' superterrivel lastimável assistirmos a uma missa em Caicó nos domingos.

Rapazes ha que vão para missa de alpercatas. Outros que ao penetrar na Igreja esquecem de que falar alto e pisar de comforça é uma impolidez e uma grande falta de civilidade.

Muitas vezes ficamos prejudicados de ouvir o sermão do pastor em virtude do grande ruido produzido por vozes e passos. Não importa que para isto eu seja ou não bom católico; — o que importa é que eu como, todo brasileiro, saiba se conduz na sociedade.

Porque se eu não respeito a moral da Igreja, muito menos sei ter boa conducta moral e cívica. E nessa hipótese preciso de me corrigir. Necessito ler um compêndio de civilidade.

Como impressionamos mal os forasteiros que por aqui aportam com estes pedaços de burguezia?

Rectifiquemos esta falta.

COLONBO

Assigne o «Jornal das Moças».

Elle estimula o seu desenvolvimento intelectual